

FACULDADE LATINO-AMERICANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO

PETERSON AZEVEDO AMORIM

**A FORMAÇÃO EM MÍDIAS E TECNOLOGIAS DIGITAIS EDUCACIONAIS LIVRES
COMO PROPOSTA DE POLÍTICA PÚBLICA, NA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO
ESTADO DA BAHIA : O Caso da Rede Anísio Teixeira - Programa de Difusão de Mídias
e Tecnologias Educacionais Livres da Rede Pública Estadual de Ensino da Bahia.**

LAURO DE FREITAS

2021

PETERSON AZEVEDO AMORIM

**A FORMAÇÃO EM MÍDIAS E TECNOLOGIAS DIGITAIS EDUCACIONAIS LIVRES
COMO PROPOSTA DE POLÍTICA PÚBLICA, NA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO
ESTADO DA BAHIA : O Caso da Rede Anísio Teixeira - Programa de Difusão de Mídias
e Tecnologias Educacionais Livres da Rede Pública Estadual de Ensino da Bahia.**

Dissertação apresentada ao curso Maestría Estado, Gobierno y Políticas Públicas da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais e Fundação Perseu Abramo, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Magíster en Estado, Gobierno y Políticas Públicas.

Orientador/a: Prof^a.Doutora Rosemary Segurado

Lauro de Freitas

2021

AMORIM, Peterson Azevedo.

A Formação em mídias e tecnologias digitais educacionais livres como proposta de Política Pública, na rede pública de ensino do Estado da Bahia : O Caso Da Rede Anísio Teixeira - Programa de Difusão de Mídias e Tecnologias Educacionais Livres da Rede Pública Estadual de Ensino da Bahia / Peterson Azevedo Amorim. Lauro de freitas: FLACSO/FPA, 2021. 137 f:il.

Dissertação (Magíster en Estado, Gobierno y Políticas Públicas), Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, Fundação Perseu Abramo, Maestría Estado, Gobierno y Políticas Públicas, 2021.

Orientador/a: Rosemary Segurado

PETERSON AZEVEDO AMORIM

**A FORMAÇÃO EM MÍDIAS E TECNOLOGIAS DIGITAIS EDUCACIONAIS LIVRES
COMO PROPOSTA DE POLÍTICA PÚBLICA, NA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO
ESTADO DA BAHIA : O Caso da Rede Anísio Teixeira - Programa de Difusão de Mídias
e Tecnologias Educacionais Livres da Rede Pública Estadual de Ensino da Bahia.**

Dissertação apresentada ao curso Maestría Estado, Gobierno y Políticas Públicas, Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, Fundação Perseu Abramo, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Magíster en Estado, Gobierno y Políticas Públicas.

Aprovada em

Profa.Dra Rosemary Segurado
Pós- doutorado em Comunicação Política pela Universidade Rey Juan Carlos de Madrid /
FLACSO Brasil/FPA

Prof.Drº. Penildon Silva Filho
Pró-reitoria de ensino de
graduação/ Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Profa. Doutoranda Jussia Carvalho Ventura/
Doutoranda em
Antropologia - PPGSA - Universidade Federal do Pará (UFPA)

Profa. Mestre Desirèe Louise Lopes
Coordenadora de Conteúdo/ Instituto Claro

Dedicatória...

- *"Dedico in memoriam à minha amada e querida sogra Avani Matos Rodrigues, que faleceu em junho de 2020, em decorrência da COVID e a todas as vidas brasileiras, ceifadas por essa pandemia e pela péssima gestão do governo federal em tratar essa crise.*
- *A minha amada mãe Elisa e família, a minha amada esposa Monique Azevedo e ao meu amado filho Cauê Azevedo.*
- *A minha Orientadora e querida amiga Rosemary Segurado.*
- *A todos os meus professores da graduação e pós-graduação, que foram de fundamental importância na construção da minha vida como pesquisador.*
- *Aos Professores e Professoras da Rede Pública de Ensino do Estado da Bahia. A todos meus parceiros e parceiras de luta da Rede Anísio Teixeira e ao Partido dos Trabalhadores, que possibilitaram essa oportunidade.*
- *E a todos e todas estudantes da Escola Pública, que são os mais importantes atores sociais deste país, que de alguma forma contribuíram para a esperança de um país mais equânime, justo e progressista.*

Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos, às pessoas que foram imprescindíveis para a realização dessa escrita. Meus colegas Professores e Professoras da Rede Anísio Teixeira Ana Cristina, Ana Rita Medrado, André Soledade, Armando Castro, Carlos Barros, Camila Amorim, Cláudia Pessoa, Cristiane Brito, Elzeni Bahia, Geize Gonçalves, Geraldo Seara, Guel Pina, Joalva Moraes, Lilian Campos, Lúcia Marsal, Luciano Albuquerque, Márcia Cristina, Márcia Barros, Márcia de Fátima, Márcia Pereira, Marcus Leone, Maria Auxiliadora, Maria Dantas (Marilú), Mônica Mota, Nildson Veloso, Raulino Júnior, Ródnei Souza, Samuel de Jesus, Valdineia Santos, Viviane Paraguassú e aos excelentes colaboradores da área do audiovisual e da ciência da computação, Gabriel Luhan, Josymar Alves, Nicolás Daniel Romero Hernández, Rodrigo Maciel e Thiago Vinicius, essenciais na produção e divulgação de todos os dados contidos nesta dissertação. A minha querida **Alda Pinto**, que sem seu apoio administrativo e carinho, nada disso seria possível. Aos meus irmãos de alma Professores Carlos Eduardo Massa, Harrison Araújo, Toni Couto, Vécio Luiz, Yuri Wanderley. Ao grande idealizador da Rede Anísio e grande Professor Pós-Doutor e amigo Penildon Silva Filho. A todos e todas Professoras, Professores e estudantes da Rede Pública de Ensino da Bahia.

RESUMO

Esse trabalho tem como proposta metodológica uma pesquisa qualitativa, hipotético-dedutivo, de base descritiva. Baseado em um estudo de caso, tendo as formações em produção de mídias educacionais livres, produzidas e mediadas pela Programa Rede Anísio Teixeira, por meio de entrevistas e depoimentos dos Formadores da Rede Anísio e de Professoras, Professores e Estudantes da Rede Pública que participaram dos processos formativos da Rede Anísio. Pretende analisar a produção de mídias e tecnologias digitais educacionais como proposta de política educacional, na rede pública de ensino do estado da Bahia, por meio do estudo de caso, a práxis das formações em Mídias e Tecnologias digitais da Rede Anísio Teixeira – Programa de Difusão de Linguagens e Tecnologias da Comunicação, do Instituto Anísio Teixeira – IAT / Secretaria Estadual da Educação do Estado da Bahia e suas relações com os processos avaliativos da Educação Básica no Estado. Assim como compreender o Programa de Difusão de Linguagens e Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação, especificamente, os processos de formação em mídias e tecnologias digitais livres produzidos e ofertados pela Rede Anísio Teixeira, Instituto Anísio Teixeira / SEC-BA, como processos de qualificação docente, no que se refere à formação continuada da Rede Pública de Ensino do Estado da Bahia, além de dialogar epistemologicamente com a Pedagogia dos Multiletramentos, como processo metodológico no ensino-aprendizagem. Sugerir como políticas públicas educacionais digitais livres, os processos formativos desenvolvidos e aplicados pela Rede Anísio Teixeira, no Estado da Bahia.

Palavras-chave: Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação. Políticas Públicas. Formação Continuada. Colaboração. Mídias e Tecnologias Educacionais Livres. Rede Anísio Teixeira

ABSTRACT

This work has as its methodological proposal a qualitative, hypothetical-deductive, descriptive research. Based on a case study, the training in the production of free educational media produced and mediated by the Rede Anísio Teixeira Program through interviews and testimonies of the Teachers of the Program and Teachers and Students from the Public schools who participated in the formative processes of the referred Program. It intends to analyze the production of educational digital media and technologies as a proposal for an educational policy in the public education system in the State of Bahia, through a case study, the praxis of training in digital Media and Technologies of the Rede Anísio Teixeira Program – Diffusion Program of Languages and Technologies of Communication, of the Instituto Anísio Teixeira – IAT / State Secretariat of Education of the State of Bahia and its relations with the evaluation processes of Basic Education in the State. As well as understanding the Program for the Diffusion of Digital Languages and Technologies of Information and Communication, specifically, the training processes in free digital media and technologies produced and offered by the Rede Anísio Teixeira Program / Anísio Teixeira Institute / SEC-BA, as Teachers qualification processes, concerning the continuing education of the Public Teaching Network of the State of Bahia, in addition to dialoguing epistemologically with the Pedagogy of Multiliterations, as a methodological process in teaching-learning. Suggest as free digital educational public policies, the training processes developed and applied by the Rede Anísio Teixeira Program, in the State of Bahia.

Keywords: Digital Technologies of Information and Communication. Public policy. Continuing Education. Collaboration. Free Educational Media and Technologies. Anísio Teixeira Network

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 O uso de aparelhos de TV por Domicílio (2019)_____	75
Figura 2 O uso de equipamentos comunicacionais em (2019)_____	76
Figura 3 O número de aparelhos de TV por Domicílio _____	76
Figura 4 Processo de formação e pauta da TV Anísio Teixeira (2008)_____	78
Figura 5 Processo de formação dos professores selecionados (2008)_____	80
Figura 6 Gravação do Programa Almanaque Viramundo (2009)_____	82
Figura 7 Programas da primeira temporada da TV Anísio Teixeira_____	83
Figura 8 O Programa e suas diretrizes e objetivos pedagógicos_____	87
Figura 9 Lançamento da TV Anísio Teixeira (2010)_____	89
Figura 10 Organograma metodológico da Rede Anísio Teixeira (2021)_____	90
Figura 11 Resultados pedagógicos da Rede Anísio entre 2019 e 2021 _____	92
Figura 12 Linhas de Atuação da Rede Anísio Teixeira _____	95
Figura 13 Formação em mídias e tecnologias educacionais livres _____	98
Figura 14 Formação em mídias e tecnologias educacionais livres _____	100
Figura 15 Formação em Fotografia como metodologia pedagógica _____	103
Figura 16 Formação em interpretação escola Tupinambá de Olivença _____	105

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. INFORMAÇÃO, CIBERCULTURA E EDUCOMUNICAÇÃO	17
1.1 CIBERESPAÇO E AS REDES SOCIAIS - VULNERABILIDADES OU PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO?.....	29
1.2 A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DA DESINFORMAÇÃO - REVISITANDO OS CLÁSSICOS.....	34
2. DIÁLOGOS METODOLÓGICOS NOS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM - UMA BREVE HISTORICIDADE SOBRE O PROCESSO DE DEMOCRATIZAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA E SEUS PROCESSOS DE LETRAMENTO	38
3. O OBJETO DE ESTUDO E SUAS EXPERIÊNCIAS EPISTEMOLÓGICAS - SEMIÓTICA E MULTILETRAMENTOS - CAMINHOS A SEREM DISCUTIDOS POR UMA ESCOLARIZAÇÃO PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA	58
4. O PROGRAMA REDE ANÍSIO TEIXEIRA - SUAS EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS: COMO PROPOSTA DE POLÍTICA PÚBLICA, PARA REDE DE ENSINO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA - O PROGRAMA TV ANÍSIO TEIXEIRA - EXPERIMENTAÇÃO E PESQUISA EDUCACIONAL	72
5. A REDE ANÍSIO TEIXEIRA - SUA METODOLOGIA E SEUS PROCESSOS DE PRODUÇÃO, FORMAÇÃO E DIFUSÃO DE MÍDIAS E TECNOLOGIAS DIGITAIS EDUCACIONAIS LIVRES	88
5.1 A REDE ANÍSIO TEIXEIRA E SEUS PROCESSOS FORMATIVOS - EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS EPISTEMOLÓGICAS, COMO SUGESTÃO DE POLÍTICA PÚBLICA DE ESTADO.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	112
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, observa-se uma necessidade imediata da ampliação do que se refere às leituras de mundo. As tecnologias Digitais de Informação e Comunicação-TDIC já consolidadas exigem, por parte dos sujeitos, leitura, apropriação, produção, capacidade de interpretar e usar as mídias digitais com mais autonomia, profundidade, ética, contextualização, criticidade e colaboração. As mídias sociais, se utilizadas com este objetivo, podem ser grandes parceiras na gestão e construção do conhecimento. Estamos vivendo a era da sociedade em rede e a escola pública não pode ficar à margem desse processo. A palavra rede vem do latim *retis*, que se refere a entrelaçamento, ou seja, tecer fios informativos, para a construção e ressignificação de novas ideias.

No âmbito escolar, essas redes podem se tornar um elo entre as informações espalhadas no universo cognitivo e o conhecimento epistemológico, mas para que esta relação seja efetivada, faz-se necessário atentar para os processos de democratização da informação no espaço cibernético, onde o sujeito possa, de forma efetiva, acessar, produzir conhecimento e compartilhar saberes. A informação é o bem mais precioso que construímos ao decorrer de nossa existência, seja de maneira cognitiva ou mediada. Coletar, identificar, classificar, processar, armazenar e compartilhar conhecimentos por meio digital, inclusive nas redes sociais, podem sistemicamente ser um dos caminhos viáveis para o gerenciamento eficaz das informações necessárias para o bom andamento das atividades pedagógicas de uma unidade escolar, mas tendo sempre em mente a importância motivacional e de compartilhamento deste conhecimento.

As comunidades do conhecimento sempre existiram. Se pensarmos nas universidades, nos clubes de estudo, nas academias de letras e tantas outras formas de gerar saberes como fomentadoras do conhecimento, afirmamos suas importâncias. Mas o que antes era reduzido a pequenos espaços, foram amplificados pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação - TDIC, que, em um primeiro momento, assustou e formou-se em um emaranhado de coisas, mas que hoje se constituem em uma excelente biblioteca, organizada e dividida por temáticas livres, onde podemos alimentar, ressignificar e compartilhar conteúdos.

Essa dinâmica é prioritária e fundamental na Escola, entendendo que esta construção perpassa pela pesquisa, produção e colaboração, sempre atentando para os objetivos finais e prezando pela ética e credibilidade da fonte. A escola deve ser empreendedora de saberes e conteúdos livres, deve se adequar às novas realidades, sem perder de vista seu papel – formar cidadãos críticos, levando em consideração a sua territorialidade. Em decorrência da intensificação dos processos da globalização, em especial os processos oriundos da revolução técnico-científica-informacional, as relações e as leituras de mundo modificaram as nossas noções de espaço e de relações comunicacionais. Nesse sentido, a imagem, o signo e os símbolos se apresentam como um elo fundamental nos processos de interlocução no espaço, possibilitando novos olhares sobre as relações sociais e seus processos de produção e organização. A educação não pode ficar à margem destes processos, as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação propiciaram um novo fazer pedagógico, fazer voltado para a nova dinâmica dos espaços e dos tempos construídos pela acelerada estrutura globalizada. **Com Geógrafo, e tendo o espaço geográfico como seu objeto de estudo, essa discussão sobre a cibercultura e o ciberespaço, além de abordarmos também a educação mediada pelas tecnologias não pode ser mais dialogada como “novas alternativas” na construção e gestão do conhecimento, ela hoje já pode ser considerada um organismo vivo e pulsante e a escola e nas relações sociais estabelecidas nas principais categorias geográficas, como o lugar, a paisagem e o território, em sua diversidade cultural, como elementos de abordagens epistemológicas, pois as estruturas comportamentais assim se estabelecem, tanto na materialidade do espaço, quanto no ciberespaço.**

E é com este objetivo que propomos uma intervenção metodológica tendo os processos formativos em Produção de Mídias e Tecnologias Digitais Livres, produzidas pela Rede Anísio Teixeira, como provocadora de uma discussão acerca das (inter)relações sociais e seus saberes, tendo como proposta, novos letramentos e/ou multiletramentos, que nos possibilite um entendimento mais amplo de mundo, possibilitando organizarmos nossas informações com maior criticidade, contextualidades e regionalidades, para que se possam construir e gerir, com mais solidez, os saberes e fazeres e seus diversos letramentos. Mas para a efetividade e materialidade desse pensamento, faz-se necessário o entendimento das importâncias das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação neste processo,

o qual seja pensado e estruturado em um ambiente virtual de aprendizagem e que possibilite a autonomia, liberdade, flexibilidade, colaboração e o compartilhamento dos fazeres e saberes apreendidos.

Essa escrita tem como proposta principal, analisar a produção de mídias e tecnologias digitais educacionais como política educacional, produzidas pela Rede Pública de Ensino do Estado da Bahia, em específico a práxis das formações em Mídias e Tecnologias Digitais da Rede Anísio Teixeira – [Programa de Difusão de Linguagens e Tecnologias da Comunicação](#), do Instituto Anísio Teixeira – IAT / Secretaria Estadual da Educação do Estado da Bahia e suas relações com os processos avaliativos da educação Básica no estado. Além de sugerir esse Programa como Política Pública Educacional para o Estado da Bahia, apresentando novos caminhos epistemológicos para a escolarização da Rede Pública de Ensino da Bahia.

A educação e suas metodologias de ensino e aprendizagem devem estabelecer um diálogo de proximidades possíveis na construção e gestão do conhecimento, devem ir além da complementação textual, devem provocar pesquisa, produção, regionalização e criticidade dos conteúdos. Deve-se, sempre que possível, ampliar a noção simples do porvir mercadológico. Devem estabelecer diálogos com a contemporaneidade e suas relações de tecnicidades. Devem dialogar com o novo, mas sempre tendo como foco de seu fazer, a contextualidade, a ética, a criticidade, a colaboração e a liberdade de ideias.

As tecnologias e a produção de Mídias e Tecnologias Educacionais Livres devem ser compreendidas como instrumento dialógico, crítico no tempo e no lugar, problematizando e contextualizando as relações que se estabelecem no espaço geográfico e suas implicações. Essas produções devem ser entendidas e interpretadas como sendo parte conceitual e identitária do seu interlocutor.

Esta relação entre educação e a produção de mídias e tecnologias digitais livres foi processada efetivamente na contemporaneidade e amplificadas com o advento das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs). A educação, mediada pelas tecnologias, apresenta-se como uma alternativa muito interessante, no que se refere aos processos de ensino e aprendizagem, enfatizando sempre a gestão do conhecimento de maneira interativa, ética e colaborativa. As TDICs, já consolidadas, exigem, por parte dos sujeitos, apropriação, produção, a capacidade de interpretar e usar as mídias digitais com mais autonomia, profundidade, ética, colaboração, contextualização e criticidade. Com isso, o curso

em questão propõe uma reflexão maior no que se refere ao entendimento e uso das mídias livres, como instrumento na construção e compartilhamento de saberes, sobretudo através de discursos autorais.

A escola não pode mais negar as novas formas de letramentos e de construção do conhecimento, tendo as TDICs e o ciberespaço como locus destas aprendizagens. Levy (1994) já nos alertava que o espaço cibernético introduz a ideia de que toda leitura é uma escrita em potencial. Entendendo e interpretando estes novos espaços de aprendizagem, a escola deve compreender e fomentar, novos caminhos pedagógicos e metodológicos para trabalhar seus conteúdos curriculares, com a finalidade de inserir-se nas discussões sociais e de comunicabilidade com a contemporaneidade.

Assim, propomos uma discussão mais ampla sobre os processos de aprendizagem, mas especificamente sobre a importância da produção de mídias e tecnologias educacionais livres, como instrumento de diálogo direto com as novas organizações do espaço social e nas suas relações comunicacionais e na produção do conhecimento crítico, ético, contextualizado e colaborativo. As mídias sociais, como são hoje utilizadas nas escolas, de longe são sub utilizadas meramente como ilustradoras de um determinado assunto ou tema e, por vezes, desconstruindo a proposta pedagógica, por não ser devidamente contextualizada e tendo sua territorialidade ressignificada.

De acordo com Gombrich (1986), para ver é necessário antes aprender a ver. A imagem, em especial a fotografia, não pode ser relegada como nos livros didáticos, como mera coadjuvante do processo, deve ser entendida em sua complexidade, levando em consideração suas múltiplas linguagens. A fotografia deve ser o ponto de partida para o diálogo acerca do que se propõe. A fotografia não pode ser entendida apenas em seus elementos formais, mas deve sim, ser interpretada em sua completude, onde os elementos que ali se apresentam, são um recorte do tempo histórico e identitário, onde se apresentam as expressões culturais de um povo ou nação.

A educação mediada pelas tecnologias não pode ser mais entendida como uma simples aposta deste processo, hoje se faz uma realidade concreta e dinâmica nas relações de ensino-aprendizagem. O professor é o caminho para a real implantação e construção de um projeto efetivo nas relações de aprendizagem mediadas pelas tecnologias na rede pública de ensino.

Nesse sentido, esgotam-se as discussões, acerca da implantação de novas práticas pedagógicas, mediadas pelas tecnologias, já podemos avançar neste sentido, discutindo a oferta das múltiplas plataformas de ensino a distância no Brasil e a sua dinâmica nos processos de construção e gestão do conhecimento. E, nesta discussão, podemos falar sobre as plataformas de aprendizagem abertas, livres e para todos, dialogando diretamente com as novas formas de aprender a aprender.

A proposta desta pesquisa é, por meio de um estudo de caso, suscitar a construção de um processo formativo continuado para professores e estudantes da rede pública de ensino em especial, tendo os processos formativos em Produção de Mídias Educacionais Livres, ofertados pela Rede Anísio Teixeira.

Um dos pilares nos processos formativos da Rede Anísio Teixeira é fomentar a autonomia do discente e do docente, no que se refere a produções de mídias educacionais livres, autorais, crítica, ética, contextualizada e colaborativa. Esses processos formativos são estimulados pelos fazeres colaborativos e dialógicos em sua essência pedagógica.

É nesse sentido que esta pesquisa propõe identificar as relações entre esse processo formativo, oferecido pela Rede Anísio Teixeira, e a proposta de Políticas Públicas Educacionais como forma de lei, para esse Programa, para que o poder público não sofram com as discontinuidades, com as pressões lobistas e suas caríssimas plataformas digitais, que, muitas vezes, não respeitam a contextualização e nem a territorialidade do Estado/Município, a que se propõem estarem metodologicamente inseridas, sem sequer realizar uma anamnese em seus grupos sociais. Tendo responsabilidade com o erário público, haja vista o programa Rede Anísio Teixeira, aqui analisado, é realizado por servidores concursados e os objetos educacionais digitais são produzidos, catalogados, e suas formações, preconizam a filosofia dos softwares de códigos abertos e licenças livres no ensino da Rede Estadual de Educação Pública do Estado da Bahia.

A princípio essa escrita tinha como metodologia um aprofundamento etnográfico de maior profundidade (adentrar mais fundo nas relações formativas entre os formadores da Rede Anísio e a comunidade escola), mas, com o advento das Pandemia no mundo e o isolamento social, tivemos que traçar novos rumos investigativos sobre o objeto da pesquisa, logo, a proposta metodológica desta pesquisa é hipotético-dedutivo, de base descritiva. Por este motivo adotamos a abordagem metodológica de um estudo de caso, tendo as

formações em produção de mídias educacionais livres, produzidas e mediadas pelo Programa Rede Anísio Teixeira, órgão formativo do Instituto Anísio Teixeira, Secretaria Estadual da Educação da Bahia. No primeiro capítulo abordamos os processos informacionais e educacionais, nos espaços da cibercultura e do ciberespaço e suas imbricações educacionais e de desinformação na contemporaneidade. No segundo capítulo abordaremos de maneira bastante breve, os processos de escolarização e suas escolhas epistemológicas, para o estabelecimento de políticas públicas educacionais no Brasil. Já no terceiro capítulo trazemos a tona uma discussão acerca das metodologias contemporâneas que estão diretamente relacionadas a motivação dessa escrita, que é a influência da Pedagogia dos Multiletramentos e suas aplicabilidades nos processos formativos da Rede Anísio Teixeira, trazendo a discussão a semiótica como base científica, e de construção dialógica e metodológica, nas ações pedagógicas da Rede Anísio Teixeira. Nos capítulos quarto e quinto, adentramos o objeto de estudo da pesquisa, que é o de abordarmos o Programa Rede Anísio Teixeira, trazendo um pouco da sua historiografia, suas abordagens epistemológicas e científicas, a escolha ideológica pela utilização de softwares e licenças livres em seus processos formativos, que é a principal motivação desta pesquisa, além de fomentarmos como sugestão que o programa Rede Anísio Teixeira, possa vir a ser um projeto de lei e de políticas públicas educacionais para a educação pública do Estado da Bahia, por meio das experiências dos formadores, coordenadores do Programa, a construção de seus processos formativos, como processos metodológicos para docentes e discentes da rede pública de ensino do Estado da Bahia.

Já nas considerações finais, discutiremos as vulnerabilidades administrativas, institucionais, de pesquisa, de mudanças ideológica, ameaças políticas e de interesses privados, que vêm atingindo diretamente o [Programa de Difusão de Mídias e Tecnologias Educacionais da rede pública estadual de ensino da Bahia](#)¹ - [Rede Anísio Teixeira](#)². Ameaças políticas, administrativas e institucionais, essas que vêm ocorrendo, desde 2017, até os dias dessa escrita, por gestões das diretorias que coordenam o programa, dentro do Instituto Anísio Teixeira/SEC, em suas alianças

¹ Disponível em: <http://educadores.educacao.ba.gov.br/rede-anisio-teixeira>

² Disponível em: <http://pat.educacao.ba.gov.br/>

partidárias, que pode ocorrer a sua descontinuidade do Programa, nos próximos anos, além de desconstruir todo o know how pedagógico, constituído há 13 anos de diálogo colaborativo e de pesquisa por educadores, técnicos e colaboradores de toda a Rede de Ensino do Estado da Bahia, com a participação direta, nos processos formativos em seus processos avaliativos, realizados por discentes e docentes, ou seja, uma política baseada na participação democrática, no respeito ao erário público, por não utilizar plataformas externas, e por estruturas do poder de capital e de interesses individuais, esses que não atentam para a ética, a contextualização, as territorialidades da Bahia e principalmente pela metodologia da colaboração na constituição dos saberes e de seus multiletramentos. Por este motivo, a escolha da utilização do uso de softwares e licenças livres em sua produção e formações, esses realizados por servidores efetivos, selecionados por editais públicos, e em gestões progressistas, está escrita sugere que este Programa se transforme efetivamente em um projeto de lei e de Políticas Públicas.

1. INFORMAÇÃO, CIBERCULTURA E EDUCOMUNICAÇÃO

A palavra “mídia” (de meios de comunicação social, generalizadamente envolvendo os jornais, a rádio e a televisão), como diz o Ciberdúvidas, é uma palavra latina; e o plural, pois, de “médium”. Portanto, deve ser pronunciada /média/, e não à inglesa “mídia”, como se ouve por aí na televisão e na rádio. Mas qual a influência dessa relação nos processos de ensino-aprendizagem e nas estruturas do World Wide Web? Nesta primeira abordagem, discutiremos as relações entre cibercultura, educação e comunicação na contemporaneidade. Suas estruturas podem ser um caminho viável para o pleno desenvolvimento da educação, ou um processo intensificador de comando/controle?

Na contemporaneidade, observa-se uma necessidade imediata na ampliação do que se refere às leituras de mundo. As tecnologias digitais de Informação e comunicação já consolidadas exigem, por parte dos sujeitos, apropriação, a capacidade de interpretar e usar as mídias digitais com mais autonomia, profundidade, ética, colaboração e criticidade. O ciberespaço é uma realidade globalizante e deve ser questionada em suas diversas dicotomias tecnosociais.

Em primeiro lugar, que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. (LÉVY, 1999, p. 16)

A palavra "ciberespaço" foi inventada em 1984 por William Gibson em seu romance de ficção científica *Neuromante*. No livro, esse termo designa o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural (LÉVY, 1999). As sociedades digitais têm como desafios contemporâneos, ampliar as discussões acerca dos novos conflitos e paradigmas que surgem nas relações do ciberespaço e que podem ser questionados e ressignificados em sua essência e em suas relações éticas e de confiabilidades. Para esse autor, o conceito de Ciberespaço refere-se como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. A perda da acrópole midiática e de sua instabilidade sistêmica de verdade "absoluta" passa a ser questionada em suas estruturas, em decorrência do desenvolvimento tecnológico e por meio da redemocratização nas redes comunicacionais. Tudo isso se segue numa perspectiva dialógica, objetivando o desenvolvimento de competências cognitivas e afetivas, assim como a emancipação cidadã dos sujeitos no processo. Como se estabelece a produção, editoração e distribuição das notícias nas redes digitais e na grande mídia? Como a Escola está representada nesse contexto? Vivemos novos tempos informacionais? Para ASCOTT (Ascott apud Lévy, 1999 p.13), um dos pioneiros e principais teóricos da arte em rede, o que estamos vivenciando seria um "segundo dilúvio", o das informações. As estruturas de poder foram e estão sendo ressignificadas, ampliando suas ações não mais apenas nas relações presenciais e nas influências diretas do capital, mas agora intensificando o ciberespaço como estratégia de acesso direto aos usuários/eleitores, mesmo não estabelecendo metodologias científicas éticas e comprometidas com os fatos e sim concretos com o factual da dúvida, do senso comum, da profilaxia extirpadas como colchas de retalho de diversos fatores históricos descontextualizados e atabalhoados. por meio de textos curtos, sem fundamentação científica. Esses artifícios estéticos objetivam a disseminação de ideias frágeis, porém bastante atraentes e convincentes direcionadas a um público com sérias vulnerabilidades intelectuais.

Não quero de forma alguma dar a impressão de que tudo o que é feito com as redes digitais seja "bom". Isso seria tão absurdo quanto supor que todos

os filmes sejam excelentes. Peço apenas que permaneçamos abertos, benevolentes, receptivos em relação à novidade. Que tentemos compreendê-la, pois a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista. [...] Não quero dar a entender, com isso, que a universalidade do ciberespaço é "neutra" ou sem consequências, visto que o próprio fato do processo de interconexão já tem, e terá ainda mais no futuro, imensas repercussões na atividade econômica, política e cultural. Este acontecimento transforma, efetivamente, as condições de vida em sociedade. [...] chamo-a de "universal sem totalidade". Constitui a essência paradoxal da cibercultura. (LÉVY, 1999, p. 17, 110 e 111)

Nesse sentido, visa-se também estimular a apropriação do ciberespaço, mesmo sem termos o controle dos usos sociotécnicos dessas tecnologias comunicacionais, pois a própria sociedade tem engrenagens específicas de criação, usos e autorregulação, que, quando os tecnocratas, a mídia comunicacional e os pesquisadores se dão conta, essas tecnologias já estão incessantemente disseminadas (nas garagens e corredores minúsculos das universidades) na sociedade. O uso e a disseminação de conteúdos em multimeios digitais, numa perspectiva crítica, regional e contextualizada, podem possibilitar o desenvolvimento de trabalhos voltados à comunicação jornalística, pedagógica e artística colaborativamente nas escolas. A escola não pode estar à margem desse diálogo.

O ciberespaço (que também chamarei de "rede" é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo "cibercultura", especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente (colaborativamente) com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p. 23).

Não podemos negar, na contemporaneidade, as diversas formas de leituras e da construção de novas configurações de diálogos, que vão além da palavra escrita e da oralidade. De acordo com Lévy (1999), o irrefreável crescimento do ciberespaço nos indica alguns traços essenciais de uma cultura que deseja nascer (LÉVY, 1999, p. 160). Guardemos isso na memória e continuemos nossa análise. A imagem e a cibercultura já se estabelecem como realidades no mundo contemporâneo e sociotécnico e, com presença cimentada no espaço constituído e geográfico. As estruturas imagéticas no ciberespaço, assim como a escrita e o audiovisual, passam, hodiernamente, a tornarem-se fortes instrumentos de leitura e interpretação de

mundo. Antes entendidas apenas como elemento documental de registro da realidade.

A cibercultura expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas culturais que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer. Precisamos, de fato, colocá-la dentro da perspectiva das mutações anteriores da comunicação. (LEVY, 1999, p. 20).

Hoje com o advento das tecnologias digitais da informação e comunicação, em especial os dispositivos móveis como instrumento de captura e comunicabilidade, tendo as redes sociais como suporte de difusão e compartilhamento, a construção coletiva de ideias e ideologias podem ser uma forma mais dinâmica e um poderoso instrumento de diálogo no mundo globalizado, já que a escrita visual independe de entendimento direto, no que se refere à linguística, amplificando o modo de expressar-se, por meio da interpretação imagética. Lévy (1999) nos alerta que primeiramente “o crescimento do ciberespaço não determina automaticamente o desenvolvimento da inteligência coletiva, apenas fornece a esta inteligência um ambiente propício” (LÉVY, 1999, p. 30). As estruturas comunicacionais associadas aos processos pedagógicos devem propor diálogos de proximidades metodológicas nas etapas do ensino-aprendizagem, devem provocar pesquisa, produção, criticidade dos conteúdos no ciberespaço e nas novas realidades do ensinar e mediar. A tecnologia como estrutura isolada não possui a capacidade de transformar uma realidade, como aborda Levy.

Seria a tecnologia um ator autônomo, separado da sociedade e da cultura, que seriam apenas entidades passivas percutidas por um agente exterior? Defendo, ao contrário, que a técnica é um ângulo de análise dos sistemas sóciotécnicos globais, um ponto de vista que enfatiza a parte material e artificial dos fenômenos humanos, e não uma entidade real, que existiria independentemente do resto, que teria efeitos distintos e agiria por vontade própria. [...] É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo. (LÉVY, 1999, p. 25 e 26)

As Redes Públicas de Ensino devem ser compreendidas como instrumento dialógico crítico no tempo e no lugar, problematizando e contextualizando as relações que se estabelecem no espaço geográfico e suas implicações. A escola deve ser entendida e interpretada como sendo parte conceitual e de identidade da sociedade que a medeia e socializa. A apropriação tecnológica é fundamental como estratégia

para a Rede Pública de Ensino. Lévy (1999) afirma que "o ciberespaço, dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresenta-se justamente como um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva." (LÉVY, 1999). A demonização das relações sociotécnicas não pode ser um único caminho de disseminação de ideias e movimentos sociais. A obviedade do não negacionismo, das influências do capital sobre as tecnologias digitais da informação e comunicação, não podem anular o seu potencial criativo, colaborativo e reativo, onde possibilidades de formação e informação ética, crítica e contextualizadas sejam possíveis.

Por trás das técnicas agem e reagem idéias, projetos sociais, utopias, interesses econômicos, estratégias de poder, toda a gama dos jogos dos homens em sociedade. Portanto, qualquer atribuição de um sentido único à técnica só pode ser dúbia. [...] O desenvolvimento das cibertecnologias é encorajado por Estados que perseguem a potência, em geral, e a supremacia militar em particular. É também uma das grandes questões da competição econômica mundial entre as firmas gigantes da eletrônica e do software, entre os grandes conjuntos geopolíticos. Mas também responde aos propósitos de desenvolvedores e usuários (colaboração, cultura hacker, códigos abertos e softwares livres) que procuram aumentar a autonomia dos indivíduos e multiplicar suas faculdades cognitivas. A prensa de Gutenberg não determinou a crise da Reforma, nem o desenvolvimento da moderna ciência européia, tampouco o crescimento dos ideais iluministas e a força crescente da opinião pública no século XVIII — apenas condicionou-as. [...] Uma técnica não é nem boa, nem má (isto depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), tampouco neutra (já que é condicionante ou restritiva, já que de um lado abre e de outro fecha o espectro de possibilidades). (LÉVY, 1999, p. 26, 28 e 29)

É nesse sentido que pensemos a educação, a tecnologia e a comunicação como sendo um dos possíveis caminhos ao diálogo por uma escola pública emancipatória, ética, crítica, aberta e colaborativa, onde possa de, maneira efetiva, elevar a sua capacidade de produzir cultura, conhecimento sistêmico e ciência onde não seja mais vista como um arremedo "educacional" ou "migalhas" dadas aos mais vulneráveis socialmente, como paliativos eleitoreiros factualizando as política públicas, sem realmente planejá-las e executá-las de maneira efetiva e responsável.

Se faz urgente essa luta real contra os estereótipos construídos ao longo de sua democratização (a escola). A tecnologia determina ou condiciona? Segundo Lévy (1999), realmente possuímos arrogância ao pensarmos que teremos controles sobre os processos inventivos e as tecnologias em duas ideologias e essências?

As verdadeiras relações, portanto, não são criadas entre "a" tecnologia (que seria da ordem da causa) e "a" cultura (que sofreria os efeitos), mas sim entre

um grande número de atores humanos que inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas. (LEVY, 1999, p. 25)

A comunicabilidade digital transformou-se muito a partir dos BBS (Bulletin Board System), desde sua invenção em 1972, um sistema de mensagens eletrônicas que eram compartilhadas publicamente entre seus usuários. Eram as primeiras comunicabilidade massiva que se produziu, ampliando a sua área de ação comunicativa, para além dos telefones, que eram compartilhados apenas por duas pessoas. Assim, com essa evolução, surgiu a WWW (World Wide Web), ampliando suas capacidade de letramentos, pois os antigos BBBs, compartilhavam apenas textos, com a invenção do WWW, ampliam-se as possibilidade de letramentos, como imagens, gráficos, vídeos que juntos se configuraram em um processo comunicacional heterogêneo chamados de hipertextos.

Comunidade virtual é um grupo de pessoas se correspondendo mutuamente por meio de computadores interconectados. Hipertexto é um texto em formato digital, reconfigurável e fluido. Ele é composto por blocos elementares ligados por links que podem ser explorados em tempo real na tela. A noção de hiperdocumento generaliza, para todas as categorias de signos (imagens, animações, sons etc.), o princípio da mensagem em rede móvel que caracteriza o hipertexto. A World Wide Web é uma função da Internet que junta, em um único e imenso hipertexto ou hiperdocumento (compreendendo imagens e sons), todos os documentos e hipertextos que a alimentam. [...] Aquilo que identificamos, de forma grosseira, como "novas tecnologias" recobre na verdade a atividade multiforme de grupos humanos, um devir coletivo complexo que se cristaliza sobretudo em volta de objetos materiais, de programas de computador e de dispositivos de comunicação. É o processo social em toda sua opacidade, é a atividade dos outros, que retorna para o indivíduo sob a máscara estrangeira, inumana, da técnica. [...] Neste caso, a qualidade do processo de apropriação (ou seja, no fundo, a qualidade das relações humanas) em geral é mais importante do que as particularidades sistêmicas das ferramentas, supondo que os dois aspectos sejam separáveis. (LÉVY, 1999, p. 29 e 30)

Um dos caminhos a ser dialogado, nessa escrita, é as possibilidades de compreender como o tradicionalismo educacional transfigurou os processos de ensino aprendizagens, meros transmissores de estruturas de pensamento engessadas e sem as possibilidade de criticidade e/ou questionamentos, processos esse, amplificados nos períodos da ditadura militar. Descontextualizados de uma realidade crítica e produtora de conteúdos emancipatórios, libertador e contextualizado. (CITELLI, SOARES, LOPES, 2019), Motivados por essas inquietações, o Estado de São Paulo, por meio da Departamento de Comunicação e Artes - CCA da ECA-USP, desde os anos 80/90 do século XX, abre discussões acerca

das relações possíveis de diálogos entre a educação e a comunicação, como elementos na produção de conteúdos educacionais, que pudesse ampliar seus entendimentos entre as relações sociais produzidas e debatidas no mundo contemporâneo e as liberdades democráticas no Brasil. Eis que surgem os debates acerca do termo "educomunicação" (CITELLI, SOARES, LOPES, 2019), onde propõem promover processos comunicativos-educativos apoiados em relações dialógicas e colaborativas, voltados à formação cidadã. Como essa perspectiva já apresentava um sustentáculo legal, as discussões acerca da mesma foram ampliadas e transformadas em projetos de políticas públicas no Brasil. A citar:

Lei nº 13. 941, de 29 de dezembro de 2004, instituidora, no município de São Paulo, do programa Educom: educomunicação pelas ondas do rádio; Programa Mais Educação, que abre espaço, entre as suas dez áreas de atividades opcionais, para as escolas desejosas de participar do programa Ensino Médio inovador, introduzindo o "macrocampo educomunicação" e a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que proclama a necessidade de se pensar as relações entre comunicação e educação. (CITELLI, SOARES, LOPES, 2019, p. 15.)

A Educomunicação passa a permear as discussões nas universidades e em grupos de estudos no país, como elemento de criticidade sistêmica, em prol de novos rumos da educação no Brasil. Surge como elemento marcante contra os processos ditatoriais que, de certo modo, ditavam as regras nos processos de ensino e aprendizagem.

A educomunicação é uma área que nasce motivada por determinado quadro histórico, aquele no qual vicejavam as ditaduras latino-americanas dos anos de 1960. De certa maneira, é uma reação ao autoritarismo que marcou o Cone Sul, em seu desfile de violência, censura e negação das bases do estado democrático de direito. Naquela conjuntura de violência repressão e proibições, acionar estratégias para fazer circular a informação e o conhecimento censurados e intermediados exigiu dos grupos populares, professores, jornalistas, artistas e intelectuais, pactuados com a democracia, o incremento de ações comunicativo-educativas capazes de fraturar o círculo de ferro forjado pelos militares e seus acólitos civis. É compreensível que os movimentos de resistência ao autoritarismo fossem desdobrados em inúmeros empreendimentos postos sob a insígnias (atribuídas ao automeadas) de imprensa alternativa, escola libertadora, teatro do oprimido, música de protesto ou literatura crítica dos meio de comunicação. (CITELLI, SOARES, LOPES, 2019, p. 13 e 14)

A educomunicação entra em consonância com os novos tempos da Cibercultura de Lévy, na contemporaneidade, no sentido de entendermos os sistemas comunicacionais de maneira ampla, crítica e estabelecendo relações coletiva nas

produções de ideias e conceitos, essas que devem ser amplamente discutidas e debatidas por todos as instâncias de poder e do conhecimento. Citelli apud Soares e Lopes (2019) reforça a ideia de que os termos educomunicação e diálogo devem estar associados, consideremos o primeiro rapidamente [...] Por esta vereda, que vincula diálogo e abertura, caminharíamos tanto no território da educação como no da comunicação, a fim de que não se transformem em armas poderosas de comando/controle nas sociedade vulneráveis, decorrentes de seus frágeis sistemas educacionais e formativos. A expressão "Educomunicação" não surge de maneira fictícia, com o objetivo de revolucionar os processos de ensino-aprendizagens, mas como possibilidades de diálogo democrático. Sugerindo a ampliação do "chão da escola" e o rompimento dos muros invisíveis construídos nos períodos de ditadura militar.

Expressão neológica "educomunicação". Tal escolha não ocorreu aleatoriamente, mas foi resultante de ao menos três incitações: a retomada e ressignificação do citado termo na práxis social latino-americana, na luta dos movimentos sociais pelo reconhecimento do direito universal à comunicação; resultado de pesquisa feita com comunicadores-educadores de vários países latino-americanos, sob coordenação do professor Ismar de Oliveira Soares, que indicava existir um âmbito de reflexões e práticas ensejadas no termo; e o reconhecimento de se estar diante de um problema teórico cujos contornos não podiam estar limitados à educação para os meios - media education, conforme terminologia adotada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) em documentos mais recentes - , ou para a leitura crítica da comunicação. (CITELLI, SOARES, LOPES, 2019, p.14)

Nos diálogos iniciais acerca dos processos educacionais, surge a dialética, educomunicação como meio ou como estratégias metodológicas a serem aplicadas em sala de aula? Será mais uma mística conceitual produzida no afã das emoções científicas de firmamos conceitos? Ou realmente intensificarmos processos metodológicos consistentes ao ponto de sugerirem, esses, como processos de política pública? Citelli apud Soares e Lopes (2019) acreditam que cabe reconhecer que, se o possível exercício do diálogo é um problema concernente a estratégias mediadoras discursivas, ou a entendimentos do próprio conceito de comunicação. Essa dialética permeia as relações entre educação e comunicação em suas vaidades e estruturas de poder, mas podem dialogar como processos estruturantes de formação transdisciplinar, como já se viu entre outras áreas do conhecimento, como por exemplo entre a geografia e a física - a geofísica, que hoje já possui a respeitabilidade em produção científica para se estabelecer como ciência. Estruturar

as unidades escolares, em especial as redes públicas de ensino de aparatos tecnológicos comunicacionais, é uma estratégia que se sustenta por si só? A mediação dos professores em suas formações acadêmicas de primeira instância, seriam suficientes para mediar essas estruturas tecnológicas digitais contemporâneas? O diálogo informal entre educação e comunicação seria suficientemente simples, para a efetiva implantação metodológica da Educomunicação.

Dada a centralidade do diálogo quando se perscruta sobre uma possível gnose educacional, tentaremos verificar até onde os andamentos monológicos da linguagem, normalmente associados ao mundo da escola, têm ou não continuidade quando os dispositivos comunicacionais adentram as salas de aula, seja na forma de aparatos voltados ao fazer didático-pedagógico, a exemplo de televisores e celulares, seja por registrarem presença no cotidiano de professores e alunos, usuários que são de computadores e meios locativos, portanto, a criarem linha direta entre o dentro e o fora dos espaços escolares. (CITELLI, SOARES, LOPES, 2019, p.17)

O monológico discurso de outrora da tradicionalíssima escola secundária deve ser pensado como estratégia de poder e de comando/controle, já que se aplicavam formas unilaterais comunicacionais nas relações sociais em tempos coloniais, lembremos das estratégias jesuíticas. Assim como da recente democratização da educação no Brasil, quando o interlocutor (o professor, representante estanco do estado) era a representação do poder (estabelecido) e o receptor, mero receptáculo da informação. Não era levado em razão das relações de austeridade entre os grupos sociais. Freire (2013) já nos alertava para estas estratégias de poder.

Só se comunica o inteligível na medida em que este é comunicável. Esta é a razão pela qual, enquanto a significação não for compreensível para um dos sujeitos, não é possível a compreensão do significado à qual um deles já chegou e que, não obstante, não foi apreendida pelo outro na expressão do primeiro. A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados. (FREIRE, 2013, p. 46)

Nas novas relações comunicacionais permeadas pelos processos tecnológicos digitais da comunicação e informação, o sujeito é transitório no tempo e no espaço entre o virtual e o real, ou melhor, a liberdade comunicacional e de pertencimento desses sujeitos, na produção do conhecimento informacional tanto presencialmente quanto virtualmente é hoje uma realidade inegável. Os dispositivos comunicacionais fazem-se presentes no cotidiano dos cidadãos, esse que conecta e re-conecta a cada instante, ou seja, o sujeito passa a ter "autonomia" sobre seus processos de fala e

escuta. A cibercultura é uma realidade, o que precisamos saber é que realidade é essa, e como se estabelece nas relações de comunicabilidades de poder, política e produção de conhecimento. Bauman(1999) diria que estamos vivenciando uma modernidade líquida sem concretude, descartável, sem valores fixados no saber. Para esse autor, devemos separar Poder de Política, pois para ele, o poder é a capacidade de fazer coisas enquanto que a política é a capacidade de decidir que coisas devem ser feitas. A educação e a comunicação vivem períodos de interregno, se pensarmos no que disse o sociólogo polonês, já que a antiga maneira de agir não funciona mais, contudo novas formas de agir ainda não foram inventadas. A educação e a comunicação estão vivendo esse interregno.

Verificamos que as práticas educativas estão, de forma direta ou indireta, fortemente marcadas pelas linguagens e pelos dispositivos comunicacionais. É por meio deles ou junto com eles que se torna viável executar os trânsitos discursivos multidimensionais - mecanismos decisivos regente dos vínculos comunicativos-educativos -, ou seja, promover deslocamentos entre os variados sistemas de signos e seus suportes. (CITELLI, SOARES, LOPES, 2019, p.19)

Mas será que realmente temos controle sobre esses dispositivos ou as vulnerabilidades tornam-se evidentes em seus usos não mediados, principalmente em países em desenvolvimento. Umberto Eco desenvolve a ideia de McLuhan segundo a qual os meios assumem o controle do processo produtivo da informação e, por conseguinte, do poder. (MACHADO e RAMOS, p. 48, 2019)

Ou 'usuários" (apesar de não achar a semântica adequada), esses, interlocutores entre o mundo formal e o ciberespaço, têm o controle de suas ações na produção de saberes nesses midiáticos espaços, como afirmam Citelli, Soares e Lopes (2019), os usuários, quando assujeitados aos dispositivos, correm o risco de entregar os seus destinos aos objetos. Corroborando com essa ideia, Lévy (2019) afirma que a palavra "virtual" pode ser entendida em ao menos três sentidos: o primeiro, técnico, ligado à informática, um segundo corrente e um terceiro filosófico. O fascínio suscitado pela "realidade virtual" decorre em boa parte da confusão entre esses três sentidos. Na acepção filosófica, é virtual aquilo que existe apenas em potência e não em ato, o campo de forças e de problemas que tende a resolver-se em uma atualização. (LÉVY, 1999, p. 47). Continuam Citelli, Soares e Lopes (2019) afirmando o perigo da não mediação pedagógica nos usos dessas estratégias tecnológicas informacionais e comunicacionais, para ilustrar tal problema, bastaria

lembrar o acionamento, muitas vezes, ingênuos, que os indivíduos fazem das redes sociais, dando sequência notícias falsas (*fakes news*), *nudes*, *memes*, cujo espalhamento termina por cometer fatos, acontecimentos, corpos e reputações que perpassam por vulnerabilidades sociais. O letramento digital é fundamental para pensarmos em um ciberespaço, que possa contribuir com a produção de conhecimentos, a coletividade acadêmica do pensamento crítico e suas complexidades. A mídiatização não pode ser relegada às estruturas dominantes e suas redes comunicativas, atreladas aos interesses individuais e baseados no capital e na codificação infotécnicas. Os signos e símbolos produzidos por essas transnacionais podem vir a tornar-se um sistema de redoma incontrollável, sem a mediação dos processos educativos e podem ser as condutoras de uma sociedade avessa a determinadas lutas por direitos universais, tais como: cidadania, liberdade, gênero, igualdade, direitos civis e democráticos, já que a historicidade distributiva dos meios de comunicação se deram em períodos difíceis no Brasil, quando os poderes duros da ditadura é que ditavam as regras e eram responsáveis por "barganhar" essas distribuições políticas/comunicacionais da mídias no país. Historicidade essa, que por necessitarem de uma maior aprofundamento epistemológico e conceitual, não será abordada, nessa escrita, aprofundadamente.

E mais, no regime de mídiatização fica o desafio de expandir a cidadania comunicativa pondo-a em estreito contato com o mundo da educação, destacadamente aquela manifesta nas salas de aula. Neste reenquadramento é oportuno mirar para as reflexões e práticas que estão sendo levadas a termo pela educomunicação e assinaladas em tópico anterior. (CITELLI, SOARES, LOPES, 2019, p.19)

As vulnerabilidades na virtualidade da internet, essa controlada por códigos específicos e a interesses desconhecidos de maneiras explícitas e democráticas, haja vista, e que esses - os códigos, ainda não se transformaram em signos sociais e em linguagens entendíveis ao ser humano comum, tornam-se estratégias perigosas no sentido amplo de comando/controlo social e na condução de ideologias e pensamentos direcionados a intenções privadas, sem levarem em conta a diversidade etnográfica e sociológica, constituídas ao longo da historiografia humana. Nesse sentido, Foucault aborda o Biopoder como sendo a "explosão de técnicas numerosas e diversas para obter a subjugação dos corpos e o controle de populações":

Quem domina os códigos domina o processo de circulação. Esta dominação, no sentido estrito da palavra, ou seja de controle, é também fragmentada.

Alguns dominam os códigos em nível de máquina, outros de software, outros, ainda, os códigos de circulação de conteúdo em determinados formatos, como os formatos de busca, cuja maior representante é o Google, que domina seus próprios códigos, já que são propriedade privada. Assim, aqueles que dominam os códigos passam a controlar o acesso a conteúdos e ainda, mais do que o acesso, a forma como este se dá. [...] Isso aconteceu, por exemplo, no caso das eleições norte-americanas, quando a Cambridge Analytica comprou dados e metadados de usuários e pôde elaborar um código algoritmizado para o processamento destes dados visando certos efeitos cognitivos baseados em análises psicométricas calculadas para atingir determinados efeitos, leia-se: para influenciar o voto em determinado candidato. (MACHADO e RAMOS, p. 42, 2019)

O ciberespaço pode ser uma categoria geográfica desterritorializada, mas necessita da democratização sistêmica da codificação do sistema informático-digital para que haja o entendimento da territorialização (identidade) desse lugar. A abertura desses códigos e sua decodificação, inserida como linguagem acessível a todos e todas, pode possibilitar uma ampliação no entendimento dos fluxos das informações, a fim de que essas possam ter conhecimento e identidade. Para isso, sugere-se a formação sistêmica da sociedade, no que se refere à constituição desse léxico causal moderno em uma linguagem própria contextualizada e contemporânea. Se os códigos permanecerem sob o controle das instituições do capital privado e de seus interesses geopolíticos, as vulnerabilidades sociais podem intensificar-se e tornando-nos "robôs", de um sistema manipulativo e controlador de ideias e conceitos, muitos deles sem o respaldo dos processos metodológicos científicos, para a comprovação eficácia de resultados consistentes, já que a Rede Mundial de Computadores queimam etapas nos processos científicos e em suas metodologias.

É igualmente possível treinar agentes de software especializados, conhecidos como knowbots ("robôs do conhecimento"), para pesquisar periodicamente no ciberespaço informações multimodais interessantes e apresentá-las automaticamente sob a forma de "revista" estruturada interativa ou de hiperdocumentos especialmente compostos para uma pessoa. (LÉVY, 1999, p. 108)

A virtualização da informação, cada vez mais tem o acelerador, como ponto de partida para a divulgação de dados e conteúdos. Para Lévy (1999, p.64), a informação em fluxo designa dados em estado contínuo de modificação, dispersos entre memórias e canais interconectados que podem ser percorridos, filtrados e apresentados ao cibernauta de acordo com suas instruções. Deve-se pensar nas consequências sociológicas, políticas e etnológicas dessa velocidade fugaz, podendo

até ocasionar a superficialidade na construção ou diálogo na produção do conhecimento. Como alerta o autor:

A informação digital (traduzida para 0 e 1) também pode ser qualificada de virtual na medida em que é inacessível enquanto tal ao ser humano. Só podemos tomar conhecimento direto de sua atualização por meio de alguma forma de exibição. Os códigos de computador, ilegíveis para nós, atualizam-se em alguns lugares, agora ou mais tarde, em textos legíveis, imagens visíveis sobre tela ou papel, sons audíveis na atmosfera. (LÉVY, 1999, p. 48)

Não se pode negar, contemporaneamente, a infinitude da disseminação da informação no Ciberespaço e em suas multimodais plataformas. As possibilidades de interconectividades globais e culturais, em frações de um clique, conecta pessoas e grupos em relações virtualizadas, imagéticas e textuais. O que poderia ser uma amplitude racional de interpretação de mundo e de fluxos de pensamentos, que pudessem construir pontes de relacionamentos que diminuíssem os processos de desigualdades, diferenças sociais, étnicas, xenofóbicas e de gênero. Mas quem controla esses códigos? Quem detém as tecnologias mais avançadas nesse sistema de disseminação e na perfilização desses usuários, seria o vale do silício o epicentro dessa disseminação? Este trabalho suscita provocar essa discussão. O mundo virtualizado pode ser um viés de transformação científica/educacional? Acreditamos que a educação e seus instrumentos metodológicos (já testados e comprovados cientificamente, mesmo que ainda em processos de diálogo) de ensino-aprendizagens e suas expertises podem contribuir nesse contexto. A mediação processual e suas estratégias podem nos auxiliar criticamente em ampliarmos a discussão de letramento(s), onde o usuário possa vir a transformar-se em leitores digitais.

1.1 CIBERESPAÇO E AS REDES SOCIAIS - VULNERABILIDADES OU PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO?

É inegável as vulnerabilidades no ciberespaço que facilitam o anonimato para práticas de crimes e a disseminação de pós-verdades. Mas, por outro lado, existem possibilidades de construções coletivas de conhecimentos e iniciativas de combate ao crime organizado e as diversas modalidades corruptivas, por meio de monitoramentos mais precisos, combate à pedofilia, à violência contra a mulher e tantos outros delitos produzidos por milícias digitais, além de ampliarmos os

processos de construção do conhecimento mais consistente e de maneira compartilhada. Como então pensarmos nesse dilema? Chegamos a um paradoxo. No ano de 2016, as chamadas *Fake News* ganharam dimensões planetárias e hoje passam a ditar regras na sociedade e nas suas estruturas de comando/controle, através de criminosos cibernéticos. Mas o que é que chamamos de desinformação? Segundo a Comissão Europeia seria:

A desinformação é entendida como informação comprovadamente falsa ou enganadora que é criada, apresentada e divulgada para obter vantagens económicas ou para enganar deliberadamente o público, e que é suscetível de causar um prejuízo público. O prejuízo público abrange ameaças aos processos políticos democráticos e aos processos de elaboração de políticas, bem como a bens públicos, tais como a proteção da saúde dos cidadãos da UE, o ambiente ou a segurança. (COMISSÃO EUROPEIA, 2018, p.4)

Mas não podemos ser inocentes e interpretar que esse fenômeno é contemporâneo, fruto da tecnologia digital, mas ganhou força e velocidade na era do ciberespaço, o que se torna uma transmissibilidade perigosa e, quando não mediada, uma arma poderosa para distorções e manipulações sociotécnicas, políticas e econômicas. As Fake News podem ser entendidas desde o mito da caverna Platônica, quando o filósofo grego suscitou que a manipulação e o controle social, por intermédio de uma determinada ideologia faz-se possível. Basta construir uma ideia fictícia e reproduzi-la, para um determinado grupo aprisionado em seu pequeno mundo (como uma caverna, um quarto e um computador), como bem falou o nazistas Joseph Goebbels "uma mentira contada mil vezes, torna-se uma verdade". Assim também podem ser os veículos de comunicação brasileiros em específico, pois respondem a interesses de determinadas empresas capitalistas e suas ideologias políticas, não que não noticiem os "fatos", mas com a maestria da escrita os manipulam para que pareçam algo mais "interessante" e mais palatável à população brasileira que tem alto índice de desenvolvimento intelectual. Para Oxford (Costa e Romanini 2019), "pós verdade" foi eleita como palavra do ano pelo dicionário Oxford, que a descreve como "circunstância nas quais os fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal".

Foram os próprios veículos de comunicação que iniciaram o debate sobre os perigos das fake news para as democracias, ainda em setembro de 2016, com o artigo "Art of the lie" ("Arte da mentira"), publicado pela revista inglesa *The Economist*, que destacava o termo post-trust (pós-verdade, em português) e culpava a internet e as redes sociais pela disseminação de mentiras. (COSTA e ROMANINI, 2019, p.67)

Hoje, a pós-verdade não pode ser mais entendida como algo estanque no ciberespaço e nem ignorada como instrumento de manipulação de poder e das estruturas do capital. O capitalismo cibernético evoluiu para a crítica e para o apelo emocional e crenças ideológicas e fundamentalistas e não para o elogio e para produção da ciência. Podemos observar as reações psicológicas dos usuário nas redes sociais, quando recebem alguma informação sem base de dados comprobatórios, a indignação e o compartilhamento quase chegam a ser imediatos, suas vulnerabilidades ficam evidentes, podendo causar graus elevados de irritabilidades, o ódio vende mais que o elogio, podendo migrar para processos de depressão, que pode vir a tornar-se um prato cheio para as influência do capitalismo digital e para o consumo. O resultado a esse processo de "negação digital à ciência" é uma avalanche de Fake News, cada vez mais vorazes, e acabam por criar "tribos digitais" que pensam iguais, baseados e personalizados por algoritmos que cruzam seus interesses comuns, dificultando assim o desenvolvimento crítico do pensamento sistêmico e contraditório. Segundo Costa e Romanini (2019), essas notícias falsas atingem um determinado público:

O impacto se dá sobre um público muito mais geral do que o de consumidores de notícias produzidas pelos veículos de comunicação, atingindo inclusive os extremos do espectro de faixas etárias (por exemplo, crianças não alfabetizadas e um grande público da terceira idade com baixa escolaridade, que jamais tivera hábito de leitura de notícias. (COSTA E ROMANINI, 2019, p. 69)

As maiores empresas capitalistas do mundo que controlam o ciberespaço, na contemporaneidade, são sem dúvidas - A GOOGLE e o FACEBOOK. A pesquisadora estadunidense Shoshana Zuboff lançou o livro "A era da vigilância" justamente para questionar a maneira como

[...] "big data" é acima de tudo o componente fundamental de uma forma profundamente intencional e altamente consequente nova lógica de acumulação que chamo de capitalismo de vigilância. Esta nova forma de capitalismo da informação visa prever e modificar o comportamento humano como um meio de produzir receita e controle de mercado. Capitalismo de vigilância gradualmente se constituiu durante a última década, incorporando uma nova relação social e política que ainda não tem estado bem delineado ou teorizado. (ZUBOFF, 2019)

Entretanto, será que o ciberespaço tornou-se apenas o vilão da conversa e/ou da sociabilidade digital? Devemos ter cautela nessas afirmações. Como bem sugeriu Lévy (1999, p.168), a interconexão em tempo real de todos com todos é certamente a causa da desordem. Mas é também a condição de existência de soluções práticas

para os problemas de orientação e de aprendizagem no universo do saber em fluxo. Podemos utilizar esse ambiente não como usuário, como citou TUFTE (2019), no Documentário *The Social Dilemma*, "existem duas indústrias que chamam seus clientes de usuários: a de drogas e a de software", é nesse sentido que devemos questionar as terminologias produzidas pelo capitalismo digital e ficarmos vigilantes aos processos de produção do conhecimento, sempre com a capacidade de medirmos esses interesses. Devemos pensar coletivamente no ciberespaço de modo a produzirmos conhecimentos consistentes e baseados em fatos e na ciência. Lévy (1999) completa dizendo: "De fato, essa interconexão favorece os processos de inteligência coletiva nas comunidades virtuais, e graças a isso o indivíduo se encontra menos desfavorecido frente ao caos informacional". (LÉVY, 1999, p. 168). Ou seja, devemos pensar a rede em rede, porém uma rede que possa se relacionar constituindo interconexões baseadas no pleno desenvolvimento educacional e social, trabalhando para o altruísmo real e o bem estar social. Assim é possível construir possibilidades em políticas públicas efetivas integradoras, equânimes e que proponham a diminuição das desigualdades sociais, mas, acima de tudo, tendo a respeitabilidade às diversidades culturais planetárias. A luta contra a pós-verdade não pode cessar, devemos sempre, principalmente no chão da escola, estar munidos de informações checadas e oficiais. No Brasil de hoje, já temos alternativas para combater o hackeamento das *Fakes News*. Existem agências que contrapõem e derrubam a pós-verdade produzidas pelas milícias digitais, como por exemplo, a Agência Lupa e o Projeto Comprova.

As *Fakes News* também podem ser consideradas como um dos diversos fenômenos e manifestações sociológicas do ciberespaço e não podem ser entendidas como a epistemologia comunicacional das redes digitais na contemporaneidade. Contudo, é inegável que com a profusão de dados e informações alimentadas e disseminadas pela rede mundial de computadores - a WEB, sem qualquer controle em tempo real, as *Fakes News* ganham força a cada dia. Conforme Costa e Romannii (2019, p.72), seriam efeitos colaterais da cibercomunicação. Além das diversas agências que surgiram no decorrer da massificação das notícias, a educação pode ser uma possibilidade de combate a essas estratégias de poder. A partir da democratização da educação no Brasil, em meados das décadas de 1950 do século XX, e referendadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - a LDB, de 1996, a qual promulga que "O ensino será ministrado com base nos seguintes

princípios: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” (BRASIL, 1996). Como também no Art. 2º. A educação passa então a ser uma das mais importantes instituições do país a estabelecer o conhecimento formal como estratégia de desenvolvimento social, econômica e política. Para isso, deveria estar nos sustentáculos dos seus fazeres, a ciência e a produção de conhecimento. Alheio a essa realidade a Comunicação no Brasil, no mesmo período historiográfico, passa a ter influências do capital estrangeiro, para se estabelecer no país, concomitante carrega consigo os ideais desses mesmos, que, em sua maioria, de bases conservadoras e fundamentadas no capitalismo financeiro. Essas empresas comunicacionais passam a exercer maior influência na informação, em decorrência do avanço tecnológico e tecnicistas dos aparelhos transmissores comunicacionais, e sua democratização, que não requer obrigatoriedade e nem deveres para com os processos de *feedback* de aprendizagens, como eram cobrados nas unidades escolares, ou seja, sem nenhum processo de mediação. Então, as estruturas de poder da Comunicação passam a ganhar mais espaço nos processos de informação e comando/controle, com isso o que se vê, na verdade, é uma pseudo aprendizagem, que descarta a mediação e a comprobabilidade científica de fatos e dados. Para Walter Lippmann (2008), o fato de que as informações que circulam na sociedade são de segunda mão e geram, por sua assiduidade e seus estereótipos, uma opinião pública altamente sugestionada e direcionada pelas grandes agências mediáticas. Apesar dessas fortes influências do capital comunicacional e da massificação de suas ideologias, a educação pode ainda ser um caminho viável, para novas estratégias de pensamento crítico.

É a partir desses grupos de teorias, embora existam outros, assim como pesquisas que tentam costurar uma teoria à outra, que se desenvolveu a educomunicação, um campo interdisciplinar que prevê, como antídoto para essas diferentes e complexas formas de manipulação da cultura, da comunicação e dos meios, uma intervenção social cujo objetivo é libertar aqueles que estão presos na caverna de Platão. Além disso, a educomunicação é um campo vasto e complexo que busca, por um lado, alfabetizar o público em relação aos meios de comunicação, explorando suas possibilidades discursivas e a forma como a tecnologia *enforma* e *informa* produtos e mensagens, permitindo diferentes interpretações do mundo que nos cerca. [...] Também é preocupação da educomunicação a defesa da liberdade de expressão e dos direitos individuais, como livre manifestação em todos os meios disponíveis. (COSTA e ROMANINI, 2019, p.74)

A educação pode ser, no Brasil, apesar de sua tardia democratização, um percurso a ser fortalecido e ressignificado, por meio das tecnologias da informação e

comunicação digitais, tendo como premissa a presença maciça de instituições sérias, idôneas, oficiais e educativas e de novas metodologias de ensino-aprendizagem baseadas na amplitude do conhecimento produzido, utilizando técnicas contemporâneas, como é o ciberespaço. Aí entram os pensamentos e a produção científica nos campos da Educomunicação e dos processos dos recentes pensamentos sobre letramento(s), como objeto de estudo, para resignificarmos essas discussões.

1.2 A EDUCAÇÃO EM TEMPOS DA DESINFORMAÇÃO - REVISITANDO OS CLÁSSICOS

Para entendermos melhor como chegamos a esses processos de intensa manipulação digital na contemporaneidade e como as Políticas Públicas educacionais não tiveram interesse de fomentar este universo discursivo de maneira mais consistente, precisamos estudar os pensadores que antecedem esses processos e os complicadores desse universo constituinte do ciberespaço e, conseqüentemente, da amplitude e massificação da pós-verdade. Será que a educação no Brasil se deu de maneira democrática e para todos? Será que os processos de ensino-aprendizagem não estão incutidos nos valores de uma sociedade branca, cristã e capitalista? A educação no Brasil é progressista e libertária? Estamos preparados para a liberdade crítica do pensamento? Ou não, a educação não foi pensada como Política Pública inclusiva e sim para formação de uma elite? Ou tudo isso, como afirma a extrema direita conservadora é tudo “Mimimi”³?. Na segunda parte deste capítulo, tentaremos suscitar essas discussões. Começamos então como o célebre professor e pensador Paulo Freire, quando nos diz que:

Não são raras as vezes em que participantes destes cursos, numa atitude em que manifestam o seu "medo da liberdade", se referem ao que chamam de "perigo da conscientização". "A consciência crítica (... dizem...) é anárquica." Ao que outros acrescentam: "Não poderá a consciência crítica conduzir à desordem"? Há, contudo, os que também dizem: "Por que negar? Eu temia a liberdade. Já não a temo"! [...] Na verdade, porém, não é a conscientização que pode levar o povo à "fanatismos destrutivos". Pelo contrário, a conscientização, que lhe possibilita inserir-se no processo histórico, como sujeito, evita os fanatismos e o inscreve na busca de sua afirmação. (FREIRE, 1987, p.15).

³ "O termo que remete ao choro é normalmente usado na tentativa de diminuir a manifestação de ideias de uma pessoa". Hoje, este termo é muito utilizado pela extrema direita para ridicularizar as lutas dos movimentos sociais e dos Direitos Humanos.

O sectarismo e o negacionismo retornam como força, nas discussões contemporâneas no que se refere à ciência e aos processo de ensino-aprendizagem, principalmente nas esferas das Ciências Humanas e nas discussões acerca de Políticas Públicas inclusivas e distributivas. Pensamentos conservadores, fundamentalistas e equivocados retomam com força, no pós Lulismo no Brasil. Faz-se necessário, nessa discussão, ampliarmos os horizontes coletivistas do pensamento crítico, ético e contextualizado, no sentido de fugirmos do reacionarismo, da "segurança" e do "medo", compreendendo a necessidade de caminharmos por um processo de luta e por desenvolvimento de uma educação libertadora e emancipadora. Nas últimas eleições do século XXI, mais precisamente nas eleições do ano de 2018, observou-se uma forte participação digital nas redes sociais e, com fortes influências na desinformação, inclusive com a suspeita de utilização da tecnologia baseadas na realidade virtual (robôs), com o objetivo de macular e manipular ideias de determinados candidatos e de seus projetos políticos dos políticos, valendo-se, assim, de estratégias que hoje (re)inventamos de pós-verdade ou popularmente de *Fake News*.

A educação, no sentido lato da palavra libertadora, pode ser uma das mais importantes estratégias de combate a esses esquemas espúrios e que comprometem a democracia nacional, não apenas no Brasil, mas em países de bases democratas. A mediação científica e as estruturas comunicacionais devem ater-se às fontes e aos processos de produção do conhecimento que se baseiam em dados consistentes e comprovadamente científicos, que passam ou passaram por todas as etapas metodológicas de confiabilidades e experimentações. A escola pública, que abriga em sua maioria a população brasileira, deve ser um desses pilares de sustentabilidade ética, crítica e contextualizada. Ela deve apresentar-se como o epicentro metodológico desses processos científicos, tendo como principal objetivo, tornar-se um centro consistente na produção do conhecimento científico. O fortalecimento da Escola Pública, como uma ação institucionalizada, não pode ser relegada apenas às leis e às discussões acaloradas, devem ser efetivamente colocadas em prática essas ações, deve-se concretizar essas políticas de maneira ativa e encarar esse processo como sendo uma Política Pública de prioridade nacional. A educação pública libertadora e independente não pode ser negada e nem tratada como uma estrutura ameaçadora aos que dominam o País, que tem o

patrimonialistas e patriarcados como sistemas de comando/controle há séculos. Não podem ter "medo" que a escola pública possa questionar o sistema de capital que oprime e rege o poder no Brasil e que introduzem e ampliam, a cada dia, as desigualdades sociais. A educação é um direito constitucional, mas deve ser pensada e planejada com seriedade e ética. A educação é uma vocação naturalizada, sociológica e inata ao ser humano, como bem falou Freire.

Humanização e desumanização, dentro da história, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão. Mas, se ambas são possibilidades, só a primeira nos parece ser o que chamamos de vocação dos homens. Vocação negada, mas também afirmada na própria negação. Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores. Mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada. [...] Os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua "generosidade" continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. (FREIRE, 1987, p.19 e 20)

A educação, em sua essência democrática e sua metodologia pedagógica, deve perpassar pelo pensamento libertário, na condição de dar ao sujeito, autonomia e liberdade, para primeiro, compreender criticamente os sistemas de comando/controle constituídos, ao longo da historiografia da humanidade, segundo para liberta-se da opressão de um sistema patriarcal, embranquecido, patrimonialista, racista ao qual foi produzido para manter privilégios dessa historiografia. Não é essa pedagogia que transforma e que liberta, não é a reprodução desses valores conservadores e fundamentalistas que trará ao oprimido a equidade de sentir-se parte do processo de desenvolvimento social de seu lugar, de sua região e de sua territorialidade.

A educação problematizadora e emancipatória, preconizada por Freire (1987), é uma que se propõe como elemento reflexivo nestes escritos. Contemporaneamente, observamos, nas discussões disseminadas em parte do ciberespaço, o retorno do sujeito como objeto vazio e interlocutor do outro também vazio, mas que realiza com sérias subjetividades sua auto cognoscitividade, sem serem mediatizados na construção do pensamento, retornando, assim, ao seu estágio de primitividade, com pensamentos guiados e, que se apresenta em processos de reprodutibilidade veloz, tendo como preconizadores do pensamento, o negacionismo e a não aceitação dos processos cientificistas, como sendo balizadores do conhecimento, tornando-se assim uma população suscetíveis a dominação e as vulnerabilidades do poder do capital e de seus interlocutores. A educação freiriana nos alerta que, já agora,

ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo (FREIRE, p.44, 1987). Nesse sentido, o ciberespaço pode ser uma das mais importantes ferramentas de resistência e luta, contra a disseminação de inverdades e do negacionismo que se instala no mundo e, principalmente, no Brasil, com força e até com certa credibilidade, devido ao alto índice de analfabetismo funcional do povo brasileiro. Pensemos em um sistema de produção e desenvolvimento cientificista/educacional, baseados nos processos metodológicos e, como fundamentados na dialogicidade, constituídos pelas universidades e também por autores que permeiam a educação básica, como sendo uma das alternativas na produção do conhecimento, ou seja, comunidades científicas produtivas no ciberespaço, com possibilidades formativas e informativas, possibilitando assim uma frente de resiliência à pós-verdade e a seus exércitos conservadores e extremistas. Como alertou Freire (1987) acerca "esta busca do ser mais, porém, não pode realizar-se ao isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires, daí que seja impossível dar-se nas relações antagônicas entre opressores e oprimidos".

Os processos educativos não podem partir de uma homogeneização sistêmica do conhecimento. Devem propor uma interlocução e uma dialogicidade com o mundo e suas relações reais e baseados em lógicas cientificistas e socialmente mediatizadas. Daí a importância do lugar como referência geográfica nessas discussões e nos processos na produção do conhecimento. A ética, a contextualização e a colaboração são de fundamental importância para que o lugar possa ser um espaço libertador e autônomo. Harvey (1980) afirma que o espaço é formado pela imaterialidade da dinâmica social e pela materialidade das infraestruturas do espaço, ou seja, os processos formativos educacionais, não podem ignorar as dinâmicas sociais constituídas no espaço geográfico e suas relações sociológicas. A regionalização do conhecimento contextualizado, produzido por seus atores sociais, precisa ser o sistema a ser mediatizado entre os docentes e discentes, de maneira sistêmica, utilizando-se de estratégias modernas baseadas nas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, com interlocutores da globalização. Para Santos (1996), o lugar, assim como o território, é simultaneamente uma materialidade e uma imaterialidade; É vivido e percebido; É a dimensão espacial do cotidiano. Entretanto, Santos (2000) também nos alertava para que possamos entender o processo que se deu a Globalização, como fábula, como uma estrutura

perversa e baseada no sistema capitalista e, não apenas, nos processos de compartilhamento cultural e tecnológico. Ele nos fala que a revolução técnico-científico-informacional transformou-se no braço perverso do sistema de poder e na manutenção do *status quo* das elites. Daí a importância de sistemas educacionais e formativos os quais vislumbrem o lugar (sem o isolacionismo mundial), como estratégia de resiliência e constituindo-se em um sistema de redes locais, resistindo às pressões econômicas e informacionais, construídas pelos sistemas que formam a globalização perversa, fortalecendo seus sistemas culturais e educativos, para não se tornarem ambientes de vulnerabilidades ao sistema de capital e aos agentes hegemônicos do poder manipulativo e escravocrata. A esse processo Freire (1987) denominou de antidualógico.

Finalmente, surpreendemos na teoria da ação antidualógica, uma outra característica fundamental, – a invasão cultural que, como as duas anteriores, serve à conquista. Desrespeitando as potencialidades do ser a que condiciona, a invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão do mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão. [...] Por isto é que, na invasão cultural, como de resto em todas as modalidades da ação antidualógica, os invasores são os autores e os atores do processo, seu sujeito; os invadidos, seus objetos. Os invasores modelam; os invadidos são modelados. Os invasores optam; os invadidos seguem sua opção. Pelo menos é esta a expectativa daqueles. Os invasores atuam; os invadidos têm a ilusão de que atuam, na atuação dos invasores. (FREIRE, p. 94 e 95, 1987).

No terceiro capítulo, propomos e apresentaremos uma experiência exitosa, constituída na Bahia como alternativa dessa produção de conhecimento ético, colaborativo, contextualizado e compartilhado no ciberespaço.

2. DIÁLOGOS METODOLÓGICOS NOS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM - UMA BREVE HISTORICIDADE SOBRE O PROCESSO DE DEMOCRATIZAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA E SEUS PROCESSOS DE LETRAMENTO.

Para entendermos como se estruturou os processos de ensino-aprendizagens formais no Brasil, a Escola Democrática e suas reformas, faz-se necessário um breve histórico de como se deu esse processo. Como surgiu a escola e seus paradigmas ideológicos? Como ocorreram suas escolhas de políticas públicas e pedagógicas nos processos metodológicos de ensino. A educação brasileira no período histórico da República não consegue enfrentar as barreiras do elitismo e do patriarcalismo. A educação sempre foi privilégio das elites republicanas, assim constituiu-se em um sistema de castas e a estratificação estamental da sociedade, baseados no conhecimento eurocêntrico, excluindo o acesso aos de alta vulnerabilidade social, constituídos pelo sistema capitalista. O educador Anísio Teixeira (1977) já nos falava dessa intencionalidade elitista e excludente, como formas de comando/controle das sociedades, baseados nos processos escravocratas.

Tínhamos em 1900, 9,750.000 habitantes de mais de 15 anos, dos quais 3,380.000 eram alfabetizados e 6.370.000 analfabetos. Em 1950, 14.900.000 eram alfabetizados e 15.350.000 analfabetos. Diminuímos a percentagem de analfabetos de 65% para 51% em cinquenta anos, mas, em números absolutos, passamos a ter bem mais o dobro de analfabetos (TEIXEIRA, 1977 p.22)

Em meados do século XX, o que se observou foi uma tentativa de romper com os períodos de catequeses e processos formativos jesuíticos e escravocratas, para um sistema que pudesse ampliar o campo de formação e diminuir as barreiras constituídas pelo analfabetismo e suas intencionalidades baseadas no poder e no capital. Fernandes (1966) já analisava essa tentativa político/social, pressionados pela opinião pública para estender a rede de ensino primário por quase todo o país (FERNANDES, 1966, p. 4). Mas ficou evidente o fracasso do Estado em possibilitar e constituir a Escola, como estrutura de letramento, sendo um sistema democrático e distributivo para todos, condicionado por um esquema político elitista, patriarcal e patrimonialista, que tem como principais objetivos a manutenção e perpetuação hierárquica do poder e do sistema de "castas". Iniciou-se assim, em meados do século XX, uma forte pressão popular, a partir da revolução de 1930 do século XX, observou-se uma tentativa de democratização da Educação Pública no Brasil, mas que enfrentava sérias influências e restrições do Poder vigente e de suas institucionalizações controladoras do sistema de comando/controle do Estado. Mas era o início de uma caminhada de luta libertadora. Como afirmou Anísio (1977):

A escola primária e as escolas normais, que então se implantaram, tinham todas as características das escolas da época, sendo, nas condições brasileiras, escolas boas e eficientes. Registravam-se crises no ensino

secundário e superior, mas no ensino primário e o normal podiam mais ou menos suportar honrosos paralelos com o que se fazia em outros países (TEIXEIRA, 1977, p. 60)

Observou-se, nesse período, o processo de implantação acelerada da democratização da escola pública no Brasil, que se deu no início da Revolução Industrialista (o tecnicismo metodológico e suas reformas), no país, nas décadas de 1950 e 1960, quando foram criados o sistema S⁴. Fato que compromete o processo historiográfico, necessário para se formar uma sociedade ética, crítica e contextualizada de sua territorialidade e conhecimento pleno de ser cidadão, por desconsiderar completamente o ensino humanista em suas perspectivas de mundo, pela urgência na formação de mão de obra barata e tecnicista (modelo escravocrata), com o intuito de suprir as emergências econômicas e políticas do recente modelo econômico nacional. Outro problema encontrado nessa metodologia tecnicista e acelerada foi a deformação nos processos de formação dos docentes nas universidades. Esses que iriam atuar nas escolas públicas do país, pois as instituições de ensino superior são oriundas de uma filosofia pedagógica voltada para as elites, como prioridade para os cursos de Direito, Engenharia e Medicina. Pouco se sabia, metodologicamente e ideologicamente, como tratar os processos de formação em Pedagogia voltados para o humanismo e às Ciências Humanas. Foi, então, que o foco na implantação da escola pública baseou-se nos anos iniciais, nos processos de letramento (alfabetização) e na normatização da educação formal do ensino infantil. Até porque o Brasil ainda estava em transição de uma sociedade campo/ruralista para centro/urbana, o que necessitava de uma atenção maior nos processos de letramento dos filhos do campo, com elevados índices de analfabetismo à época. Não esqueçamos da forte influência política da Igreja Católica, nesse processo, heranças ainda do período jesuítico, o que dificultava o debate acerca da laicidade na educação brasileira e nas suas instituições escolares.

Nas décadas compreendidas entre 1930 e 1960, o Brasil passou por mudanças estruturais que incidiram diretamente sobre a construção de um sistema nacional de educação pública. No plano estrutural, o País passava por uma transição caracterizada pela aceleração do modo capitalista de produção, o que ocasionou transformações superestruturais, notadamente no aparelho escolar. Em termos políticos, o período está compreendido entre

⁴ Sistema baseados no industrialismo e no ensino profissionalizante, tem como princípio metodológico o tecnicismo como referência e surgiu na Inglaterra no final do século XVIII, no período da Revolução Industrial. O sistema assim se chama no Brasil, por integrar nove estruturas corporativas: SENAI, SENAC, SESI, SESC, SEBRAE, SENAR, SEST, SENAT e SESCOOP.

dois processos vinculados à transição de um modelo econômico agrário-exportador para industrial-urbano: a Revolução de 1930 e o golpe de Estado de 1964. (BITTAR e BITTAR, 2012, p.2).

A educação, pós 1930, passa por um acirrado invólucro de disputas ideológicas as quais começavam a acirrar-se nesse período. Os binômios esquerda X direita passaram a ditar ideologias e a defender escolas diferentes para o processo de implantação dos planos educacionais no Brasil, suas reformas e as grades curriculares para a escola pública. Com o apoio da Igreja, que queria manter o controle nos processos de ensino-aprendizagem, dando continuidade (mas remodelando) o modelo jesuítico; E com o apoio das oligarquias cafeicultoras, a tendência era a importação do modelo estadunidense e seus paradigmas educacionais. Por outro lado, os progressistas queriam lutar por uma escola libertadora e autônoma, o modelo da Escola Nova, no qual a cultura e a territorialidade (identidade) pudessem dar conta deste plano educacional, propondo uma escola para todos e todas. O manifesto de 1932 já propugnava essa luta.

[...] a laicidade, gratuidade, obrigatoriedade e co-educação são outros tantos princípios em que assenta a escola unificada e que decorrem tanto a subordinação à fidelidade biológica da educação de todos os fins particulares e parciais (de classes, grupos ou crenças), como reconhecimento do direito biológico que cada ser humano tem à educação. A laicidade, que coloca o ambiente escolar acima de crenças e disputas religiosas, alheio a todo o dogmatismo sectário, subtrai o educando, respeitando-lhe a integridade da personalidade em formação, à pressão perturbadora da escola quando utilizada como instrumento de propaganda de seitas e doutrinas. A gratuidade extensiva a todas as instituições oficiais de educação é um princípio igualitário que torna a educação, em qualquer de seus graus, acessível não a uma minoria, por privilégio econômico, mas a todos os cidadãos que tenham vontade e estejam em condições de recebê-las. Aliás, o Estado não pode tornar o direito obrigatório sem torná-lo gratuito. A obrigatoriedade que, por falta de escola, ainda não passou do papel, nem em relação ao ensino primário, e se deve estender progressivamente até uma idade conciliável ao trabalho produtivo, isto é, até aos 18 anos, é mais necessária ainda "na sociedade moderna em que o industrialismo é o desejo de exploração humana sacrificam e violentam a criança e o jovem", cuja educação é frequentemente impedida ou mutilada pela ignorância dos pais ou responsáveis e pelas contingências econômicas. (AZEVEDO et al., 1960, p.115)

Essa disputa ideológica defronta-se com o período de obscurantismo do Golpe Militar de 1964. As reformas necessárias esbarram nos processos ditatoriais, já que a escola era comandada pelos militares e suas ideologias firmadas nos processos de ensino-aprendizagem. O Brasil, neste período, passou por diversas influências na implantação de um sistema educacional que pudesse suprir as necessidade

democráticas e inclusivas e, ao mesmo tempo, as pressões exercidas pelas ideologias capitalistas e seus sistemas de "pacotes educacionais prontos". Já vivíamos as metodologia da Escola Nova, em 1930, e do Tecnicismo, em 1940, essas, exercidas pelas pressões por um modelo economicista industrialista.

Esta escrita não tem como objetivo central debater nem historiografar os processos históricos da Educação Brasileira e da Psicologia da Educação, mas faz-se necessário citarmos esses processos de maneira bem sucinta e breve, para entendermos como se deu a chegada das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação nos processos de ensino-aprendizagem. Passamos pela educação jesuítica cristã catequista, pela tradicionalista republicana, pelos ideais integracionistas e libertárias da teoria freireana, pelo tecnicismo industrialista, que tinha por finalidade a tardia revolução industrialista nacional em meados do século XX, onde o principal objetivo era transformar a educação básica e intelectual, em uma escolarização voltada para a indústria de base e de transformação, substituindo assim, a escolarização progressista e a formação de profissionais liberais e com mais criticidade, em uma massa de operários escravos do sistema de capital condicionados a essas indústrias, surgindo, assim, o sistemas S⁵. Já a escola piagetianas e seu construtivismo geneticista.

A tese fundamental do pensamento piagetiano é a de que somente uma visão desenvolvimentista e articulada do conhecimento – quer dizer não calcada em estruturas pré-formadas, sejam racionalistas, focadas na anterioridade do sujeito, sejam empiristas, focadas na do objeto - pode prover uma resposta a problemas que, tradicionalmente, são evitados pela filosofia de caráter meramente especulativo. [...] E nesse sentido, ele destaca que a Epistemologia Genética objetiva explicar a continuidade entre processos biológicos e cognitivos, sem tentar reduzir os últimos aos primeiros, o que justifica, e ao mesmo tempo delimita, a especificidade de sua pesquisa epistemológica: o termo genético. (ABREU, 2010, p.362).

A teoria vygotskyana e o socioconstrutivismo, onde as influências sociológicas, influenciam diretamente na formação do indivíduo, não são inatas.

Tudo é histórico, fruto de um processo e, que são as mudanças históricas na sociedade e na vida material que modificam a natureza humana em sua consciência e comportamento". [...] Aquilo que é zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã – ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã” (VYGOTSKY, 1984, p. 98).

⁵ A criação desses organismos e de suas fontes de receita remonta a meados da [década de 1940](#) e apenas quatro deles ([SESCOOP](#), [SENAR](#), [SEST](#) e [SENAT](#)) foram instituídos após a [Constituição Federal de 1988](#). Foram criados, todos eles, com o intuito de prover, gratuitamente, formação profissional e acesso a lazer e cultura aos trabalhadores brasileiros.

Esta escrita aborda ainda as teorias democráticas e integrais de Anísio Teixeira, educador que tem uma extrema importância nesse diálogo.

Até a Primeira Guerra Mundial, a inércia econômica brasileira possibilitou o suporte necessário de um sistema dualista, que servia predominantemente à elite e à grande parcela da classe média, pois as classes populares não tinham acesso à escola (TEIXEIRA, 1977). Já imbuída pelos ideais franceses de liberdade, democracia e inclusão e influenciada pelos escritos do pensador, filósofo e pedagogo John Dewey, a concepção anisiana de educação estava centrada na criança como co-autora do aprender e apreender os processos formais de ensino, ampliando sua cognição para os moldes tecnológicos e autônomos no fazer educação.

Em face da aspiração de educação para todos e dessa profunda alteração da natureza do conhecimento e do saber (que deixou de ser a atividade de alguns para tornar-se, em suas aplicações, a necessidade de todos), a escola não mais poderia ser a instituição segregada e especializada de preparo de intelectuais ou “escolásticos”, mas deveria transformar-se na agência de educação dos trabalhadores comuns, dos trabalhadores qualificados, dos trabalhadores especializados em técnicas de toda ordem e dos trabalhadores das ciências nos seus aspectos de pesquisa, teoria e tecnologia (TEIXEIRA, 2007, p. 49).

Anísio Teixeira (1969), como visionário, entendia que a educação poderia ser pensada como revolucionária, presente ou estagnada. O primeiro é um processo de inclusão, levando sempre, como epistemologia, um processo de ensino-aprendizagem, pautados no futuro, no contemporâneo e nas tecnologias, mas sem esquecermos dos clássicos norteadores do pensamento crítico. Frente a uma Globalização perversa (SANTOS, 2004) que estava por vir a dominar todo o sistema econômico, social, tecnológico e educacional no mundo. Faz-se importante atentarmos para uma discussão mais contextualizada e inclusiva no Brasil, é o que propõe a metodologia anisiana, mas de maneira sistêmica como os novos processos de desenvolvimento humano, como a arte, o trabalho, a tecnologia, o diálogo com a ciência e a cultura, e de que "a educação não é privilégio" (TEIXEIRA, 1956). De acordo com Gonzaga Teixeira (2000, p.106) "a pedagogia atua apenas sobre o humano. A ela interessa constituir aquele grupo humano com o qual qualquer projeto futuro pode contar". A escola não pode ser relegada a decisões ideológicas sistêmicas e direcionadas aos interesses das elites e do capital, como nos alertou Teixeira (1956, p.2): "A educação é não somente a base da democracia, mas a própria justiça social". Ela deve propor, um amplo sistema autóctone, e ao mesmo tempo

globalizado e mediatizado por sistemas inclusivos e, que proponha as diminuições nas desigualdades sociais e na ampla formação intelectual de todos e todas. Anísio pensava a educação não como balcão mercadológico mas, como política pública.

Os sistemas de poder, baseados nas estruturas do capitalismo, não possibilitam plenárias amplas de diálogos, quando o assunto está centrado nos processos de ensino-aprendizagens, principalmente em países de base patriarcalistas e patrimonialistas. Haja vista que o Estado é o detentor das estruturas das Políticas Públicas de comando/controle desses processos e na manutenção dos interesses seculares das elites nacionais e seus sucessores. Faz-se à luz da luta democrática um governo que pense a escola pública, como em sendo um espaço de diálogo científico, contextual, ético, dialógico e colaborativo, um Estado democrático de direito. Para isso, os processos metodológicos no ensino-aprendizagem devem propor, como parâmetros curriculares, que o cidadão se estabeleça como o centro das questões sociais em que vivem contextualmente e do espaço geográfico que o constitui e, que o dinamiza sistemicamente, fortalecendo sua territorialidade frente às pressões externas da pseudo globalização cultural perversa. Uma das estratégias utilizadas por educadores progressistas para o enfrentamento destas questões, muitas vezes, perpassa pela construção de uma via de escape, também conhecida popularmente como "currículo oculto". Dewey (1897) entendia que "a formação de certo caráter" era "a única base verdadeira de uma conduta moral", e a formação deste "caráter" poderia perpassar na constituição desse "currículo oculto". A autonomia e a liberdade de aprender e apreender, para Dewey, eram os pilares para se estabelecer inicialmente nos primeiros anos de ensino, uma estrutura de letramento, a qual possibilita à criança suas livres escolhas e seus processos de visão e entendimento do mundo, o que, no entendimento do autor, as escolas não caminham nesta direção, especificamente, a escola estadunidense, onde a padronização e a individualização do saber eram o pilar principal nos processos de ensino-aprendizagem à época. Dewey (1996) afirmava, que:

A escola é a única forma de vida social que funciona de forma abstrata em um meio controlado, que é diretamente experimental; e, se a filosofia há de converter-se em uma experiência experimental, a construção de uma escola será seu ponto de partida (DEWEY, 1896, p. 244).

Mas como pensarmos a escola como sendo um espaço de aprendizagem formal sem pensarmos nos antepassados e em seus processos de saberes? Como

pensarmos uma escola formal inclusiva e democrática sem nos atermos aos processos historiográficos, voltada às elites, na produção do conhecimento sistêmico e epistemológico? O sujeito, antes relegado aos ensinamentos por meio da observação/práxis (cognitivism e vivência), agora guiado por um sistema rígido e regado a leis e ao ordenamento (vigília) de suas relações sociais, políticas e econômicas, necessita de um sistema regulatório na produção do saber e das estruturas comportamentais que o libertem. Mas quem define tal processo? Quais caminhos o sistema escolar e suas escolhas de aprendizagem devem percorrer? Era o que Dewey (1936) propôs como questão.

Etimologicamente, a palavra educação significa exatamente processo de dirigir, de conduzir ou de elevar. Se tivermos em mente o resultado desse processo, diremos que a educação é uma atividade formadora ou modeladora - isto é, modela os seres na forma desejada de atividade social. (DEWEY, 1936, p.11)

Esse autor nos alerta ainda para a escola que se baseia apenas nos métodos formais de alfabetização (letramento), sim, letramento sem o (s), o qual prioriza a reprodutibilidade e não os processos dialógicos comunicacionais, que envolvem a formação de diversos grupos sociais e suas diversidades, transformando as instituições escolares em uma "fábrica fordista" de interlocutores de uma mesma coisa. Ele argumenta acerca da importância das diversas formas de letramentos produzidos pelo desenvolvimento tecnológico da humanidade e de suas diversas formas de comunicabilidades como a arte e a cultura como estratégias metodológicas nas aprendizagens simbólicas e significativas, ou seja, as possibilidades de rompermos os muros do letramento, para ampliarmos a noção de saberes, por meio da estratégia metodológica, que entenda a escola como um elemento complexo e sistêmico, que Rojo (...), nomeou de Multiletramentos.

Por esta forma chegamos à noção ordinária de educação: a noção que ignora sua necessidade social e sua identificação com toda a associação humana que influa na vida consciente e que a identifica, ao contrário, com a aquisição de conhecimentos sobre matérias de interesse remoto e com a transmissão do saber por meio de sinais verbais: a aquisição de letras. [...] Por essa razão, um dos mais poderosos problemas com que a filosofia da educação tem de arcar é o modo de conservar conveniente equilíbrio entre os métodos de educação não formais e os formais, e entre os casuais e os intencionais. [...] Quando a aquisição de conhecimentos e a aptidão intelectual técnica não influem para criar uma atitude mental social, a experiência vital ordinária deixa de ganhar maior significação, ao passo que, na mesma proporção, o ensino escolar cria homens meramente "eruditos", isto é, especialistas egoístas. (DEWEY, 1936, P.9)

Para o filósofo norte-americano, a coexistência humana pressupõe a existência das coisas humanas, o meio social (o grupo em que estão inseridos), em que são produzidas as identidades de que forma são relacionáveis. O entendimento da mediação relacional, nos processos comunicacionais e de aprendizagens, requerem um pleno entendimento do meio em que vivem, o contexto e as territorialidades produzidas e significantes ao indivíduo. Apesar da experiência, apresentar-se como fator de aprendizagem não pode ser o único sistema contemporâneo a nos guiar (no sentido de rebanho). A escola deve propor ir além e, com essas experiências e vivências, deve extrapolar os processos de adestramento e treino, ressignificando e transcendendo aos processos críticos do pensamento. Nem sempre, "comunidade" pode ser entendida como "sociedade". Ou a escola estará relegada ao ostracismo classicista, de outrora, quando se utilizava apenas e unicamente da palavra escrita (letramento) e seus interlocutores (os discentes) eram cooptados por novos sistemas sociais de comando/controle e ideologias déspotas e de interesses privados. Devemos fugir da caverna platônica. A urdidura na nossa formação ultrapassa os muros da escola, perpassa por relações sociais mais amplas, democráticas, dinâmicas e inovadoras, rompendo com as barreiras conservadoras e fixadas em conceitos concretos e estanque no tempo e espaço. Dewey (1936) argumenta que:

Toda a educação ministrada por um grupo tende a socializar seus membros, mas a qualidade e o valor da socialização dependem dos hábitos e aspirações do grupo. [...] Daí se evidencia, mais uma vez, a necessidade de um julgamento, de uma medida do valor dos diferentes modos de vida social. [...] O problema consiste em extrair os traços desejáveis das formas de vida social existentes e empregá-los para criticar os traços indesejáveis e sugerir melhorias. [...] e a família não é um todo isolado e sim mantém íntimas relações com os grupos econômicos e comerciais, com as escolas, com as instituições de cultura, assim como com outros grupos semelhantes, e que desempenha o papel devido na organização política, e desta, em compensação, recebe amparo. (DEWEY, 1936, P.89).

Uma escola democrática não pode sucumbir ao medo, às pressões de poder, às ideias isoladas do mundo, não pode se prender aos dogmas eclesiais, aos dogmas ideológicos. A escola democrática deve encontrar na ciência e no diálogo, na territorialidade onde se encontra, caminhos para produzir conhecimento que, ao mesmo tempo, conserve suas raízes culturais e identitárias, como expandir-se para os conhecimentos globais, sempre de forma crítica, contextualizada e colaborativa, até por sua diversidade cultural, nos momentos de diálogos e de aprendizagens, que

devem propor significados, gerando entendimentos e produção de saberes. Sempre atenta para que as oportunidades sejam semelhantes, apesar da diversidade. A escola pode não padronizar conceitos, mas estimular semelhanças, para que se torne um espaço integrador, onde todos possam ter a mesma oportunidade de partida. Dewey (1936, p.90) argumenta que, para terem numerosos valores comuns a todos os membros da sociedade, devem dispor de oportunidades iguais para aquele mútuo dar e receber. A escola deve propor a intercomunicabilidade entre o meio social e as estruturas que ela produz, principalmente em todos os seus estamentos. Deve utilizar-se das estratégias metodológicas constituídas no tempo e no espaço, em seus avanços culturais, tecnológicos e científicos.

A escola é um espaço geográfico constituído de atores sociais dinâmicos e que sofrem influências diretas dos seus grupos e do arcabouço intelectual a que estão expostos. Mas a escola também é o espaço do encontro, do encontro de indivíduos que passaram por processos dialógicos, éticos e contextualizados na produção de conhecimento, para entenderem as dinâmicas dos processos produtivos dos saberes e de como metodologicamente podem mediá-los. E é, nesse encontro, que a escola tem possibilidades de ampliar as relações e coorelações sociais entre diferentes tribos, etnias e culturas, não para padronizá-las, como outrora, mas para constituir uma ampla e diversa multiculturalidade sistêmica de conhecimento. Dewey (1936) fala-nos da importância da equidade, ao abordar um dos diversos objetivos da Escola. Segurado (2021) afirma também que é importante destacar que o fato da escola ser um espaço que, em alguma medida, abarca a diversidade da sociedade, ela também é um espaço de conflito, considerando as diferenças entre sujeitos envolvidos, mas que a condução democrática desses conflitos pode favorecer a emergência das potencialidades dos estudantes.

Pois delas se infere que o objetivo da educação é habilitar os indivíduos a continuar sua educação — ou que o objeto ou o recompensa da educação é a capacidade para um constante desenvolvimento. Mas esta ideia só se pode aplicar a todos os membros de uma sociedade quando há mútua cooperação entre os homens e existem convenientes e adequadas oportunidades para a reconstrução dos hábitos e das instituições sociais por meio de amplos estímulos decorrentes da equitativa distribuição de interesses e benefícios. E isto significa sociedade democrática. (DEWEY, 1936, P.108)

O atual governo brasileiro conservador e extremista, liderado pelo Sr. Jair Messias Bolsonaro e toda a sua equipe, vem realizando uma gestão desastrosa, ineficiente e ineficaz, amplificando o discurso do ódio e incentivando que a Escola,

seja um espaço conservador e extremista, nos moldes das estruturas de poder medievais, com exemplo, podemos citar o projeto "Escola Sem Partido"⁶. Vem fracassando nas relações geopolíticas e na troca de conhecimento globalizado, principalmente com países chave, para a economia do país, como é o caso da China e da Índia. Este atual governo vem, ainda, fracassando na gestão da saúde pública, no combate ao novo coronavírus, além de sucatear setores importantes do desenvolvimento do país, como: economia, saúde, emprego e meio ambiente e principalmente na educação e seus sistemas de aprendizagens. O Brasil é governado por uma ideologia extremista, conservadora, discriminatória e negacionista. E é este tema, o negacionismo e suas ferramentas comunicacionais (conhecidas popularmente como *fake news*), que pretendo abordar neste trecho.

Segundo a etimologia da palavra, negacionismo é a ideologia de quem nega um fato comprovado e documentado ou analisa esse fato partindo de argumentos ou opiniões não fundamentadas em verdades históricas e científicas. As sociedades comunicacionais vivem o mundo apocalíptico da informação. A religião tornou-se, simbolicamente, o condutor cientificista da sociedade ocidental e a condutora de ideologias extremistas e conservadoras. Acreditam que as transformações antrópicas, como aquecimento global, epidemias, pandemias, fome e desigualdades são frutos divinos e não de interesses capitalistas e de manutenção do poder da humanidade. Com isso, surgem os "gurus" do negacionismo científico, os quais negam que esses fatores antrópicos sejam frutos de um desequilíbrio entre a devastadora ganância economicista e os recursos naturais. Para isso, utilizam-se da comunicação digital e da pós-verdade como balizadores de suas pseudoteorias, doutrinando, assim, populações mais vulneráveis no sistema global, em especial os países mais pobres, que possuem sérias deficiências intelectuais, de formação formal e de acesso à informação e a fatos concretos e comprovadamente científicos. Isso não quer dizer que as instituições públicas e privadas de comunicação são idôneas e estão imunes à desinformação. Esse sistema negacionista também invade o chão da escola, contaminando as relações entre seus interlocutores (discentes e docentes). A dúvida em uma sociedade com sérias vulnerabilidades éticas, políticas e sociais, tornam-se vítimas factuais deste sistema, corrompendo o que foi construído ao longo

⁶ O Programa Escola sem Partido, ou apenas Escola sem Partido, é um movimento político que visa a avançar uma agenda conservadora para a educação brasileira, representando pais e estudantes contrários ao que chamam de "doutrinação ideológica" de esquerda nas escolas.

da historiografia humana. Por isso, prevalece a importância da checagem dos fatos, em mais de uma fonte, e, principalmente, partindo de fontes reconhecidamente oficiais e de responsabilidades jornalísticas/informáticas/comunicacionais.

Podemos identificar as estratégias da propagação das *fakes news*, em fases distintas: a *primeira fase* constitui-se na negação da verdade e na minimização do fato (“é só uma gripezinha”); Na *segunda fase*, é quando se tenta convencer a população de que os fatos são estratégias para propagar o pânico e o medo, com objetivos ideológicos; A *terceira fase*, e mais perigosa, é a produção falsa de ideias, notícias, cientificismo sem bases teóricas e a utilização do ciberespaço para propagar mais aceleradamente estas estratégias de gadificação⁷ da população. É, nesta fase, que a desinformação ganha os códigos binários e navega rapidamente pelos computadores e *smartphones*. Geralmente, esses textos são palatáveis, simples e rasos, para facilitar o entendimento dessa população que, como relatei anteriormente, apresentam grandes fragilidades intelectuais, formais e de interpretação mais profundas e sistêmicas, são facilmente conduzidas como manadas. É, nesse momento, que os "gurus" do negacionismo começam a ditar as regras e a comandar os processos de comunicação e informação. Tornando-se elos perigosos à ciência e à luta contra o conhecimento. Aí, sim, podendo, efetivamente, estabelecer o ódio, o caos e a desordem, ou seja, o verdadeiro apocalipse informacional, comunicacional e educativo e de aprendizagens.

Pois neste caso algumas partes do grupo social total terão seus fins prescritos por uma imposição exterior; seus fins não surgirão do livre desenvolvimento de sua experiência pessoal e seus pretensos objetivos serão antes meios de realizar os objetivos alheios do que verdadeiramente os seus próprios. [...] Quando não antevemos os resultados como simples observadores de fora, mas como pessoas interessadas nos mesmos, passamos a participar do processo que produz aqueles resultados. (DEWEY, 1936, P.108 e 110)

Quanto mais numerosas as fontes forem, nossas observações sobre um determinado fato ou conteúdo, maior a nossa capacidade de interlocução e entendimento sistêmico, podendo assim, ampliar nosso poder de escolha e decisão. Mas, se nos atentarmos ao fato de que a colaboração pode ser uma das estratégias fundamentais nos processos dialógicos, na dissolução ou ampliação desse conteúdo,

⁷ *Gadificação* é um termo popular, criado para definir os apoiadores do Presidente Jair Messias Bolsonaro, conhecidos também por bolsonaristas ou movimento de *manada*. Daí a analogia com a pecuária de gado.

desse fato e do desenvolvimento do conhecimento, maior será nossa capacidade de aprender e apreender. A conclusão irretorquível dessa busca com mais possibilidades de informação é que nos possibilitará, uma melhor escolha do entendimento do fato analisado e utilizando a razão como caminho epistemológico. Dewey (1936) afirmou que para sermos inteligentes devemos "parar, olhar, escutar", a fim de conceber um plano de ação. E ainda que ter um objetivo é dar significação aos atos e não proceder como máquina. A previsibilidade das ações podem ser norteadoras dos objetivos educacionais a que se deseja atingir. Deve-se conhecer todos os processos que envolvam os fazeres metodológicos do ensinar/aprender/apreender. O fim é o fim em si mesmo? Não, é um novo recomeço, um recomeço com uma maior previsibilidade, com maiores possibilidades de ampliarmos nosso olhar, sobre determinado fato ou objeto a que se quer estudar. Os processos externos de poder e ideológicos não podem ditar regras e nem condicionar a aprendizagem, prevalecendo direitos e interesses individuais, patrimonialistas, patriarcais e elitistas. Se o fizer, corre-se o risco da "desordem institucional" e o fortalecimento do currículo oculto (não que esse seja um problema), como alternativa libertária e democrática. O pedagogo norte-americano já nos alertava sobre essas influências externas de comando/controle nos processos educacionais.

Cada meio é um fim temporário até que o atinjamos. Cada fim, assim que atingido, torna-se um meio de transportar a atividade para mais além. [...] Chamamo-lo fim Objetivos da educação quando marca a direção futura da atividade e m que nos empenhamos — e meio, quando marca a direção atual. [...] O objetivo é tão definitivamente um meio para a ação, como qualquer outro elemento da atividade. [...] Ter objetivos ou fins significa a aceitação da responsabilidade das observações, previsões e disposições necessárias para o exercício de uma função. [...] E é bom que nos lembremos de que a educação, considerada como tal, não tem objetivos. Só as pessoas, os pais e os professores, etc., é que os têm, e não uma ideia abstrata como a de educação. [...] Um objetivo deve ser passível de converter-se em um método de cooperação com a atividade daqueles que recebem a instrução. [...] Se uma pessoa tivesse conhecimentos integrais das coisas, poderia, quase, partir de qualquer ponto e manter-se em atividade contínua e frutiferamente. [...] Em matéria de educação, a voga desses objetivos externamente impostos é causadora do relevo dado à ideia da preparação para um futuro remoto, e da circunstância de se tornar mecânico e escravizado o trabalho tanto do professor como do aluno. (DEWEY, 1936, p.114 -120).

Mas como podemos romper as amarras e os lobistas das interferências e influências externas nos processos de ensino-aprendizagem institucionalizadas, já que é o Estado que regula, fiscaliza e financia esses processos? O Estado democrático de direito deve ser a representatividade dos setores sociais, deve refletir

as necessidades e os direitos de quem representa. Cabe à sociedade cobrar e fiscalizar essa representação. Assim, deve ser também na escola e nos seus processos metodológicos.

O professor é, antes de mais nada, um ser social, com suas identidades, formações culturais e ideológicas, mas acima de tudo, foi formado por uma instituição acadêmica voltada para obter técnicas, competências e habilidades, para compreender os processos de aprender e apreender, conteúdos e discussões epistemológicas e de não replicar valores do senso comum. Ensinar tendo em vista a capacidade de interlocução como o todo, com a multiplicidade de valores, o multiculturalismo, as diversidades, a dinâmica da contemporaneidade, com os avanços tecnológicos, a fim de compreender esses fatores para que se possa mediar, levando em consideração sua capacidade cognitiva de compreender as relações no espaço e no tempo, em que está exercendo suas ações, como a ética, a colaboração, a contextualidade e regionalidade. Por isso, o ato de pensar, não pode ser apenas baseado no simplismo factual, da reprodutibilidade de conteúdos, muito desses produzidos por empresas corporativas, que assediam o Estado, por meio de seus Ministros, Governadores, Prefeitos e Secretários de Educação. Estes conteúdos, muitas vezes produzidos por corporações, na contemporaneidade tecnológica, padronizam o saber, baseados em seus interesses de poder, ideológicos, controle social e fixados no lucro e no capital. Um grande exemplo são as enxurradas de plataformas digitais e aplicativos, que explodiram nos últimos anos. Muitos desses com conteúdos fundamentados em acordos metodológicos, muito questionáveis, principalmente no que se refere às Ciências Sociais e que prometem "salvar a educação", utilizando-se como argumento, muitas vezes, da "incompetência" do Estado e de suas instâncias governamentais em gerir os conteúdos globais e estruturas da escolarização, corroborando a pseudo "ineficácia" e a "incompetência" formativa de seus docentes. Daí a importância da reflexão no pensar a educação e seus sistemas de políticas públicas.

O ato de pensar deve perpassar o que se quer atingir com o processo? Onde se quer chegar? Que nação construir? Para Dewey (1936), pensar requer um caminho direto para o aperfeiçoamento duradouro dos métodos de ensinar e aprender consiste em centralizá-los nas condições que estimulam, promovem e põem em prova a reflexão e o pensamento. Pensar, pressupõe um método, mas qual tão "perigoso" ou não pode ser esse método? A ciência está a serviço do capital ou do pleno

desenvolvimento social? É esta o cerne da questão. O ato de pensar pressupõe a ideia de desenvolvimento e, para tal, a escolha "adequada" de um método, que possa ampliar a equidade e dirimir as desigualdades. Para constituir-se um método, existem diversos fatores epistemológicos que o norteiam, mas para Dewey (1936), o principal ponto de partida deve ser a experiência (a razão) e a observação e, não apenas, uma teorização filosófica superficializada. O que se vê metodologicamente no Brasil é um processo de gestão educacional, falida e retrógrada, onde o sujeito deixou de ter em suas bases o pensamento libertador freiriano e passou a ser computado como instrumentos numéricos, baseados em provas e indicadores institucionais (IDEB), que apenas avaliam suas estruturas de letramento, sim letramento sem o (s), e não, seu pleno desenvolvimento educacional sistêmico, ou seja, não conseguem obter resultados consistentes a respeito da evolução do pensamento crítico, cultural, artístico, inventivo e inovador.

A Matemática e a Língua Portuguesa foram priorizadas, não que não sejam essenciais no tempo e espaço, entretanto, devemos ir além dessas áreas do conhecimento, ampliar a noção de mundo. Os estados e municípios se digladiam, em busca desses indicadores, pressionando gestores e seus docentes, que relegam o pensamento apenas em fazermos contas e saber ler (alfabetizar), mesmo que funcionalmente sem compreender o que lemos. Os docentes e discentes ficam relegados às ordens e desmandos desse sistema de poder, que está fundado no capital, esquecendo-se, muitas vezes, seus principais objetos de estudo, que são o de dialogar e serem interlocutores das experiências e do pensamento científico desses atores sociais. Dewey (1936) entendia que a escola não pode ser um muro, fechada em si mesma, como uma redoma de saberes improdutivos.

O erro consiste em supor-se que possamos começar com matérias ou disciplinas, completas por si mesmas, sejam aritmética, geografia, ou qualquer outra, independentemente de alguma experiência pessoal direta, em determinada situação. Até os jardins de infância e as técnicas Montessori se mostram tão ansiosos de chegar a objetivos intelectuais "para não perder tempo" que tendem a omitir ou a reduzir o manejo direto do material bruto da experiência comum, e a adotar imediatamente, para os alunos, materiais que exprimem as distinções intelectuais organizadas pelos adultos. [...] Por isso, se tivermos em vista despertar a inteligência e o pensamento e, não, meras aquisições de palavras, a primeira apresentação de qualquer matéria na escola deve ser o menos acadêmica ou escolástica possível. [...] Para compreender o que significa uma experiência ou uma situação empírica, o espírito precisa evocar a espécie de situação que se apresenta naturalmente fora da escola — as espécies de ocupações que na vida comum provocam o interesse, pondo em jogo a atividade. (DEWEY, 1936, p.168 e 169).

A cultura e a experientiação social devem perpassar o pensamento, no que se refere ao planejamento de uma nova metodologia de escolarização inclusiva, desenvolvimentista e progressista. Os saberes culturais, há séculos, nortearam as relações humanas. A oralidade era o professor da ética, que foi sendo construída ao longo do tempo, mas passamos esses limites, mesmo tendo como responsabilidades, respeitar e valorizar, essa metodologia, como forma de conhecimento epistemológico.

Discípulo de Dewey, o educador e intelectual Anísio Teixeira já alertava para a democratização efetiva da escolarização nacional. E da importância de uma escola democrática, libertadora, integrativa e pública. Considerado por muitos autores, como o "pai" da nova escola, ou seja, da Escola Pública, como elemento institucionalizado, no fazer e produzir conhecimento para todos e todas. Grande admirador da cultura, arte, ciência e tecnologia educacional, como pilares para formação do pensamento crítico de seus educandos. A escola deveria educar ao invés de instruir, ou seja, compreender o educando como sendo um ser social e não a materialização de conceitos estáticos e robóticos.

A sociedade formava os homens nas próprias matrizes estáveis das "classes" senão "castas", instituições que incorporavam a família e a religião, com as forças modeladoras e adaptadoras. Formando assim o homem, as aprendizagens mais específicas, relacionadas com o trabalho, se faziam pela participação direta na vida comum, ou, no caso de artesanato, pelo regime do mestre e aprendiz nos ateliers e oficinas da época. (TEIXEIRA, 1956, p.2)

Anísio sempre foi um reformista e um grande pensador da escolarização que tem como pilares de sustentabilidade o ensinar como forma democrática de libertar o pensamento e de produzir conhecimento, levando em consideração os aspectos, modernizantes da sociedade, em que se relacionam as estruturas científicas, culturais, tecnológicas e artísticas, ou seja, Anísio, compreendia a sociedade educacional com sendo a sociedade moderna e livre de regimes ditatoriais e totalitários. Esse educador baiano acreditava em uma escola viva, onde o educando perceba-se como pertencente a esse espaço de produção do conhecimento, podendo exercer sua territorialidade de maneira expressiva e latente. Teixeira (1968) afirmava que o homem educado é aquele que sabe ir e vir com segurança, pensar com clareza, querer com firmeza e agir com tenacidade. Numa escola democrática, mestres e alunos devem trabalhar em liberdade, desenvolvendo a confiança mútua e o professor deve incentivar o aluno a pensar e julgar por si mesmo. "Estamos passando de uma

civilização baseada em uma autoridade externa para uma baseada na autoridade interna de cada um de nós". (TEIXEIRA, 1968, p.27)

Anísio era de Caetité, cidade do interior baiano, foi o fundador da Escola Parque, em 1950, na capital baiana. Ele compreendia que essa Escola deveria ser uma integradora, logo, deveria ser em tempo integral, onde estudantes e professores pudessem, nos dois turnos de ensino-aprendizagem, trocar conhecimentos em todos sentidos, epistemológicos e sócio/culturais. E para além do conhecimento científico, a escola integral era um direito democrático à inserção social, das sociedades mais vulnerabilizadas e invisibilizadas pelo sistema capitalista. A Escola Parque deveria tornar-se uma rede de produção cidadã e de constituição de uma nação que pudesse constituir um processo de escolarização, que possibilitasse a formação integral do cidadão e dar-lhe condições éticas e críticas, para desenvolver plenamente sua liberdade democrática. Em 1932, alguns educadores e pensadores da educação tentaram, por meio de manifestos, constituir a universalização de uma política pública a qual tivesse a escola, no centro das discussões do desenvolvimento econômico e social do Brasil, a chamada "Escola Nova". Anísio Teixeira figurava, na época, como um dos precursores deste movimento, que tinha como principais pilares uma escola libertária, crítica, laica, integradora e gratuita.

Em face da aspiração de educação para todos e dessa profunda alteração da natureza do conhecimento e do saber (que deixou de ser a atividade de alguns para tornar-se, em suas aplicações, a necessidade de todos), a escola não mais poderia ser a instituição segregada e especializada de preparo de intelectuais ou "escolásticos", mas deveria transformar-se na agência de educação dos trabalhadores comuns, dos trabalhadores qualificados, dos trabalhadores especializados em técnicas de toda ordem e dos trabalhadores das ciências nos seus aspectos de pesquisa, teoria e tecnologia (TEIXEIRA, 2007, p. 49).

Anísio vislumbrava uma escolarização em que se figurasse uma ampla democratização, onde fosse um espaço de integração social e produção de conhecimento, mas não apenas o conhecimento científico, no sentido lato, mas o conhecimento sistêmico, envolvendo as manifestações de produção artístico/culturais de toda a sociedade. Uma escolarização que pudesse ser pública, laica e que lutasse contra as pressões ideologizadas do poder externo conservador e extremista. Assim, Anísio escolhe a Escola Francesa e suas convicções e debates sobre escolarização, como pilares de discussão, no que se refere a implantação da "Escola Nova" no Brasil. Os ideais de liberdade, fraternidade e igualdade acabam por nortear seus pensamentos, quando afirma a importância dessa liberdade em seus escritos:

Quando na convenção Francesa, se formulou um ideal de formação escolar para todos os cidadãos, não se pensava tanto em universalizar a escola existente, mas em uma nova concepção de sociedade, em que privilégios de classe, de dinheiro e de heranças não existissem, e o indivíduo pudesse buscar, pela escola, a sua posição na vida social. Desde o começo, pois, a escola universal era algo de novo e, na realidade uma instituição, independente da família, da classe e da religião, destinada a dar a cada indivíduo a oportunidade de ser, na sociedade, aquilo que seus dotes inatos, devidamente desenvolvidos, determinassem. (TEIXEIRA, 1956, p.2)

Às resistências a essa escolarização "nova" ficaram evidentes com as ideias de Anísio. Os tradicionalistas elitistas e conservadores resistiam em discutir uma escola, onde se pudesse, nos anos iniciais e na escolarização básica, discutir a intelectualidade, como uma possibilidade de formação. Para a escola antiga, deveria ensinar os ofícios básicos de produção e manutenção de estruturas elitistas, patrimonialistas e patriarcais, os quais pudessem dar uma resposta imediata às necessidades do capital. Enquanto no ensino superior, na formação de intelectuais, herdeiros diretos dessa aristocracia, que tem como objetivo central a manutenção do poder e de suas estruturas de comando/controle. Na concepção da escolarização jesuítica, tradicionalista e tecnicista, a base era a formação parcial do indivíduo para exercer certo tipo de atividade, sem levar em consideração o seu *ethos*. A complexidade do saber não permeava essas escolas. Anísio provoca, em meados do século XX, um verdadeiro rebuliço, nessas questões epistemológicas, amplificando os discursos de uma escola inovadora, inventiva, colaborativa e emancipadora. Ele afirmava que: "era a escola corporação de idade média, destinada a formar "escolásticos" do mesmo modo pelo qual as oficinas das artes formavam seus 'oficiais', alfaiates, sapateiros etc". (TEIXEIRA, 1956, p.9).

É, nesse sentido, que se afirmava a importância para Anísio da transmigração ou do evolucionismo de uma educação teológica, baseada na divisão entre o racional e o empirismo e na produção ação dos ofícios, para uma educação transformadora e empírica, inspirada na experimentação, na práxis e na tecnologia, como sendo aliados importantes nos processos metodológicos transformadores e que pudessem, de fato, evoluir a sociedade de maneira integrativa e emancipatória, sem as dependências externas, onde essas transformações já ocorriam. Não se podia pensar mais em uma escola dividida na qual se formava trabalhadores que seriam vulnerabilizados pelos processos de manutenção do capital, aos intelectuais elitistas e empiristas, formados nas incipientes academias letradas. O que alguns autores nomearam, na

contemporaneidade, de "metodologias ativas"⁸, onde o educando é emancipador e produtor de sua própria aprendizagem na produção de sua realidade e na autonomia em suas escolhas sociais e intelectuais. Teixeira (1956) dava importância a esses saberes, quando afirmava que: "esta sociedade, está claro, teria que preparar trabalhadores para as três fases do saber, isto é, a pesquisa, o ensino e a tecnologia". (TEIXEIRA, 1956, p.12). Desde que caminhassem juntos, em um processo sistêmico de ensino e produção de conhecimento crítico, sempre a favor de uma sociedade mais equânime e justa. Mas, para que isso aconteça, faz-se necessário o entendimento amplo do que é ensinar para contemporaneidade. O educador baiano afirmava que a escola antiga ensinava pela oralidade e transmigração do saber, onde o aluno era o ouvinte e o educador o transmissor apenas, não existiria a troca e a interconexão do saber. Ele dizia que: "o conhecimento é algo de absoluto em si mesmo, a ser ensinado para ser repetido nas ocasiões determinadas pelos exames" (TEIXEIRA, 1956, p.12), ou seja, ensinava-se não para a interconectividade do conhecimento, mas para reprodutibilidade do que foi oralizado pelo professor, em um objeto textual e replicado, por meio de uma "prova" do qual aquele conhecimento de tempos médios, tem sido entendido e não aprendido e apreendido.

A intencionalidade, constituída pelos líderes de Estado ao longo dos séculos, em aquartelar os conhecimentos ditos "humanistas", como por exemplo, os das ciências que compõem o currículo humano, como a Filosofia, a Geografia e a História não são ao acaso. A cultura geral é um dos pilares de sustentabilidade da produção e da discussão do que se forma a respeito da visão de mundo(s), para onde queremos caminhar e, para o pleno conhecimento das relações de produção humana, sejam elas científicas, sociológicas e de trabalho. A reprodutibilidade da dita "cultura geral", praticada nas escolas antigas, era relegada a um enorme processo fiscalizatório e ditatorial, a Geografia não poderia ser crítica, deveria ser descritiva, apenas, a historiografia era direcionada à determinada cultura de poder. A Filosofia era apenas para os privilégios acadêmicos e a Sociologia era relegada aos intelectuais de alta autarquia, dentro da produção e interpretação do saber. Logo, a escola antiga formava privilegiados, a fim de que pudessem dar seguimento a um sistema de poder vigente, controlador e que não se Insurgisse contra o mesmo.

⁸ As Metodologias Ativas baseiam-se em formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando às condições de solucionar, com sucesso, desafios advindos das atividades essenciais da prática social, em diferentes contextos (BERBEL, 2011).

Dir-se-á que, assim, deve realmente ser. As escolas não foram afinal criadas para renovar as sociedades, mas para perpetuá-las e, por isto mesmo, a sua relação com as estruturas sociais de classe teria de ser a mais estrita. Nenhum sistema foi jamais criado com o propósito de subverter a estratificação social reinante. [...] A realidade, porém, é que a ideia de "escola comum ou pública", nascida com a revolução francesa - a maior invenção social de todos os tempos, no dizer de Horace Mann - importa é exatamente em sobrepor-se ao conceito de classe e prover uma educação destinada a todos os indivíduos, sem a intenção o propósito de prepará-los para quaisquer classes existentes. [...] Fora as "escolas profissionais", nenhuma outra escola brasileira escapou ao espírito de educação de 'elite', profundamente arraigado em nossa sociedade e agravando ainda pelo preconceito contra o trabalho manual, que nos deixou a escravidão. (TEIXEIRA, 1956, p.16, 17 e 18) .

A Escola está em constante reforma, mas que reformismo é esse? A quais interesses ele serve? Será que a pluriversalidade social de que tanto fala a filósofa brasileira Aza Njeri, é verdadeiramente inclusiva em seus sistemas?. Os tempos mudam, os costumes mudam, o comportamento e o evolucionismo mudam, as técnicas e os processos metodológicos no ensino-aprendizagem também mudam. A escola não pode estagnar-se no tempo e no espaço, em métodos que são "seguros" em suas estruturas e sistemas de comando/controle. Ela deve transcender e abrir seus horizontes e seus muros ao diálogo constante da ciência, arte, cultura e tecnologias. Mas não apenas no sentido epistemológico das referências, e sim, nos processos da práxis real e contemporânea. A teorização é apenas um passo dialógico de um processo de construção do conhecimento, e para chegarmos à esta etapa, faz-se necessário, metodologicamente, levantarmos informações consistente e direcionadas ao que se quer constituir como conhecimento, ou seja, temos que nos aprofundar nas transformações sistêmicas da sociedade em movimento. No senso comum, culpabiliza-se muito a escolarização pública, como sendo um sistema "falido", mas esquecem-se, às vezes, de realizar um aprofundamento destas questões.

Na Escola Tradicionalista, a disciplina pela força, seja física, seja intelectual, era evidente em sua metodologia de ensino. O estudante era "adestrado" ao sistema, e não transformado criticamente como cidadão livre e autônomo. Hoje, pode-se ver este comportamento "rebelde" deste discente, mas será por motivos sociológicos? Ou a Escola não mudou seus métodos de ensino tradicionalistas na prática e estes estudantes estão cooptados por outras formas de ver o mundo, por meio de outros diálogos que se estabelecem fora dos muros da Escola, como por exemplo nas Organizações de classes, nas comunidades étnicas, no reconhecimento de seu papel

na sociedade, como do da diversidade de gênero, étnico e social? Será que essa "revolta", por parte dos estudantes das redes públicas, não se estabelece por invisibilidade? O Estado se esforça, de tal maneira, em repassar conteúdos que não condizem com o dinamismo da contemporaneidade e acaba pressionando os atores da comunidade escolar a reproduzir esses conceitos e estruturas antigas, a fim de manter a "ordem" e o *status quo* desse Estado?. Coisas para pensarmos. Temos como re-discutir este sistema? É o que tentaremos discutir no próximo capítulo.

3. O OBJETO DE ESTUDO E SUAS EXPERIÊNCIAS EPISTEMOLÓGICAS - SEMIÓTICA E MULTILETRAMENTOS - CAMINHOS A SEREM DISCUTIDOS POR UMA ESCOLARIZAÇÃO PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA.

Neste capítulo, iremos discorrer sobre a Semiótica e suas influências epistemológicas, nas discussões acerca de possíveis metodologias de letramento(s) e multiletramentos na contemporaneidade. As influências da semiótica peirceana na relação com o pensamento de Lúcia Santaella, na comunicação e na interlocução epistemológica da Professora Roxane Rojo na construção do pensamento para além dos muros da Escola e das novas possibilidades de escolarização. Propomos, ainda, uma análise sobre um estudo de caso do Programa institucional Rede Anísio Teixeira - Programa de Difusão de Mídias e Tecnologias Educacionais Livres da Rede Pública Estadual de Ensino do Estado da Bahia, em seus processos formativos, baseados na metodologia do multiletramento, propondo o mesmo, como metodologia educacional e como Política Pública, para a Rede de Ensino do Estado da Bahia.

Para começarmos, é primordial compreendermos os processos que originaram o pensamento sociológico e o comportamento comunicacional e informacional da humanidade (que atingem todos os sentidos humanos) por meio da linguagem, precisamos também entendermos a produção e significação dos seus signos e símbolos, para isso, podemos remontarmos à teoria platônica do "mito da caverna". A consciência humana pode ser moldada por meio de imagens, símbolos, figuras? Foi isso que Platão tentou provar com seu pensamento. A caverna, metaforicamente, era a prisão do pensamento, o que se projetava, nos muros da caverna, tornava-se

a verdade absoluta e era internalizada sem mediação direta, logo, transformava-se em um "conhecimento" tácito, inquestionável, por não existir o contraponto crítico. Ao sair da caverna, faz-se a "luz" do pensamento, ampliando o olhar sobre novas imagens, realidade e contextos, novas possibilidades de questionamentos e, então, novas possibilidades interpretativas de mundo. Mas, não se trata apenas de escuridão/ignorância e luz/conhecimento.

O mito da caverna platônica ainda pode ser entendido na contemporaneidade, como estrutura de produção ou manutenção do conhecimento e/ou da perpetuação da ignorância. A desinformação, por exemplo, pode ser um grande arcabouço de discussão, no que se refere aos processos de formação e escolarização. A imagem é hoje um dos mais fortes signos e símbolos de comunicação e nos processos informacionais, que podem ser utilizados para manipular e/ou controlar um determinado tema, conceito, ideia ou grupo social.

Uma das gerações mais vulneráveis e suscetíveis a essas questões comunicacionais e informacionais, na era digital das desinformações, são os nascidos na geração Alpha⁹. Daí a importância epistemológica de entendermos a imagem, como em sendo uma forte estrutura de informação e comunicação e de possibilidades de letramento(s) e para isso a semiótica nos brinda com seus conceitos, acerca desse tema e suas relações na produção do conhecimento.

A semiótica é a ciência do signo cujo objeto de investigação são todas as linguagens possíveis, ou seja, tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer signo como fenômeno de produção de significação e de sentido. [...] A partir da necessidade de divulgar, afirmar e perpetuar as suas faculdades imaginativas e experiências, desde a época em que habitava as cavernas, o ser humano vem desenvolvendo diferentes processos de manipulação dos elementos visuais, sonoros e espaciais (tais como a manipulação de cores e formas, de sons, de gestos, de expressões, de cheiros, dos movimentos, das luzes, etc.) na intenção de estabelecer um sistema de comunicação entre seus semelhantes, conforme as possibilidades técnicas disponíveis em cada momento histórico. [...] Entendemos como linguagem, todo sistema formado por um conjunto de signos que serve de meio de comunicação entre indivíduos e pode ser percebido pelos diversos órgãos dos sentidos (visão, audição, paladar, tato e olfato). (MELO e MELO, 2015, p.11 e 17).

A humanidade sempre teve a comunicabilidade como centro da sociabilidade. Desde as pinturas rupestres, ao ciberespaço e às redes sociais. A imagem permeia essas produções até hoje, mas nem sempre de forma ética, crítica e contextualizada.

⁹ A Geração Alpha é composta pelos nascidos a partir de 2010 e estudos afirmam que esta geração é mais voltada para as tecnologias, assim, as propagandas não estão ou não deveriam estar presentes somente na televisão, mas também na internet, principalmente em meios sociais de entretenimento.

Muitas vezes, apenas como via de mão única, sem interlocução, mediação e decodificações adequadas à produção do conhecimento, mas, apenas como estrutura informacional.

O símbolo é uma estrutura informacional, mas, quando é massivamente popularizada e controlada por estruturas de poder elitista e minoritário, torna-se um significado sociológico perigoso no sistema de comando/controle, passa de uma mera imagem a uma estrutura de comunicação direta, passando a exercer uma forte presença no comportamento humano. O signo pode estar em todos os nossos sentidos, olfato, audição, tato, paladar e, principalmente, na visão. Entretanto, deixa de ser uma sensação e passa a ser uma ação concreta e materializada, após sua significação. O conjunto de significados, de acordo com a cultura que foi produzido por um indivíduo, passa a tornar-se uma biblioteca informacional no cérebro humano, que, de pronto, faz associações relacionais e assim amplia ainda mais esses significados, constituindo-se, em uma linguagem que pode ser territorializada ou universalizada, produzindo uma linguagem e/ou letramento.

Nenhuma mente pode dar um passo sem a ajuda de outras mentes [...] o signo que constitui a linguagem “é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém”, e pode ser entendido como alguma coisa que está em lugar de outra, isto é, “estar numa tal relação com outro que, para certos propósitos, é considerado por alguma mente como se fosse esse outro. (PEIRCE, 2005, p. 39 e 61).

Santaella (2007), baseada em Peirce, aborda os conceitos da semiótica na perspectiva analítica, quando a utilizamos como método empírico de leituras múltiplas a partir dos sentidos e dos signos, como estratégia de leitura, que podem ser hipermediáticas, como o rádio a tv, as artes visuais, sonhos e tantas outras formas de letramento(s) e, que podem ser (re)significadas, nos processos dinâmicos de interação sociológica nos espaços geográficos de construção do pensamento. O que Peirce (2005, p. 35) denominou de "retórica especulativa", como ponto inicial de interpretação de como se estabelecem os signos e suas relações semióticas com seus *inputs* e suas decodificações.

O importante, tendo a semiótica como método científico de conhecimento na relação símbolo-sígnio-significado, é sabermos as relações estabelecidas por eles e suas intencionalidades pós decodificação. Se pensarmos na massificação de um determinado signo e suas (re)significações intencionais, elas podem muito bem servir a propósitos de comando/controle, para dominação social e para o pleno

estabelecimento do poder, por meio do medo, da afeição, do amor dentre outros sentimentos humanos, o "mito do herói". Como exemplo, podemos citar a suástica, muito utilizada na Segunda Guerra Mundial, no século XX. Para culturas antigas, este símbolo representava inúmeros significados, mas que passa, no período da segunda grande guerra, estrategicamente, ressignificar-se e estabelecer outras relações imagéticas, políticas e sociais, nesse caso, de respeitabilidade e poder para os alemães e de extremo terror para o povo judeu, inclusive, pós guerra, esse, símbolo foi banido em várias democracias por fomentar a intolerância e o ódio típicos do regime nazista. Isso significa a relação dos *inputs* estimulados e relacionais na reprodutibilidade que se faz de determinado signo.

Um signo é tudo aquilo que está relacionado com uma segunda coisa, seu objeto, com respeito a qualidade, de modo tal a trazer uma terceira coisa, seu interpretante, para uma relação com o seu objeto, e de modo tal a trazer uma quarta para uma relação com aquele objeto na mesma forma, ad infinitum. [...] Um signo genuíno transusuasional, ou símbolo, que é um signo cuja virtude significante se deve a um caráter que só pode ser compreendido com a ajuda de seu interpretante. (PEIRCE, 2005, p. 28 e 29).

Porém, como a consciência realiza esse processo de identificação, codificação e decodificação desse objeto a ser interpretado? Para Santaella (2007), a fenomenologia¹⁰ é um caminho para entendermos como nossa mente interpreta os fenômenos que são captados e interpretados. Para Peirce (2005), compreendemos esses fenômenos em etapas a serem entendidas e compreendidas, em relações processuais de signo para interpretante, em três concepções racionais, qualidade, relação e mediação. O sentir (*input* visual), o representar (*Insight* Representacional) e o comunicar (*Output* Comunicacional).

Parece, portanto, que as verdadeiras categorias são: primeira, sentimento, a consciência que pode ser compreendida como um instante do tempo, consciência passiva da qualidade, sem reconhecimento ou análise; segunda, consciência de uma interrupção no campo da consciência, sentido de resistência, de um fato externo ou outra coisa; terceira, consciência sintética, reunindo tempo, sentido, aprendizado, pensamento. [...] três concepções lógicas da qualidade, relação e mediação. A concepção da qualidade, que é absolutamente simples em si mesma e, no entanto, quando encarada em suas relações percebe-se que possui uma ampla variedade de elementos, surgiria toda vez que o sentimento ou a consciência singular se tornasse preponderante. A concepção de relação procede da consciência dupla ou sentido de ação e reação. A concepção de mediação origina-se da consciência plural ou sentido de aprendizado (PEIRCE, 2005, p. 14).

¹⁰ Fenomenologia é uma metodologia ou um modo de pensamento filosófico que retoma a importância dos fenômenos, os quais devem ser estudados em si mesmos – tudo que podemos saber do mundo e de nós próprios resume-se a esses fenômenos, a esses objetos fenomenais que o ser experimenta em sua finitude.

Para Peirce, a **primeiridade** é o início do processo de codificação/decodificação do signo/significado. Onde se estabelece o primeiro contato com o objeto. Seria o contato visual, como elemento estruturante do pensamento, a fase de mobilizar o sentir, transbordando uma ebulição nos sentidos humanos, o incômodo, a dúvida, a liberdade de pensamento. Neste momento, sem atribuir ou relacionar a nada, apenas sentir. A **secundidade** seria o reagir, buscar em sua "biblioteca intelectual", associações e relações informacionais em sua mente, em relação ao objeto observado. É o momento de significar, tornar o objeto observado em mensagem e, é importante salientar, que cada indivíduo tem formas de codificar/decodificar o objeto, de maneiras dicotômicas, a depender de seu arcabouço cultural e intelectual, de como está estruturada a sua "biblioteca intelectual", daí a importância de entender-se os processos que envolvem o ensino-aprendizagem, em sua ampla diversidade relacional e complexidade de métodos a serem elaborados e atingidos, com mais eficiência e ciência. O fato de existir (sua secundidade) está nessa corporificação material (SANTAELLA, 1983, p. 47). É na secundidade que se estabelece o conflito, a batalha, pela associação relacional do objeto observado, com as diversas informações que o indivíduo já tem armazenado em sua subconsciência, é neste processo, que se estabelece as vulnerabilidades cognitivas. Já, no último processo da semiótica peirciana, a **terceiridade**, é onde se materializa o pensamento em relação ao objeto observado, que deixa de ser apenas um objeto sem significação e passa a ser significante ao interpretante. É, nessa fase, que se faz o processo de letramento(s), é a materialização da comunicação, a qual não é, necessariamente, a única. Essa significação pode ter passado por processos associativos e representativos na secundidade, onde pode ocorrer a multiplicidade de entendimentos e pensamentos na consolidação cognitiva. É, na terceiridade, que se deve atentar para a mediação.

Um Signo, ou um Representâmen, é um Primeiro que se coloca numa relação triádica genuína tal com um Segundo, denominado Objeto, que é capaz de determinar um Terceiro, denominado seu interpretante, que assuma a mesma relação triádica com seu Objeto na qual ele próprio está em relação com o mesmo Objeto. (PEIRCE, 2005, p. 63).

Para entendermos os processos semióticos, precisamos compreender as relações que Peirce (2005) estabeleceu como signo, objeto e interpretante. Compreendermos como essas relações se estabelecem na mente humana e nos

diversos grupos sociais. É fundamental para entendermos como se estabelecem os processos comunicacionais e de escolarização no mundo, ou seja, as escolhas metodológicas que cada país escolherá seguir, nos seus processos de ensino-aprendizagens, em suas intencionalidades ideológicas/pedagógicas. Não se pode pensar de maneira homogênea essas relações interpretativas de aprendizagens, devemos levar em consideração na análise desses conceitos, a multiculturalidade, não perdendo de vista, as diferenças entre informação e conhecimento. Santaella (2002) tem um exemplo bastante didático, onde nos apresenta essas relações entre signo, objeto e interpretante.

[...] um vídeo de educação ambiental sobre o desmatamento da região amazônica é um signo que tem por objeto a região retratada no vídeo. Os efeitos interpretativos que o vídeo produz em seus espectadores é o interpretante do signo. (SANTAELLA, 2002, p.09).

A materialização do objeto, através do signo, vai levar o interpretante a compreender (ou não) as relações/intencionalidades, estabelecidas previamente pelo interlocutor, que conduz a ação informacional, e se haverá feedback e onde vai se estabelecer o processo comunicacional. Daí a relevância no trânsito da comunicação. Quem é esse interlocutor e seus interesses ideológicos? Quem são os interpretantes e suas relações com o objeto?

A escolarização em suas relações éticas, ideológicas, científicas e regionais devem sempre ser compreendidas como parte de extrema importância, na construção e formação desses processos comunicacionais e pedagógicos. A semiótica não pode ser relegada a superficialidades nos processos de mediação e nas metodologias do ensino-aprendizagem.

Os signos são divisíveis conforme três tricotomias: a primeira, conforme a relação entre o signo e seu fundamento; a segunda, conforme a relação entre o fundamento do signo e seu objeto; a terceira, conforme a relação entre o fundamento do signo e seu interpretante. (PEIRCE, 2005, p. 51)

A sugestibilidade é um dos elementos estratégicos que não podemos nos furtar a compreender e relacionar ao processo de entendimento de o que é um signo, de como ele se forma e de como ele se estabelece como elemento narrativo, que por sua vez, amplifica-se em um elemento informacional, que em conjunto pode vir a ser um pensamento que se constitua em conhecimento. Se pensarmos nos objetos do martelo e da foice, instrumentos primitivos, utilizados no trabalho braçal no campo e na terra, pela classe trabalhadora, como simples instrumentos, construídos pela

tecnicidade humana, com objetivos determinados de modificabilidade do espaço e a construção de outros instrumentos, assim serão. Mas, se significarmos esses objetos e atribuímos a eles outros valores, como por exemplo uma ideologia política, e associarmos a outros códigos, como a cor vermelha, que, no imaginário popular, já se estabeleceu como signo, seu interpretante já realiza cognitivamente suas representatividade semiótica, pois o vermelho nos remete a cor do "sangue", ao "coração", "vitalidade", que juntamente com o martelo (que é utilizado por uma determinada classe trabalhadora na primeira revoluções industriais), e a foice (utilizada pela classe trabalhadora no campo), pode traduzir na unificação do campo/cidade, tornaram-se, semioticamente, o símbolo da revolução comunista. Portanto, a associação desses objetos foram decodificados pelos seus interpretantes e materializados como um símbolo/representatividade de força, vitalidade, união, aliança, igualdade e que se entregam de coração a causa. De acordo com Santaella (2001, p. 227), imagens se tornam símbolos quando o significado de seus elementos só pode ser entendido com a ajuda do código de uma convenção cultural. Ao observarem a bandeira comunista, o cérebro, automaticamente, associa os valores do comunismo/socialismo, como elementos de resistência e reforça, semioticamente, esses valores, construídos ao longo dos tempos, principalmente no período da "guerra fria", ou seja, a qualidade, o que existe (a materialidade) e a lei (a semiose). O símbolo que é uma categoria significante propõe relação com seu objeto analisado ou significado. Vamos observar um outro exemplo trazido pela professora Santaella.

Se o fundamento do símbolo é uma lei, então, o símbolo está plenamente habilitado para representar aquilo que a lei prescreve que ele represente. O hino nacional representa o Brasil. A bandeira nacional representa o Brasil. A praça dos três poderes, em Brasília, representa os três poderes. Convenções sociais agem aí no papel de leis que fazem com que esses signos devam representar seus objetos dinâmicos. [...] O objeto dinâmico dos símbolos se refere ou se aplica, se fosse possível pensar uma tal referência última ou contexto global do signo. (SANTAELLA, 2020, p. 20 e 21).

Chegamos, até aqui, entendendo as diversas etapas semióticas e suas metodologias comunicacionais formativas, e suas relações de poder, por meio do objeto, signo e interpretante, e de como se faz necessária a intensa compreensão desses processos na formação e mediação cognitivas, na escolarização, independente do método epistemológico escolhido. Tanto Peirce como Santaella discorrem sobre estas questões e alertam-nos para esses processos, a fim de não

ampliarmos nossas vulnerabilidades intelectuais e sociais, nos tornando vítimas de um sistema baseado na comunicabilidade de poder e de comando/controle.

Neste trecho da escrita, vamos trazer à discussão os pensamentos da pesquisadora e professora Roxane Rojo, a qual aborda a importância da semiose nos processos de escolarização e nas metodologias de ensino-aprendizagem, que corroboram com o conceito de multiletramentos, para além apenas da escrita/oralidade (alfabetização clássica), mas, sugerindo como estrutura para mediação pedagógica, outras estruturas de comunicabilidade e produção do conhecimento, baseados em outras manifestações/linguagens humanas. Qual a importância desse método para a qualidade do ensino e para políticas públicas contemporâneas, na sociedade da imagem e para as futuras gerações? Nesta escrita, pretende-se discutir, todavia sem nenhuma intencionalidade de esgotar o tema. As relações contemporâneas produzidas na historiografia humana como elementos de análise e propostas para uma escolarização, que levem em consideração as interatividades globais e culturais das sociedades e suas relações de apropriação de significados e aprendizagens.

A necessidade de uma pedagogia dos multiletramentos foi, em 1996, afirmada pela primeira vez em um manifesto resultante de um colóquio do Grupo de Nova Londres (doravante, GNL), um grupo de pesquisadores dos letramentos que, reunidos em Nova Londres (daí o nome do grupo), em Connecticut (EUA), após uma semana de discussões, publicou um manifesto intitulado *A Pedagogy of Multiliteracies — Designing Social Futures* (“Uma pedagogia dos multiletramentos — desenhando futuros sociais”). Nesse manifesto, o grupo afirmava a necessidade de a escola tomar a seu cargo (daí a proposta de uma “pedagogia”) os novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea, em grande parte — mas não somente — devidos às novas tics, e de levar em conta e incluir nos currículos a grande variedade de culturas já presentes nas salas de aula de um mundo globalizado e caracterizada pela intolerância na convivência com a diversidade cultural, com a alteridade. (ROJO, 2012, p.12).

Rojo (2012) levanta questões importantes que, por muitas vezes a escola, por ter seu currículo engessado e condicionado a interesses diversos de poder e de comando/controle, esquece-se de olhar "por cima do muro". Exemplos como preconceitos diversos, racismo, laicidade, questões de gênero, política e outras diversas discussões que permeiam a sociedade contemporânea, mas que são invisíveis nos Planejamentos Pedagógicos, nos processos de ensino-aprendizagem, estagnado, muitas vezes, apenas nos processos de letramento. Isso deixa os discentes vulneráveis a outras formas de comunicabilidade, como o audiovisual (em suas diversas modalidades e formatos), na arte, nas comunidades independentes e,

principalmente, no avanço diário das redes sociais, as quais não possuem, sequer, nenhum tipo científico de mediação. Essas vulnerabilidades com a ausência da escola podem ser irreversíveis aos interpretantes, por terem constituído, ao longo do tempo, a materialização semiótica do objeto (*input*), em signo. Rojo (2012, p.13) nos alerta que a multiculturalidade característica das sociedades globalizadas e a multimodalidade dos textos por meio dos quais a multiculturalidade, se pensada como estrutura metodológica, nos processos de ensino-aprendizagem, possibilita uma ampla visão nas produções semióticas e comunicacionais, o que o grupo GNL nomeou de multiletramentos, podendo tornar-se uma estratégia pedagógica de enfrentamento às vulnerabilidades presentes na escola, ampliando a formação intelectual e cultural dos docentes e discentes, rompendo com valores conservadores e aristocráticos, cimentados pelas sociedades nas escolhas dos métodos de escolarização. Esses que preservam valores apenas da escrita/oralidade e dos saberes matemáticos.

Diferentemente do conceito de letramentos (múltiplos), que não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de multiletramentos — é bom enfatizar — aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. (ROJO, 2012, p.13)

A hibridização, nos processos de ensino-aprendizagem, podem ser uma discussão bastante pertinente na contemporaneidade, como estrutura metodológica de escolarização, onde, para além do mundo analógico, a cibercultura e o ciberespaço, estabelecem processos informativos e formativos, que, por vezes, não perpassam por uma confiabilidade científica e, sequer, sofrem qualquer tipo de mediação intelectual, tornando o processo de intelectualização uma "bagunça" cibernética, robotizando a sociedade e seus interlocutores pedagógicos. Daí a polarização ideológica, sem sentido epistemológico e sem uma discussão, baseada em métodos científicos. E é, neste campo, que a desinformação ganha território. A tradicionalidade conservadora, por anos na escolarização brasileira, desconsiderou a hibridização dialógica, das diversas produções culturais, estabelecidas de maneira dinâmica e intensa, fora de seus muros, na sociedade.

Essa visão desessencializada de cultura(s) já não permite escrevê-la com maiúscula — A Cultura —, pois não supõe simplesmente a divisão entre culto/inculto ou civilização/barbárie, tão cara à escola da modernidade. Nem mesmo supõe o pensamento com base em pares antitéticos de culturas, cujo

segundo termo pareado escapava a esse mecanicismo dicotômico — cultura erudita/popular, central/marginal, canônica/de massa — também esses tão caros ao currículo tradicional que se propõe a “ensinar” ou apresentar o cânone ao consumidor massivo, a erudição ao populacho, o central aos marginais. (ROJO, 2012, p.13 e 14)

A verdadeira democratização da escolarização e dos processos metodológicos no ensino-aprendizagem devem perpassar por momentos de hibridização e de formatos culturais em seus processos de produção linguística(s) e de comunicabilidade(s). A escola deve apropriar-se de novos discursos e formatos, outras formas de manifestações linguística(s), como : a imagem, a fotografia, o audiovisual, os podcats, a arte de rua, a criatividade periférica, a dança (não apenas a clássica e a dita erudição), a arte cibernética, a "*smartphoneosfera*", a multiculturalidade, dentre outras manifestações que se produzem e reproduzem fora da escola. Entretanto, não apenas como simbologias vazias e transversalizadas, como vemos hoje, mas, efetivamente, propor-se a uma escola "real" aos olhos de suas territorialidades. Porém, tendo sempre em vista que esta proposta, a da Pedagogia do Multiletramentos, não é o estabelecimento do livre pensamento, sem estar embasado em estudos científicos, sólidos e consistentes. E sim, em uma sugestão de aprofundamento desses estudos pela academia, pela escola e seus interlocutores. A proposta de mudança perpassa por uma transformação (ampliação) ética e estética do fazer educar, da troca, da autonomia. Na sociedade das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, as linguagens multimodais estão cada vez mais presentes no cotidiano dos nossos discentes, o que nos exige um processo acelerado de decodificação, formação semiótica e cultural, para que se possa estabelecer uma mediação dialógica, ética, estética e crítica. Precisamos aprender, apreender e a decodificar, para mediar.

No caso brasileiro, em nossas salas de aula, essa mistura de culturas, raças e cores não constitui constatação tão nova, embora passe o tempo todo quase totalmente despercebida ou propositadamente ignorada. Quais serão os laia/Rasga o coração que nossos alunos — rappers, funkeiros, pagodeiros, sertanejos — incluem em suas leituras “canônicas” de José de Alencar, ele mesmo um folhetinista? Como bem mostra García Canclini (2008[1989]), esses pares antitéticos — cultura erudita/popular, central/marginal, canônica/de massa — já não se sustentam mais faz muito, nem aqui nem acolá... Os híbridos, as mestiçagens, as misturas reinam cada vez mais soberanas. Para o autor, a produção cultural atual se caracteriza por um processo de desterritorialização, de descoleção e de hibridação que permite que cada pessoa possa fazer “sua própria coleção”, sobretudo a partir das novas tecnologias. [...] É o que tem sido chamado de multimodalidade ou multissemiótica dos textos contemporâneos, que exigem multiletramentos. Ou seja, textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semiotes) e que exigem capacidades e práticas de compreensão

e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar. (ROJO, 2012, p.15 e 19)

A hipertextualidade, a colaboração, a ética, a contextualização, o ciberespaço, a interatividade, a multiculturalidade, a autonomia e a criticidade são estratégias metodológicas preponderantes, quando falamos da Pedagogia de Multiletramentos. Por isso, faz -se de extrema importância as reflexões acerca das estratégias baseadas nos multiletramentos e suas metodologias no fazer pedagógico e nas práticas que medeiam os processos de ensino-aprendizagem. E que essas práticas possam efetivamente serem incorporadas na formação continuada dos docentes, além de serem propostas como Políticas Públicas de Estado para educação. Com o desenvolvimento das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação e do ciberespaço, as transformações ocorrem de maneira dinâmica e acelerada, a escola não consegue acompanhá-las, nos processos metodológicos do fazer pedagógico e de suas práticas. Mesmo os estudantes mais carentes e com sérias vulnerabilidades sociais, eles ainda possuem (ainda que de maneira restrita e com uma quantidade de usabilidade menor no que se refere ao tempo) acesso a rede mundial de computadores e diversos aplicativos, por meio dos smartphones, os quais poderiam, se mediados corretamente, serem utilizados para as práticas educacionais. Mas que, efetivamente, possamos entender esse multiverso digital e que possamos utilizá-lo para uma pedagogia do multiletramento, faz-se necessário o entendimento do que são essas estratégias, como utilizá-las e como mediar esse fazer pedagógico em sala de aula. É preciso entender que a formação continuada dos docentes, baseada na linguagem dos multiletramentos, pode possibilitar uma nova identidade de saberes.

Em qualquer dos sentidos da palavra “multiletramentos” — no sentido da diversidade cultural de produção e circulação dos textos ou no sentido da diversidade de linguagens que os constituem —, os estudos são unânimes em apontar algumas características importantes: (a) eles são interativos; mais que isso, colaborativos; (b) eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não]); (c) eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas). (ROJO, 2012, p.23)

Temos que compreender que a metodologia dos (multi)letramentos está diretamente relacionada com a hipertextualidade e a multimodalidade comunicacional e na produção do conhecimentos no ciberespaço, de forma colaborativa e interativa, sem perder de vista a multiculturalidade e a globalização. As plataformas digitais

como o próprio conglomerado capitalista Google Workspace Marketplace vêm constituindo-se como uma das mais utilizadas na escola, sejam e seus pacotes "educacionais" como o Google For Education, como plena interatividade e colaboratividade, em seus aplicativos, seja, na rede de busca, onde estão muito vulneráveis à intervenções ideológicas de poder e comando/control. O monopólio dessas corporações pode ser positiva, se utilizadas com ética, colaboração, mediação, criticidade, regionalidade, territorialidades e contextualização, assim subverter seu *status quo*. Ou os Estados podem propor a constituição de suas próprias plataformas educacionais, utilizando softwares livres, recursos educacionais abertos - REA e licenciá-los livremente na modalidade *Creative Commons*. Assim, nos libertaremos do monopólio de plataformas proprietárias, onde não temos controle sobre os conteúdos produzidos, compartilhados sem colaboratividade e vendidos aos Estados, por meio de lobistas e interesses corporativistas.

As profissões da atualidade lidam com imagem, com som digitalizado, com programas de edição de fotos, ou seja, grande parte dos profissionais não opera mais sem os textos multiletrados. Essa é a maneira de escrever do futuro, mas, para a juventude, esse já é o jeito como ela escreve e é desse jeito que ela vai viver e, inclusive, trabalhar. Esse é um dos motivos pelos quais o conceito de multiletramentos tem toda a relevância para a escola. Do mesmo jeito que ela alfabetizava para ensinar a assinar o nome no começo do século XIX e que alfabetizava para ler pequenos textos e depois textos mais complexos ao longo do século XX, agora é preciso letrar para esses novos textos que se valem de várias linguagens. Os jovens já consomem ou leem esses textos novos na TV, no tablet e no celular. No entanto, produzi-los é outra história, sobretudo criticamente, porque tem relação com dominar ferramentas e programas e seus apetrechos. Como a sociedade não vai retroceder nessa questão, é preciso que a educação acompanhe o processo. O desafio é como a escola, que, tradicionalmente, valoriza os repertórios e as coleções clássicas das quais ela é guardiã, faz para se aproximar dos repertórios de textos, vídeos e áudios dos alunos, que são culturalmente variados? Os gêneros que estão na internet misturam culturas o tempo todo. (ROJO, p.8 e 9, 2013)

A Escola deve passar a enxergar outras possibilidades de letramento(s). Claro que não se pode negar a importância dos processos de alfabetização, baseados na leitura, escrita e oralidade. Entretanto, devemos ampliar essa escolarização para outras expressões sociais de comunicabilidade. Não se pode ficar preso aos processos tradicionais e conservadores, esses que acabam por ter uma pseudo credibilização social, como únicas formas de ensinar/aprender. A Escola, por anos, mantém, ou por conveniência ou por ideologias, as práticas de letramento "valorizadas", tornando-se muros quase que intransponíveis a outras linguagens de comunicação e informação, não apenas como suporte pedagógico, mas como

alicerce consistente e modificador dessa realidade. Devemos transpor o conservadorismo do letramentos, hiermidabilizando novas metodologias de ensinar/aprender, utilizando todas as diversas manifestações técnicas-científicas-informacionais, pensando sempre, nesse sentido, na formação continuada dos nossos docentes e estudante e ainda propondo essas metodologias multimodais e de Multiletramentos, como Políticas efetivas no ensino público. A educação, afinal, está à serviço de quê ou de quem(ns)? A multilinguagem vem se ressignificando ao longo da historicidade humana. Desde as pinturas rupestre, da escrita, da imprensa, do rádio, da fotografia, do cinema, da tv, dos códigos binários, os mashups¹¹ e da nanotecnologia, porém a Escola, não conseguiu, cronologicamente, seguir a mesma velocidade da informação e da produção do conhecimento. Ela entende seu papel de interlocução, na medida conteudista, em transmitir e não mediar (de maneira efetiva - troca) as relações entre a ciência e a cultura. Faz-se necessário um olhar de “mea-culpa”, um olhar internalizado sobre o fazer pedagógico e o ato de ensinar. A "midificação" não pode ficar à disposição de interesses do capital e do poder, no ciberespaço, sem a direta mediação da ciência e da Escola. Esse processo deve ser compartilhado, dinâmico, ético e contextualizador, em suas estruturas de saber e na produção do conhecimento, esse, que deve propor justiça social, equanimidade, e igualdade de condições entre a iniciativa privada e a Escola Pública.

Vivemos em um mundo em que se espera (empregadores, professores, cidadãos, dirigentes) que as pessoas saibam guiar suas próprias aprendizagens na direção do possível, do necessário e do desejável, que tenham autonomia e saibam buscar como e o que aprender, que tenham flexibilidade e consigam colaborar com urbanidade. [...] Como disse antes — e nisso discordo de Lemke — são requeridas uma ética e várias estéticas e aí se encontra um trabalho que a escola pode tomar para si: discutindo criticamente as “éticas” ou costumes locais, constituir uma ética plural e democrática; discutindo criticamente as diferentes “estéticas”, constituir variados critérios críticos de apreciação dos produtos culturais locais e globais. Aqui, estamos no domínio das atitudes e valores, que também se aplicam às línguas (e suas variedades), às linguagens e suas combinações e às práticas letradas em suas variedades (e, logo, justifica-se uma área de línguas/linguagens nas escolas). (ROJO, p.27 e 28, 2013)

Os estudantes não podem ser entendidos como repositórios de conteúdos (e fora da escola, não são) e nem vulnerabilizados ciberneticamente como usuários de uma determinada rede de tecnologia digital. Se percebermos só existem dois

¹¹ Um mashup é um site personalizado ou uma aplicação web que usa conteúdo de mais de uma fonte para criar um novo serviço completo.

sistemas que se utilizam da palavra "usuários": o narcotráfico e a rede mundial de computadores. Nossos estudantes, na contemporaneidade, não podem ser mais entendidos, como meros consumidores de conteúdos, mas sim, como produtores de conteúdos. Por este motivo, a metodologia da Pedagogia dos Multiletramentos, faz-se, no mínimo, necessária a uma vasta discussão acadêmica, como uma metodologia ampla e viável para novos processos de escolarização. Rojo (2013, p.24) afirmava que a lógica interativo-colaborativa das novas ferramentas dos (multi)letramentos permite fraturar ou subverter/transgredir as relações de poder preestabelecidas. Mas essa discussão, que não tem a intenção de esgotar-se, nessa escrita, não propõe uma mudança de postura curricular apenas, ou uma completa modificabilidade nos processos de ensino-aprendizagem, mas propor um olhar mais aprofundado e crítico, nos nossos hábitos de ensinar e aprender, ao invés de apenas disciplinarizar o saber, o trocar ao contrário de proibir, o colaborar no lugar de ser impositivo, o hiperespecializar ao invés de ser apenas análogo. Uma Pedagogia dos Multiletramentos é uma metodologia que estabelece uma relação entre as linguagens valorizadas pela Escola com as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, com a observância dialógica da multiculturalidade como estratégia crítica no pensamento curricular, a hipertextualidade como elemento textual nas produções pedagógicas e suas trocas de saberes. Propor estudantes não apenas críticos, mas também transformadores de sua realidade, realizar uma imersão na sua culturalidade formativa e de sua territorialidade, ou seja, constituir, juntamente com nossos discentes, uma multilinguagem dinâmica e contemporânea. E no Brasil, no que se refere aos docentes, esses sempre se mostraram adeptos a transformações e a modificabilidade nos processos metodológicos no ensino-aprendizagem. O que possibilita a ampliação dialógica e uma plenária democrática e progressista, em relação a novas formas de escolarização, sendo essas mais justas e que possam contribuir para uma ideia ampliada de nação e corroborando com a luta pela diminuição das desigualdades sociais.

4. O PROGRAMA REDE ANÍSIO TEIXEIRA - SUAS EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS: COMO PROPOSTA DE POLÍTICA PÚBLICA, PARA REDE DE ENSINO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA - O PROGRAMA TV ANÍSIO TEIXEIRA - EXPERIMENTAÇÃO E PESQUISA EDUCACIONAL.

A Rede Anísio Teixeira¹² surgiu, em 2008, como proposta de programa de governo, na Secretaria Estadual da Educação do Estado da Bahia, por meio da integração de quatro grandes projetos de educação e comunicação: a TV Anísio Teixeira, a rádio web, o portal da educação e os informes IAT (periódico impresso).

Art. 1º - Fica instituído o Programa de Difusão de Linguagens e Tecnologias da Comunicação Rede Anísio Teixeira, tendo como objetivo integrar os projetos da TV Anísio Teixeira, rádio web, Portal da Educação e "Informes IAT"; e o desenvolvimento de cursos e atividades formadoras para professores da Rede Estadual da Educação centradas nas diversas linguagens da comunicação. Art. 2º - O programa, subordinado à Diretoria Geral do IAT, atenderá às demandas do Instituto Anísio Teixeira IAT, voltadas para pesquisa, formação e experimentações estético-pedagógicas em produções comunicacionais, e deverá atender as necessidades das diretorias que compõem o Instituto, em prol do desenvolvimento e ampliação da experimentação e uso das Tecnologias da Informação e Comunicação nos processos de ensino e aprendizagem. (BAHIA, Portaria n. 9.004/2008).

Mas, nesta escrita inicial, vamos especificamente, no primeiro momento, abordar o Projeto [TV Anísio Teixeira](#), que culminou na consolidação da [Rede Anísio](#) e da criação dos processos formativos e da [Plataforma Anísio Teixeira](#)¹³.

A TV Anísio Teixeira foi pensada e estimulada, a partir de uma grande discussão realizada no "I Fórum Nacional de TVs Públicas", realizado em Brasília no ano de 2006, que foi pensada como política pública, no governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Marcaram presença no evento, representantes do governo e da Secretaria Estadual da Educação do Estado da Bahia, com a finalidade de discutir a

¹² Canal das produções da Rede Anísio Teixeira, disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCVPr7ykqgDId7AvB7S7jfyQ/videos>

¹³ A Plataforma Anísio Teixeira, desenvolvida pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia, por meio do Instituto Anísio Teixeira (IAT), através do Programa de Difusão de Mídias e Tecnologias Educacionais – Rede Anísio Teixeira, integra um conjunto de serviços, softwares livres e Recursos Educacionais Abertos (REA) relacionados à mediação de práticas pedagógicas e à gestão de acervos on-line, voltados para a Educação Básica e para a Formação Continuada dos Profissionais da Educação Básica das redes públicas de ensino do estado da Bahia. O Programa Rede Anísio Teixeira foi instituído pela Portaria Nº 9.004/08, publicada no Diário Oficial do Estado da Bahia em 20 de agosto de 2008.

implementação da TV Pública no Brasil. Registrado estudo na Câmara dos Deputados em 2007.

Este trabalho estuda a viabilidade da implantação da televisão pública no Brasil e os requisitos que deverão nortear a definição da iniciativa. O documento inicialmente irá apresentar os serviços de televisão existentes no Brasil do ponto de vista da legislação vigente. A seguir, serão resumidos os principais casos de televisão pública no mundo e analisado o caso brasileiro da TV Cultura (educativa e estatal). O recente fechamento da emissora venezuelana RCTV também é discutido. As propostas emanadas do Fórum de Televisões Públicas serão apresentadas na sequência. No capítulo seguinte, o trabalho passa a avaliar as propostas de definição de uma rede pública de televisão no Brasil. Por fim, são apresentadas as principais conclusões do estudo. (NAZARENO, 2007, p.3)

A Secretaria Estadual da Educação, em 2008, lançou um edital de chamada pública para professores da Rede Estadual de Ensino Público da Bahia nº. 9.004/2008¹⁴. A [TV Anísio Teixeira](#) é um Programa Estruturante da Secretaria Estadual da Educação e insere-se no regimento do [Instituto Anísio Teixeira - IAT](#), nas ações do relacionadas à inovação metodológica, pesquisa, experimentação e relaciona-se diretamente com as novas diretrizes pedagógicas da Secretaria Estadual da Educação para formação continuada dos Professores e Professoras da Rede Estadual de Ensino, além da valorização dos profissionais da Educação e de toda a comunidade escolar.

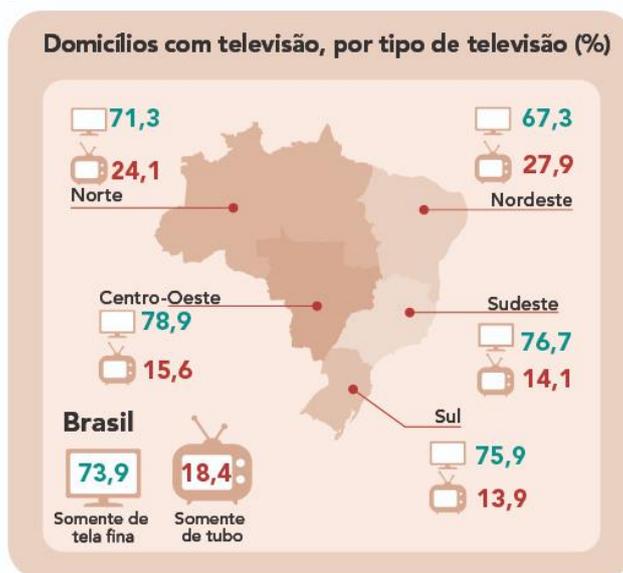
A maior revolução que pode acontecer no Brasil é a verdadeira democratização dos meios de comunicação. Até a vinda da família Real portuguesa para a sua colônia tropical (1808), nestas terras não havia permissão para produção e circulação de nenhum tipo de periódico. A história dos meios de comunicação no Brasil prosseguiu como reflexo de uma história de injustiça e de lutas contínuas em busca de voz e visibilidade.[...] Queiramos ou não, a TV e as redes sociais, estão influenciando a formação de gerações de brasileiros, determinando comportamentos, impondo identificações, agenciando projeções e nos privando de aspectos dos fatos noticiosos que não podem ser socializados, já que interferem nos interesses dos detentores dos meios de produção, das notícias e de programas voltados para o simples entretenimento.[...] Se os meio de comunicação e no Brasil acima de tudo a televisão e as redes sociais são decisivas na construção da nossa sociabilidade, interfere nas decisões políticas e eleitorais, é fundamental na estruturação da nossa economia, como a escola pode se eximir de atuar em prol da “alfabetização” para a leitura e produção de imagens e significados, tão importante na atualidade para o pleno exercício da cidadania quanto a leitura, a escrita e o cálculo? (BAHIA. SEC. TV Anísio Teixeira - Projeto Estético-Pedagógico. 2008, p.6)

Esse argumento foi corroborado nos dados divulgados pelo PNAD/IBGE (2018/2019), onde apresentou em seus estudos, um considerável aumento dos

¹⁴ Historiografia da Rede Anísio Teixeira, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KHererbW-Bg>

dispositivos comunicacionais no Brasil. O que estrutura a necessidade de novas discussões acerca de novos processos metodológicos e de novas abordagens na mediação e na escolarização, voltadas para as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação. A escola não pode ficar à margem desse diálogo, nem nos processos curriculares, como nos processo de infraestrutura física e tecnológica, ou seja, deve-se propor Políticas Públicas Educacionais Efetivas, para a implementação desses processos.

Figura 1 - O uso de aparelhos de TV por Domicílio (2019)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019.

A utilização de outros dispositivos comunicacionais, também possibilitaram o fomento e a criação da Rede Anísio Teixeira como objetos a serem mediados pela Escola. A ampliação e a democratização desses dispositivos, também, dicotomicamente, possibilitaram pensarmos em uma saída de usabilidade dos objetos produzidos pela Rede Anísio Teixeira, mesmo sabendo que não éramos uma política pública, mas apenas um projeto de governo, que não disponibiliza recursos e nem infraestrutura às unidades escolares de forma efetiva, no que se referem a conectividade e a formação continuada em tecnologias digitais da informação e Comunicação. Cenário esse modificado, depois da plena implantação do Programa Rede Anísio Teixeira (como veremos nos dados apresentados no capítulo que tratará dos processos de formação da Rede Anísio). Segundo a PNAD/IBGE (2018/2019), "o percentual dos que usavam banda larga móvel 3G ou 4G passou de 80,2% para 81,2% entre 2018 e 2019."

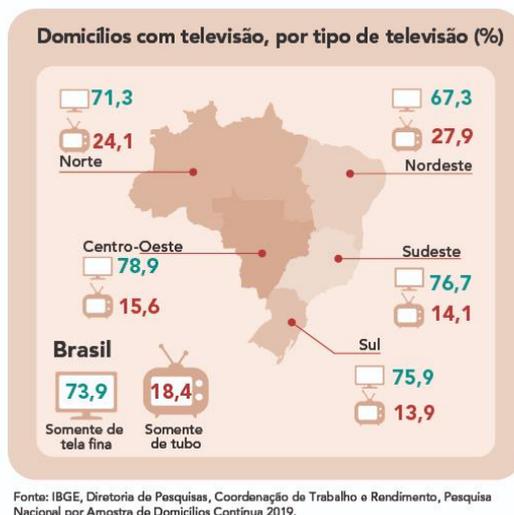
Figura 2 - O uso de equipamentos comunicacionais em (2019)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018/2019.

Ainda segundo o PNAD/IBGE (2018/2019) "De todos os domicílios pesquisados em 2019, em 96,3% havia um aparelho de televisão. No ano anterior, o percentual era de 96,4%. A Região Norte continuou detendo o menor percentual de domicílios com televisão (91,6%)."

Figura 3 - O número de aparelhos de TV por Domicílio



Nesse processo, foram selecionados 20 professores e professoras de diversas áreas do conhecimento, sendo em sua maioria de Linguagens e Arte. O processo de seleção se deu em três etapas: Análise curricular (onde além da formação em licenciatura plena, esses deveriam também possuir uma segunda formação na área de arte, tecnologia educacional e/ou comunicação); A segunda etapa foi uma entrevista de caráter eliminatório; E a terceira etapa ocorreu com uma formação de três meses, tendo como mediadores profissionais das áreas de audiovisual, tecnologia digital e arte-educação. Esse processo foi promovido pelo Instituto Anísio Teixeira - IAT¹⁵. Com relata do Professor Fábio (2021)

Pra falar da minha trajetória na TV anísio Teixeira, eu preciso voltar no tempo um pouquinho antes, no colégio, onde eu era Professor de Inglês nos anos 90 chegou um projeto que pretendia trabalhar vídeos na sala de aula, era o projeto vídeo escola, um programa patrocinado pelo Banco do Brasil e pela Fundação Roberto Marinho. Tivemos muita dificuldade em executar esse programa na escola, porque não só eu, mais os meus colegas, olhavam com desconfiança, por causa da assinatura da Fundação Roberto Marinho mas, fazendo oficinas no IAT, tendo como Professor Nelson Preto, a Dra. Marília Franco lá da USP, o Dr. Moran da escola de cinema lá dá USP, essas pessoas foram trazidas ao IAT, pra quê nós pudéssemos ser alfabetizados nessa outra forma de dar aulas, fazendo uso de vídeos, e de volta à escola um dos vídeos que eu escolhi do projeto para trabalhar com os meus colegas foi justamente Ilha das Flores de Jorge Furtado, a ANCINE tinha sido fechada pelo Presidente Collor, e Jorge Furtado foi parar na Rede Globo, e lá ele fez trabalhos fantásticos, e Ilha das Flores, resume a competência desse profissional. Quando terminei de exibir pro meus colegas aquele vídeo, as informações eram tão velozes, a narrativa do Paulo José era tão rápida, a sucessão de imagens mau dava tempo de raciocinar sobre aquilo o que se

¹⁵ Decreto 9064/04, art. 1. O Instituto Anísio Teixeira - IAT, órgão em regime especial da administração direta, integrante da estrutura da Secretaria da Educação - SEC, criado pela Lei Delegada nº 67, de 1º de junho de 1983, reestruturado pelas Leis nos 6.074, de 22 de maio de 1991, 6.812, de 18 de janeiro de 1995 e 7.028, de 31 de janeiro de 1997, e modificado pelas Leis nos 7.435, de 30 de dezembro de 1998 e 8.970, de 05 de janeiro de 2004, tem por finalidade planejar e coordenar estudos e projetos referentes a ensino, pesquisa, experimentações educacionais e capacitação de recursos humanos na área de educação.

estava vendo, era justaposição, era uma série de coisas que aconteciam na mente das pessoas, que ao final, quando aberto para que cada um discutisse e comentasse o vídeo, houve silêncio, mas, eu pude ver os olhos esbugalhados dos meus colegas, e eu disse calma: o que está acontecendo aqui, é que nós crescemos como telespectadores de novelas de modo passivo, e agora nós estamos sendo convidados a intervir em uma peça audiovisual, e aí então começou esse processo de educação do olhar, era assim que a gente falava nos anos 90, educação do olhar. E não era só a narrativa audiovisual que tivemos que incorporar, como também tivemos que aprender a mexer nos aparelhos o videocassete, a televisão, o controle remoto era um bicho papão, foi necessário dar suporte aos professores para que utilizassem os aparelhos na sala de aula, eu mesmo levava a televisão nas costas e instalava na sala do meu colega, que queria experimentar a novidade. Incorporamos o uso de narrativas audiovisuais no fazer pedagógico, produzimos também vídeos, porque a escola adquiriu uma câmera, e mais de dez anos depois, saiu o edital da TV Anísio Teixeira, Secretaria de Educação, através do Instituto Anísio Teixeira, criou a TV Anísio Teixeira, professores se inscreveram, entre eles, eu me encontrava lá, e tive a sorte de ser selecionado para esse projeto. A pergunta, que se fazia então, o que professores farão numa uma tv? Já existia a TVE, verdade o Pola Ribeiro que era o diretor da TVE na época, chegou a dar uma entrevista dizendo que a TVE cobria o Estado da Bahia mas de uma forma ampla, a TV Anísio Teixeira iria cobrir nichos, territórios, sala de aula o que a TVE não tinha como alcançar, e a nossa função nessa TV, era basicamente, conferir a TV o status pedagógico, porque a TV muitos já faziam mas, aquela TV que tem a cara da escola essa ainda não existia, então fomos nós os professores dessa TV Anísio Teixeira que construímos a grade de programação, criamos os programas orientamos através de nossas pesquisa os possíveis roteiros, os possíveis não, os roteiros que foram realizados e foram filmados, e na primeira temporada isso ainda em 2009/10, e na primeira temporada foi exibida na TVE a TV educativa da Bahia, e o resultado não poderia ser outro, uma coisa é pessoas que não conhecem o chão da escola produzir materiais para essa escola, outra coisa é professor que está no dia a dia da sala de aula produzir esses conteúdos que disparem determinados assuntos, no caso da TV Anísio Teixeira, não fizemos vídeoaulas, porque existia outro projeto o EMITEC, que se destinava a isso. A nossa produção estava voltada mais para documentários, para apresentar é a escola na TV, entrevistar estudantes, professores e funcionários para que eles se vissem na TV, e dessa forma todos se apropriarem dessa forma de produzir, desmistificando deixando a TV de ser um mito, passando possível de ser produzida com a colaboração dos professores e estudantes, então assim, cada vez que a gente via a exibição dos programas construídos à várias mãos, éramos 20 professores, nós sentimos a realização, de o olhar do professor através da lente da, das câmeras, da edição.

Figura 4 - Processo de formação e pauta da TV Anísio Teixeira (2008)



Foto - Rede Anísio Teixeira

Com a seleção dos 20 educadores, deu-se início ao projeto TV Anísio Teixeira que tinha como proposta inicial relacionar metodologicamente, educação-arte-tecnologias digitais, a partir da produção de conteúdos educacionais, regionais, éticos, colaborativos e com a cara da cultura e da territorialidade baiana. Para tanto, esse projeto foi norteado por duas grandes teoria metodológica: A Pedagogia dos Multiletramentos¹⁶ e a teoria da Arte-educação, na perspectiva da abordagem triangular, sugerida pela pesquisadora Ana Mae Barbosa.

Artes têm sido uma matéria obrigatória em escolas primárias e secundárias (1º e 2º graus) no Brasil já há 17 anos. Isto não foi uma conquista de arte-educadores brasileiros mas uma criação ideológica de educadores norte-americanos que, sob um acordo oficial (Acordo MEC-USAID), reformulou a Educação Brasileira, estabelecendo em 1971 os objetivos e o currículo configurado na Lei Federal nº 5692 denominada "Diretrizes e Bases da Educação". Essa lei estabeleceu uma educação tecnologicamente orientada que começou a profissionalizar a criança na 7ª série, sendo a escola secundária completamente profissionalizante. Esta foi uma maneira de profissionalizar mão-de-obra barata para as companhias multinacionais que adquiriram grande poder econômico no País sob o regime da ditadura militar de 1964 a 1983. No currículo estabelecido em 1971, as artes eram aparentemente a única matéria que poderia mostrar alguma abertura em relação às humanidades e ao trabalho criativo, porque mesmo filosofia e história haviam sido eliminadas do currículo.(BARBOSA, 1989, p.170)

¹⁶ A Pedagogia dos Multiletramentos visa ao desenvolvimento da capacidade de agência na construção de sentidos, com sensibilidade para as diferenças, mudanças e inovações, o que a faz uma pedagogia mais "produtiva, relevante, inovadora, criativa e capaz de transformar a vida" (COPE; KALANTZIS, 2013).

Esses dois pilares epistemológicos e metodológicos deram alicerces ao processo de construção da TV Anísio Teixeira e, posteriormente, expandindo-se para o [Programa Rede Anísio Teixeira](#).

A abordagem triangular é uma das principais premissas epistemológicas, que norteiam os trabalhos e as produções da Rede Anísio Teixeira, possibilitando um olhar mais crítico, acerca dos processos metodológicos a serem discutidos pela equipe de formadores e colaboradores e técnicos, além de possibilitar na produção dos instrumentos didáticos/pedagógicos, consistência científica a essas produções.

Nossa ideia de leitura da imagem é construir uma metalinguagem da imagem. Isto não é falar sobre uma pintura mas falar a pintura num outro discurso, às vezes silencioso, algumas vezes gráfico, e verbal somente na sua visibilidade primária. Para compreender as relações de significado dentro das imagens nós temos sido ajudados por sistematizações de Louis Marin (1978), Jean-Louis Schefer (1969), Oscar Morina y Maria Elena Jubrias (1982), Edmundo Burke Feldman, Harry Broudy, J. Bronowski, Rudolf Arnheim, etc. [...] Apesar de ser um produto da fantasia e da imaginação, a arte não está separada da economia, política e dos padrões sociais que operam na sociedade. Ideias, emoções, linguagens diferem de tempos em tempos e de lugar para lugar e não existe visão desinfluciada e isolada. Construímos a História a partir de cada obra de arte examinada pelas crianças, estabelecendo conexões e relações entre outras obras de arte e outras manifestações culturais.[...] A Proposta Triangular deriva de uma dupla triangulação. A primeira é de natureza epistemológica, ao designar os componentes do ensino/ aprendizagem **por três ações mentalmente e sensorialmente básicas, quais sejam: criação (fazer artístico), leitura da obra de arte e contextualização**. A segunda triangulação está na gênese da própria sistematização.. (Barbosa, 1998, p. 33, 34 e 178).

Com os educadores selecionados, chega o momento de formação continuada dos mesmos e da descoberta de novos caminhos dialógicos, entre a educação e seus processos com a ciência comunicacional, em seu sentido amplo. Caminho que não foi, *a priori*, muito tranquilo, pois a proposta inicial sempre foi de uma TV e uma Rede livre, contextualizada, ética, colaborativa, inovadora, interativa e que dialogasse, diretamente, com o currículo formal, mas com a leveza e a transdisciplinariedade da comunicação e do fazer artístico, crítico e emancipador. Sem ser uma TV educativa, nos moldes das existentes na época, onde apenas eram conteudistas e acabavam sendo um livro didático televisionado, com seus vícios de poder e suas superficialidades didáticas, aprisionadas pelo currículo formal, esses, muitas vezes, controlador pelo poder do capital, direcionados apenas para o entretenimento e a publicidade. Não pensávamos em uma TV baseada em vídeos aulas e, nem tampouco, em uma TV aberta comercial, servindo aos interesses dos detentores dos bens de produção, pensamos em uma TV que pudesse dialogar com os processos

comunicacionais e educacionais, sem ser uma TV baseada no pedagogs e/ou na publicidade comercial, voltadas ao lucro e a especulaç3o de poder, o di3logo, era o de pensar em uma [TV P3blica e aberta para todos](#) . O desafio era enorme.

Figura 5 - Processo de formaç3o dos professores selecionados (2008)



Foto - Rede An3sio Teixeira

Os primeiros programas, produzidos na primeira temporada da TV An3sio Teixeira, mostraram um grande desafio para os Educadores e Educadoras do programa TV AT. Inicialmente, produzimos dois formatos televisivos, uma revista eletr3nica chamada de [Almanaque Viramundo](#) e tamb3m em um formato jornal3stico que foi chamado de [M3quina de Democracia](#), al3m dos programas das [Campanhas Educativas](#), que eram um produto institucional informativo (p3lulas), o [Ginga Corpo e Cultura](#), que era um programa voltado para a disciplina de Educaç3o F3sica, mas que tem como premissa o respeito e o cuidado com o corpo, al3m dos interprogramas [Meu av3, o circo](#) que tem como objetivo principal valorizar a arte como processo de ensino-aprendizagem, al3m do programa [Etnomatem3tica](#), que objetivava desmitificar o ensino da matem3tica, utilizando como refer3ncia o socioconstrutivismo vygotskyana e tamb3m nos pensamentos do pesquisador Ubiratan D'Ambr3sio. Foram pensados e produzidos programas que tinham como refer3ncias a discuss3o da diversidade de g3nero, como o [Muito Prazer](#), que era um programa de audit3rio, que consistia em um di3logo mediado por um arte educador, especialistas e estudantes da Escola P3blica. T3nhamos produzido, tamb3m, outro programa de audit3rio, esse especificamente para popularizar e formar plat3ia, para diversos estilos musicais da Bahia, para al3m da *ax3 music*, chamado de [Identities](#). A l3ngua

Portuguesa foi contemplada com dois programas: O [Questão de Língua](#), que abordava as curiosidade da língua portuguesa, falada no Brasil e o programa [Poesia de Cada Dia](#), que era a veia poética da TV AT. Já pensando no ensino superior, foi criado o [Dois Dedos de Prosa](#), que consistia em um diálogo mediado por um Professor ou Professora, com um pesquisador da academia, sempre com temas específicos e interdisciplinares. E para contemplar as artes cênicas e suas diversidades, foi criada uma série de episódios ficcionais, tendo o teatro e a TV como formatos híbridos, o Programa [EmCenaAção](#). Todas as produções da primeira temporada foram produzidas com recursos públicos, por meio de edital, com produtoras audiovisuais do mercado baiano. O processo de produção seguiu as seguintes etapas: Era produzido um [Designer Pedagógico](#), elaborado pelos educadores da Rede, em seguida, orientados por roteiristas e aprovados pelos próprios educadores, eram constituídas as etapas audiovisuais de pré-produção, realização e pós-produção.

Figura 6 -Gravação do Programa Almanaque Viramundo (2009)



Foto - Peterson Azevedo

A seguir, era apresentado pelas produtoras um primeiro corte, avaliados pedagogicamente pelos educadores e promovidos os ajustes. Depois, era avaliado o corte com os ajustes finais e catalogados e compartilhados na Plataforma Anísio Teixeira. Já nas produções seguintes, ficaram a cargo dos educadores e técnicos da Rede Anísio Teixeira. A equipe passa a produzir (todas as etapas de produção), e a

catalogar e compartilhar, ou seja, a autonomia técnica/pedagógica, passa a ser exercida pela equipe da Rede Anísio, sem a necessidade de contratação externa (licitações), de produtoras privadas, respeitando assim o erário público, se tornando uma das poucas, senão a única Plataforma Educacional Digital de código aberto e licenças livres do Brasil, a produzirem seus próprios conteúdos de base ética, crítica, contextualizada, compartilhada livremente e colaborativa, com sua própria equipe de servidores públicos, lembrando, esses selecionados por meio de edital público, na própria Rede de Ensino do Estado da Bahia.

No ano de 2013, um grupo de educadores da TV Anísio Teixeira, produziu um novo programa, o Faça Acontecer, série de minidocumentários com estudantes de escolas públicas que se destacavam pelas suas produções artísticas, científicas e esportivas. Desta vez a produção foi realizada sem a participação de uma equipe de produção contratada, utilizando o veículo e alguns equipamentos do IAT, além de equipamentos pessoais. Os educadores foram responsáveis por todas as etapas de produção deste programa, desde a criação até a difusão. Foram produzidos cinco episódios, alguns deles em cidades do interior. [...] Todas as etapas de produção do programa Faça Acontecer, foram realizadas pelos educadores da Rede Anísio Teixeira, utilizando os equipamentos e recursos que tinham disponíveis. Alguns deles relataram o grande desafio que foi essa produção, era a primeira vez que eles assumiram uma produção da TV Anísio Teixeira do início ao fim. Além do desafio de garantir a qualidade da produção com os recursos que eles tinham, eles sabiam que o bom, ou mal, resultado dessa produção poderia impactar em futuras decisões do Programa. Alguns se disseram receosos por conta da responsabilidade, outros, surpresos com a decisão da gestão em concordar com essa ação. Foi um divisor de águas para o grupo, a partir da produção do Programa Faça Acontecer, todos passaram a acreditar mais nos seus potenciais e outras produções foram realizadas. [...] Alguns deles relataram que esse processo se deu de forma colaborativa e autogestionada, e proporcionou um importante aprendizado para a equipe. Foi feita uma divisão de tarefas, cada professor assumiu o seu papel e as decisões eram coletivas. Segundo alguns educadores, a autonomia e a democracia, vivenciadas nos processos, implicaram na forma como os educadores se relacionaram com essa produção. Isso aproxima muito a dinâmica de produção pretendida pela Rede Anísio Teixeira, ao modelo hacker de produção e do jeito hacker de ser professor, proposto por Pretto (2012), que defende os processos colaborativos e acredita no potencial dos sujeitos como produtores e difusores do conhecimento. (WANDERLEY, 2017, p.86, 89 e 90)

Figura 7 - [Programas da primeira temporada da TV Anísio Teixeira](#)



Fonte - Elaborado pelo autor

4.1 O PROGRAMA REDE ANÍSIO TEIXEIRA - COMO PENSAR UMA TV PÚBLICA BAIANA, EDUCACIONAL, INCLUSIVA, CONTEXTUALIZADA, ÉTICA E COLABORATIVA?

Como pensar uma TV com a cara da Bahia? Essa era a dicotomia estabelecida nos diálogos entre os Professores, Professoras e técnicos do audiovisual que compunham a equipe de produção educacional da Rede Anísio Teixeira. A premissa era de uma TV que pudesse refletir e popularizar as diversas territorialidades do Estado, onde a multiculturalidade fosse a premissa educacional, ainda mais em um território com 567.295 Km², seria um grande desafio. A proposta era que pudessemos apresentar a diversidade dos domínios morfoclimáticos, dos sotaques, da ancestralidade, dos povos da maré, dos povos do sertão, dos povos quilombolas, da urbanidade e dos povos indígenas. Como citado anteriormente, a TV Anísio Teixeira é parte integrante de um governo Progressista, na época gerido pelo então governador Jaques Wagner, tendo continuidade com o Governador Rui Costa. Também, tinha como norteadores no que se refere aos processo de política pública educacional as seguintes diretrizes:

O projeto especial TV Anísio Teixeira, sistematizado pela Unidade de Comunicação e Experimentação / Diretoria Geral do Instituto Anísio Teixeira - IAT, representa o prosseguimento dos investimentos da Secretaria Estadual da Educação na relação entre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's) e os processos de ensino e aprendizagem na rede pública de educação da Bahia, composta pela rede estadual e redes municipais. [...] A TV Anísio Teixeira será parte da estrutura do IAT e mais um instrumento para o desenvolvimento das principais linhas de ação do

Instituto, centradas na formação de educadores, estudantes, experimentação, inovação educacional e pesquisa. A grade de programação desta TV pública deve levar em conta as necessidades da comunidade escolar, colaborar para a formação inicial e continuada dos educadores e estudantes, e ser um instrumento para a expressão da diversidade cultural do estado. [...] A escola será o cenário principal dessa TV e os protagonistas, educadores, educandos. A experimentação e a pesquisa será a prática cotidiana da equipe que vai conduzir e executar o projeto. (BAHIA. SEC. TV Anísio Teixeira - Projeto Estético-Pedagógico. 2008, p.9 e 10)

É importante frisar que o projeto contou com parceiros importantes em sua implementação, tais como: o Governo do Paraná, por meio da TV Pública Paulo Freire, inclusive a que foi referência para a criação da Rede Anísio Teixeira, com o Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia - IRDEB, ou como é mais conhecida a TVE, com a Diretoria de Mídias da Fundação Cultural da Bahia - DIMAS, com a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia - SECULT, com a Secretaria Estadual de Saúde - SESAB, com a Superintendência de Recursos Hídricos - SRH e com a UNICEF. Todos os programas da TV contam ainda com acessibilidade em Libras - Língua Brasileira de Sinais.

Em 2011, a TV Anísio Teixeira passa por uma transformação estrutural e organizacional. Como advento da educação a distância e das tecnologias digitais da informação e comunicação, ganham mais espaços nos diálogos acadêmicos na Bahia e com as mudanças nas políticas públicas educacionais, a TV Anísio passa a ser integrada a outros processos e metodologias, oriundas dessas mudanças nas políticas da Secretaria Estadual da Educação da Bahia.

Nesse período, ocorreu uma mudança na coordenação da TV Anísio, que passou a ser chamada efetivamente como Rede Anísio Teixeira, mas agora com uma nova estrutura organizacional. Com as reformas políticas do Estado gerido pelo Partido dos Trabalhadores, o então secretário Osvaldo Barreto, nomeia para o Instituto Anísio Teixeira a Professora Irene Maurício Cazorla da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Pós-doutora em matemática, pela PUC-SP e diretora de Formação de Professores da Educação Básica - DEB, da CAPES, na Bahia. Com a chegada da nova diretoria, ocorreu uma junção, entre dois programas da Secretaria Estadual da Educação, CONDIGITAL, que consistia em três grandes projetos: o "Física no Cotidiano", o Ambiente Educacional Web - AEW e o Blog do Professor Web. A TV Anísio Teixeira passou a integrar essa junção e com a chegada do novo coordenador, o Professor Yuri Wanderley, Bacharel em Sociologia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Bacharel em

Informática pela Universidade Católica do Salvador, Técnico em Eletrônica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia e Especialista em Cibercultura pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, a Rede passa a caminhar por novos caminhos epistemológicos e metodológicos, em suas linhas de ação: Produção, compartilhamento e Formação Continuada para estudantes e Professores da Rede Pública de Ensino da Bahia. Conforme relatos do mesmo (2021¹⁷).

A minha chegada como coordenador da Rede em 2007, começa como convite, do Professor Dr. Alfredo Matta, o PT assumiu o Estado em 2006 e assumiu a gestão do governo em 2007, com o Secretário Adeum Sauer, e a Diretoria Geral do Instituto Anísio Teixeira - IAT, com o Professor Penildon Silva. [...] Eu fui como analista de sistema desenvolvedor, como empresa terceirizada. Quando eu cheguei ao IAT, esse cargo para o qual fui designado era vinculado à Unidade Técnica de Desenvolvimento - UTD. Mas, com um acordo entre os coordenadores Alfredo e a professora Marta, ficou definido que eu iria atuar na Diretoria de Educação a Distância e na UTD. Na Diretoria de Educação a Distância, eu passei a compor um grupo muito qualificado, multidisciplinar, um grupo com pedagogas e professoras da rede pública, que o professor Alfredo, constituiu para dar início a esse trabalho de produção de objetos de aprendizagens e tecnologias educacionais, e logo quando chegamos no IAT, não existia uma estrutura, um setor dedicado a esse trabalho, então foi tudo criado do zero, adaptando uma sala para a equipe, que trabalharia a princípio como equipe de conteúdos digitais. Não existia sequer orçamento para essa equipe de trabalho, tivemos que participar de editais públicos, fizemos um mapeamento desses editais, a professora Vânia da UNEB, compôs essa liderança na busca desses editais. A equipe era formada por mim, que representava a dimensão do software, tínhamos a professora Naline, que representava a dimensão do vídeo, contávamos com as colegas Ana Verena e Sueli, que eram pedagogas e orientandas do professor Alfredo e que pesquisavam a produção de objetos de aprendizagens e de tecnologia educacional. Identificamos um edital, que estava sendo lançado pelo Ministério da Educação em parceria com o Ministério da Ciência e Tecnologia, que era o CONDIGITAL, edital que financiava projetos de produção de objetos de aprendizagens em diversas mídias. Através desse primeiro edital firmamos uma parceria com o professor Paulo Ramos da UNEB, professor de física, então decidimos que o nosso primeiro projeto seria o de produzir conteúdos digitais da área de física, que era um projeto voltado para o ensino médio, que foi elaborado por uma equipe multidisciplinar e multimídia, dividimos o projeto em quatro linhas de mídias de produção: uma linha de software educacionais, uma linha de vídeos educacionais, uma linha de áudios educacionais e uma linha de RPG e experimentos. Esses projetos, deveriam dar conta de todo o currículo de física do ensino médio. Nomeamos o projeto como “ Física no Cotidiano”, a sinergia da equipe para chegar a proposta, foi um desafio à ser superado no campo da disciplina da física, era mostrar para os estudantes o conteúdo curricular, com o cotidiano dos mesmos. Foram desenvolvidos quatro tipos de softwares: às animações informativas como o “fique sabendo”, os laboratórios virtual, a sala de jogos interativos como “ a travessia ao mar”, que

¹⁷ 27 Entrevista concedida pelo professor Yuri Wanderley. Entrevistador: Peterson Azevedo Amorim. Salvador, 2021

representava a travessia entre os municípios de Mar Grande à Salvador, também dialogando com questões culturais e de lugares da Bahia, projeto que tinha como princípio pedagógico a criticidade e a contextualização, a partir de uma perspectiva freiriana, vigotskiana, que era a linha que o professor Alfredo. Só foram aprovados dois projetos neste edital, um no Estado da Universidade Federal do Ceará e o outro foi o nosso, com um recurso de R\$1.400.000 reais, que foram investidos no programa e na infraestrutura, de servidor e de equipamentos para desenvolvermos o nosso projeto. Paralelo a esse trabalho, tivemos a aprovação em um edital da FAPESB, de estímulo à produção de tecnologias educacionais, onde tivemos dois projetos aprovados, o AEW - Ambiente Educacional Web e o Produção de Conteúdos Digitais na Escola. O trabalho que se inicia, na estratégia da Produção de Objetos de aprendizagens e de Conteúdos Digitais deveria cumprir outro objetivos, deveria serem ampliados, no que se refere a distribuição desses conteúdos do CONDIGITAL, é aí que surge o AEW, para podermos distribuir o que estava sendo produzido e para que as pessoas pudessem localizar com mais facilidades esses objetos educacionais e conteúdos digitais, por meio de catalogações por parte de nossas equipes. E nessa época o Ministério da Educação já trabalhava na perspectiva dos Recursos Educacionais Abertos - REA, na perspectiva de licenças livres. É então que o AEW se transforma em um repositório educacional, que poderia ser utilizado na escola pública de ensino. Sem falar, que o AEW é uma parceria entre a UNEB/IAT e desenvolvido pelo SENAI, em sua primeira versão. O projeto basicamente tinha três eixos: a produção, o compartilhamento e a formação com estudantes e professores da rede pública de ensino da Bahia. E em 2001 eu assumi a Rede Anísio Teixeira efetivamente como coordenador do Programa.

Com as novas mudanças estruturais e institucionais político/pedagógicas, foi estruturada uma coordenação Estético-Pedagógica, o principal objetivo era o de pensarmos as estratégias pedagógicas que conduziram a então nova proposta estabelecida pela recente gestão, o de pensarmos os novos processo de criação dos objetos educacionais livres e dos conteúdos digitais educacionais para Escola Pública, que epistemologicamente, conduziram aos novos processos de construção das diretrizes que nortearão os fazeres de produção, compartilhamento e formação da Rede Anísio Teixeira. E que promoveriam as estruturas dialógicas, pedagógicas, éticas, contextualizadas, colaborativas e formativas, que corroboraram com a proposta do projeto atualmente.

Figura 8 - O Programa e suas diretrizes e objetivos pedagógicos

OBJETIVOS

CONTRIBUIR PARA A MELHORIA DA QUALIDADE E DOS INDICADORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA, NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM POR MEIO DO ESTÍMULO ÀS APROPRIAÇÕES TECNOLÓGICAS.

TENDO COMO PRINCÍPIOS:

- ÉTICA
- CRITICIDADE
- CONTEXTUALIDADE
- COLABORAÇÃO

iat INSTITUTO AVANÇADO DE TEREZINA

EDUCAR PARA TRANSFORMAR

GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

METROPOLITANO DE SALVADOR
GRAVAÇÃO DO "HISTÓRIAS DA BAHIA"
EPISÓDIO "DITADURA MILITAR"

Fonte - elaborado pelo autor

A Rede manteve como pilares estruturantes, as metodologias da arte-educação e a Pedagogia dos Multiletramentos, tendo como premissas as diversas linguagens, tais como: artes visuais, pintura, audiovisual, fotografia, artes cênicas e circenses, música e literatura. As principais diretrizes baseadas na transversalidade, hoje conectadas ao Plano Curricular Nacional e a [Base Nacional Curricular - BNCC](#). Além de manter a metodologia de licenciar livremente seus conteúdos, tendo sempre em vista o processo do fazer colaborativo, que são:

- A pluralidade cultural, dialogando com as organizações que vêm atuando com base na abordagem da educação pela comunicação, como avaliar o valor estético e educacional de produções audiovisuais externas, que possam estar a serviço dos interesses da Rede Pública de Ensino;
- A Ética, subsidiando a experimentação, pesquisa e formação relacionadas a produção científica e concebendo cursos e formação continuada;
- Orientação Sexual, concebendo programas ([como o programa Diversidades](#)), no intuito de debater as questões de gêneros e suas complexidades, além de abordarmos e mitigarmos questões que não são abordadas no senso comum;
- Meio Ambiente e Trabalho e Consumo, abordando por meio das ciências humanas as questões ambientais (como nas [campanhas educativas](#)), além de

outras questões sociais, que ampliam a visão de mundo dos docentes e discentes da Rede Pública de Ensino da Bahia;

- Saúde, abordando não apenas a prática esportiva (bastante deficitária nas unidades escolares, por carência de infraestrutura e do pensamento amplo do que seja a Educação Física na escola, como no [Programa Ginga, corpo e cultura](#), que aborda a importância do corpo como estratégia educacional e de saúde).

Assim, foram estabelecidas, dialogicamente essas premissas, baseadas em formações, com a equipe de técnicos, professoras, professores, que comporiam a Rede Anísio Teixeira, produzindo a base epistemológica, pedagógica e documental de todo o Programa Educacional. Essa formação contou com a parceria de Universidades do Estado da Bahia, como a Universidade Federal da Bahia - UFBA, a Universidade do Estado da Bahia - UNEB, além da Universidade Federal do Recôncavo Baiano - UFRB.

5. A REDE ANÍSIO TEIXEIRA - SUA METODOLOGIA E SEUS PROCESSOS DE PRODUÇÃO, FORMAÇÃO E DIFUSÃO DE MÍDIAS E TECNOLOGIAS DIGITAIS EDUCACIONAIS LIVRES.

Nos capítulos anteriores, foram abordados os princípios e as premissas epistemológicas que nortearam a criação da Rede Anísio Teixeira, suas ressignificações e seus referenciais teóricos. Neste capítulo, a proposta é apresentarmos os processos formativos, elaborados pela Rede Anísio Teixeira e suas experiências metodológicas nas Rede Pública de Ensino da Bahia, tanto na formação discente quanto na formação docente. Essa escrita contou com as falas de coordenadores, de dois formadores efetivos do Programa Rede Anísio Teixeira professores e professoras que fazem parte de todo o processo de Produção, catalogação de objetos educacionais livres, compartilhamento, escrita crítica para o Blog e, principalmente, responsáveis pelos processo formativos, para docentes e discentes da Rede Pública de Ensino do Estado da Bahia, que é o principal objeto de estudo desta dissertação. Esses que coordenam os principais processos e formação da Rede Anísio. Essas entrevistas foram conduzidas semi presencialmente, por meio de questionários abordando suas experiências em todo processo formativo da Rede Anísio Teixeira, desde suas elaborações pedagógicas, institucionais, de abordagens

ideológicas, no planejamento e nas escolhas das formações para a rede básica de ensino do Estado da Bahia, mas, sempre tendo como norteadores os princípios do Programa. Como relata o Professor José (2021)

A TV que posteriormente passou a ser Rede Anísio Teixeira, começou aí, nasce aí nesse momento, ou seja, Professores assim como eu, que de alguma forma nas suas unidades escolares, desenvolviam projetos diferenciados, projetos críticos colaborativos, que de alguma forma trabalhavam com mídias educacionais, isso foi pré requisito importante para a nossa seleção, é aí que a TV Anísio Teixeira chega com esse propósito, de através do uso da mídia audiovisual, potencializar os processos de ensino-aprendizagem dos estudantes, além de auxiliar no processo de formação continuada dos professores da Rede Pública de Ensino da Bahia, e instrumentalizá-los sobretudo de forma crítica a lidar com a mídia na época audiovisual e posteriormente, outras mídias que surgiram ao longo do processo, à exemplo do que temos hoje como os podcasts e os aplicativos digitais educacionais.

Figura 9 - Lançamento da TV Anísio Teixeira (2010)

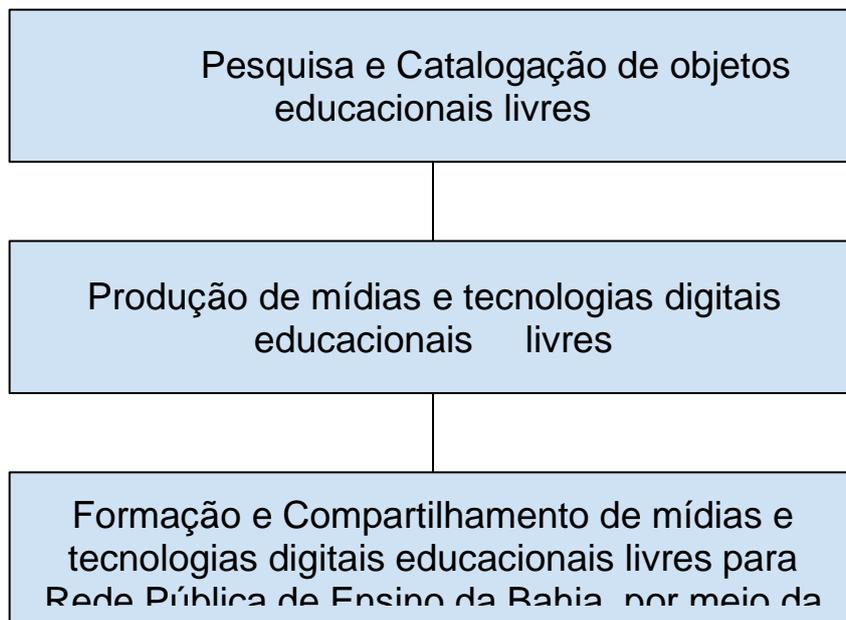


Foto - Rede Anísio Teixeira

Tentou-se variar os principais atores desses processos formativos nas entrevistas, buscando a experiência vivenciada pelos mesmos, provocados sempre para relatar suas apetências, competências e dificuldades, encontrados ao longo desse processo formativo na Escola Pública e de sua comunidade escolar, público efetivo neste processo. A partir desses relatos, procurou-se identificar os caminhos a serem seguidos, seus desafios, suas potencialidades nos processos metodológicos das formações propostas e mediadas pela Rede Anísio Teixeira, tendo sempre como objetivo pedagógico, as melhorias nos processos de ensino-aprendizagem dos atores a serem formados, a partir da linguagem de mídias e tecnologias digitais educacionais livres, como premissas básicas dessas formações e

a disseminação ideológica do uso de softwares e licenças livres, como Política Pública no Estado da Bahia. A Rede Anísio tem basicamente três grandes eixos metodológicos.

Figura - 10 Organograma metodológico da Rede Anísio Teixeira (2021)



Fonte: Produzido pelo autor, baseado nos planejamentos anuais da Rede Anísio Teixeira

Além desses processos, a Rede Anísio também tem como premissas de produção a colaboração, a ética, a contextualização na produção, na formação e no compartilhamento de Mídias e Tecnologia Educacionais. Essa instituição prioriza, como princípio, a gestão democrática e participativa, nos processos de experimentação e pesquisa educacional. Ideologia essa que partem da premissa, da utilização de *softwares* livres e do licenciamento livre, baseados na metodologia do *Creative Commons*¹⁸. Esses indicadores conferem ao Programa Rede Anísio um caráter progressista e sem preocupação com o poder de capital, nem com os processos comunicacionais baseados nas grandes corporações e presos aos grandes detentores dos meios de produção, com exemplo, as grande produtoras de conteúdos educacionais globais, como as plataformas capitalistas de mercado.

Baseados nas Leis de Direitos Autorais¹⁹, a liberdade de expressão e de produção não pode ser condicionada aos *softwares* proprietários, como balizadores

¹⁸ <https://creativecommons.org/>

¹⁹ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9609.htm

universais de produção, formação e compartilhamento de objetos educacionais. O setor público não pode ser cooptado pelo sistema de capital e de fomento às Políticas Públicas de Educação por meio de *lobbies* e empresas corporativas apenas. Devemos encontrar e estabelecer uma legislação que possibilite a esse setor as suas escolhas de escolarização.

O uso de mídias digitais, dos softwares livres e de compartilhamento de na internet é regulamentado pela lei dos direitos autorais e pela Licença de Uso de softwares, que estabeleçam uma série de condições de caráter jurídico, técnico e econômico, Estas condições podem configurar como barreiras impeditivas dos processos de apropriação tecnológicas e de compartilhamento de conteúdos nas escolas. Em boa parte desses casos, para utilizar é mídias que possuem licenças restritivas, os usuários são obrigados a pagar altos valores pelo direito de usos por tempo determinado, ficam impedidos de compartilhá-los, em muitos caso devem abrir mão de sua privacidade, da sua liberdade de expressão e do direito autoral sobre suas obras, Como forma de superar as restrições impostas pela legislação e pela licenças restritivas, o uso de softwares livres e de licenças Livres se apresenta com alternativa a ser considerada. (WANDERLEY, 2017, p.37)

Por este motivo, a Rede Anísio Teixeira prioriza a democratização dos processos colaborativos, contextualizados e éticos em suas produções, formações e compartilhamentos de Mídias e Tecnologias Educacionais Livres. Como refletem os atuais resultados. Hoje a Plataforma Anísio Teixeira já contabiliza **13396 objetos educacionais Livres**, dentre: Livros, sites, sequência didática, software Educacional, audiovisual, áudio, planilha, jogos, imagens e fotografias, teses, dissertações e animações. Que possibilitam aos educandos e educadores da Rede Pública de ensino, ampliarem suas metodologias de no ensino-aprendizagem, como também nos processos de atualização pedagógica das transversalidades educacionais, além de possibilitar uma gestão dos processos pedagógicos de maneira colaborativa e democrática, frutos de uma ideologia progressista e dialógica, por meio da utilização de softwares e licenças livres, que confere liberdade e autonomia aos atores dos processos do ensino-aprendizagens. Utilizando a Plataforma Anísio Teixeira como o repositório desses conteúdos e dos diálogos desse processo. Como aborda o Professor José (2021)

Quando a gente vai visitar uma escola, uma comunidade e lá tem professores e estudantes que querem aprender sobre a produção audiovisual, e a gente começa a discutir ideias e roteiros, a gente não leva nada pronto, a gente conversa, e a partir dessa conversa, que é meio que uma anamnese do que eles querem, do que eles são, a gente pede que eles apresentem uma ideia e nos apontem, nós gostaríamos de falar audiovisualmente sobre isso, nós gostaríamos de escrever para o Blog da Rede sobre a nossa verdade, que é

essa, nós gostaríamos de fazer um podcast relatando o nosso cotidiano, as relações entre a nossa comunidade e a nossa escola. As produções formativas, ao final temos uma produção feita colaborativamente. O lastro e o roteiro são apontados por eles, professores e estudantes.

Figura - 11 Resultados pedagógicos da Rede Anísio entre 2019 e 2021



Fonte: Produzido pela Rede Anísio Teixeira IAT/SEC - BA

5.1 A REDE ANÍSIO TEIXEIRA E SEUS PROCESSOS FORMATIVOS - EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS EPISTEMOLÓGICAS, COMO SUGESTÃO DE POLÍTICA PÚBLICA DE ESTADO.

Nesta parte da escrita, abordaremos os processos formativos, ofertados pela Rede Anísio Teixeira desde 2011, que serão descritos por meio da experimentação e vivência de gestores e formadores. Esses fazem parte da equipe de docentes da mesma, por meio de depoimentos, que fazem parte dessa política e metodologia de ensino-aprendizagem, baseada na colaboração, ética, na contextualização e na

criticidade do processo de formação continuada, utilizando sempre a ideologia dos *softwares* e licenças livres.

A proposta de apropriação tecnológica desenvolvida pelo Programa Rede Anísio Teixeira, tem como princípios: a criticidade, a contextualização e a colaboração, que inspiram e orientam o desenvolvimento das suas ações de gestão, formação, produção e compartilhamento de Mídias e Tecnologias Educacionais Livres. Todas as premissas convergem num princípio básico de estímulo à produção e à difusão do conhecimento por parte de estudantes, professores e comunidade escolar. As mudanças nas relações de construção e distribuição dos conhecimentos, potencializadas pelas TIC, influenciam os processos de ensino e aprendizagem trazendo novos desafios para a educação contemporânea. O acesso a uma diversidade cada vez maior de conteúdos e aplicativos, possibilita maiores níveis de interação e um maior acesso à informação. No momento em que a comunidade escolar se apropria das novas linguagens e dispositivos de produção digital, dos novos meios de comunicação e de compartilhamento, como metodologia, não apenas para consumir informação, mas também para produzi-la, as potencialidades provenientes das apropriações tecnológicas nos processos de ensino e aprendizagem, podem contribuir para que professores e estudantes se tornem autores e difusores de conhecimentos. (WANDERLEY, 2017, p.29 e 30)

A partir desses diálogos colaborativos, apresentaremos as dificuldades e a transdisciplinaridade, vivenciadas nesse processo por esses formadores e gestores, a partir de alguns relatos desses atores que compõem o *staff* da Rede Anísio Teixeira.

Os Professores da Rede Anísio Teixeira são servidores efetivos do magistério, do Estado da Bahia e, como citado anteriormente, foram selecionados em edital público (em anexo) e atuam diretamente na Secretaria Estadual da Educação por meio do Instituto Anísio Teixeira - IAT, o centro de pesquisa, experimentação e formação da SEC-BA (em anexo), nas funções efetivas e diretas do magistério, realizando formações didático/pedagógicas, baseadas no currículo formal, na transversalidade e na interdisciplinaridade, além de exercerem as funções de pesquisadores nas áreas de educação, tecnologias digitais da informação e comunicação e na formação continuada de estudantes e professores da Rede Pública de Ensino do Estado da Bahia.

A adoção de princípios por parte de um grupo não determina um processo de relação direta com a realização das suas práticas. Partindo das experiências narradas pelos sujeitos da pesquisa, se traduz no modo como cada um compreende, se implica e se apropria desses/com esses princípios. As implicações do sujeito numa ação expressam as suas intenções, relações, aprendizados e vínculos. As implicações podem ser compreendidas nas formas como os sujeitos estão engajados nos processos de trabalho; nas suas compreensões sobre estes processos; nas suas escolhas, relações e estratégias de atuação; no seu pertencimento e nas

formas como se aprendem e se constroem os seus etnométodos. (WANDERLEY, 2017, p.68 e 69).

A Plataforma Anísio Teixeira é fruto da ampliação epistemológica, do projeto Ambiente Educacional Web, programa da Secretaria da Educação da Bahia - SEC, lotado no Instituto Anísio Teixeira - IAT. A PAT, como é mais conhecida, foi criada em 2017 e lançada no evento Campus Party Bahia - considerado um dos maiores eventos de tecnologia e inovação do mundo. O Ambiente Educacional Web e o Blog da Professora Online e Professor Web, partes do Projeto Rede Anísio Teixeira, já tinham recebido um dos maiores prêmios de repositórios educacionais digitais abertos do Brasil, que foi A [Rede Educa em 2016](#)²⁰, e o lançamento na Campus Party Bahia, veio para consolidar, efetivamente, esse processo no Estado e na Escola Pública. Este evento gerou grande divulgação mundial da Plataforma Anísio Teixeira, haja vista que ela foi lançada em um evento internacional e, a partir deste deste evento, muitas Secretarias de Educação Estaduais e Municipais passaram a solicitar parcerias institucionais de formação continuada, para seus professores e estudantes, no que se refere a mídias e tecnologias digitais educacionais livres. Firmamos consultoria com o município de Lauro de Freitas - BA, para criação de sua própria [Plataforma Digital Educacional](#)²¹.

Figura 12 - Linhas de Atuação da Rede Anísio Teixeira/Plataforma Anísio Teixeira

²⁰ <https://www.arededuca.org.br/parabens-vencedores-do-premio-arededuca-2016/>

²¹ <http://www.sabio.net.br/pmlfreitas/>



Fonte: Produzido pelo autor, baseado nos planejamentos anuais da Rede Anísio Teixeira

O principal objetivo educacional e didático/pedagógico da Plataforma Anísio Teixeira é o de disponibilizar um conjunto de objetos educacionais digitais e de mídias e tecnologias digitais educacionais livres, direcionados à Escola Pública e toda a suas comunidades escolares, por meio da pesquisa e mediação de práticas pedagógicas, além de ser um repositório de conteúdos digitais educacionais em atendimento ao currículo escolar da educação básica e suas transversalidades e também atender as demandas contextualizadas das unidades escolares, considerando a grande dimensão territorial do Estado da Bahia e suas diversidades étnico-culturais, o que era premissa principal dos educadores da Rede Anísio, ao pensarem os produtos e os processos formativos. A Plataforma Anísio Teixeira, além de produzir, formar e compartilhar, é toda pensada e produzida com *softwares* e licenças livres. O principal *software* utilizado como desenvolvedor é o Zend Framework, hoje conhecido como Lâminas Projeto²², um *software* de código aberto. Já a licença livre que a PAT utiliza é o modelo do [Creative Commons](https://br.creativecommons.net/)²³ em todas as suas modalidades de licenciamento

²² O Laminas está licenciado sob a [Nova Licença BSD](#) aprovada pela [Open Source Initiative](#) (OSI) . Para ZFv1 todos os contribuintes de código devem assinar um [Acordo Contributor License](#) (CLA) com base na [Apache Software Foundation](#) 's [CLA](#) . As políticas de licenciamento e contribuição foram estabelecidas para evitar problemas de propriedade intelectual para usuários [comerciais da](#) ZF, de acordo com Andi Gutmans da Zend. ^[8] ZF2 e posterior é livre de CLA. ^[9] Há também um suporte de longo prazo disponível para a estrutura (suporte de longo prazo ou LTS) por uma duração total de 3 anos.

²³ <https://br.creativecommons.net/>

de objetos educacionais. Além disso, nossas formações em Educação a Distância (quando necessárias, como foi o caso da pandemia do SARs- COV-2) já eram realizadas pelo *Moodle*, que é Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA livre e que foi ampliado no período pandêmico. Já o nosso Blog, inicialmente, contava com o suporte tecnológico digital da plataforma WordPress²⁴, que possui também um sistema de código aberto e de livre usabilidade. A PAT foi lançada, contendo mais de 5 mil conteúdos educacionais produzidos e catalogados pelas Professoras e Professores que integram o Programa. Esses conteúdos, como dito anteriormente, estão diretamente relacionados com a matriz pedagógica escolar e suas transversalidades, com uma perspectiva interdisciplinar e multidisciplinar. A partir do ano de 2017, a PAT contou ainda com as produções para o Programa de Formação dos Profissionais da Educação Básica desenvolvidas por outros programas do Instituto Anísio Teixeira- IAT, como também com outros parceiros da Secretaria da Educação, como a SUPROF - Superintendência de Desenvolvimento da Educação Profissional, como também das Universidades Públicas do Estado da Bahia, Institutos Federais da Bahia-IFBA e da Fundação Getúlio Vargas. A TV Anísio é o programa que deu início a todo esse processo, até chegarmos à PAT. Foram produzidos diversos programas, para compor a grade de produção da TV Anísio Teixeira e da TV Educativa da Bahia -TVE, o que foi um processo de vivência e experimentação bastante árduo e conflituoso, mas muito produtivo, como relata Wanderley (2017).

Após a chegada da nova equipe de gestão em 2011, a primeira produção desenvolvida pela TV Anísio Teixeira foi o programa Intervalo. Esta ação contou com a participação de uma empresa de produção audiovisual, contratada por meio de licitação, que ficou responsável pela execução técnica das peças, enquanto que os educadores da Rede Anísio Teixeira foram responsáveis pela criação, concepção e pela validação pedagógica da produção. Os educadores se organizaram em Grupos de Trabalhos(GT), cada GT ficou responsável pela gestão de um quadro do programa Intervalo. O programa teve nove quadros: Faça Acontecer, Ser Professor, Minha Escola Meu Lugar, Diversidades, Histórias da Bahia, Cotidiano, Filmei, Gramofone e Encenação. Cada GT era constituído por educadores do Núcleo Criação, que ficavam responsáveis pelas atividades de concepção, e por educadores do Núcleo de Realização, que ficavam responsáveis por fazer a mediação entre o material produzido pelos educadores do Núcleo de Criação e o trabalho da equipe das produtoras. Essa organização não era rígida e os educadores muitas vezes assumem papéis distintos daqueles destinados ao seu Núcleo de origem. A proposta de gestão da produção do

²⁴ WordPress é um sistema [livre](#) e [aberto](#) de [gestão de conteúdo](#) para [internet](#) (do [inglês](#): Content Management System - CMS), baseado em [PHP](#) com [banco de dados MySQL](#),^[3] executado em um [servidor interpretador](#), voltado principalmente para a criação de [páginas eletrônicas](#) (sites) e [blogs](#) online. Criado a partir do extinto b2/cafeolog, por Ryan Boren e [Matthew Mullenweg](#), e distribuído gratuitamente sob a [GNU General Public License](#).

Intervalo buscou estimular a gestão compartilhada, de modo que as decisões fossem tomadas de forma coletiva e que todos os materiais produzidos durante o processo de produção fossem compartilhados para a validação dos integrantes dos GT. (WANDERLEY, 2017, p.79)

Abordaremos, nesta parte da escrita, as Formações da Rede Anísio Teixeira e a experiência e vivência pedagógica/metodológica, de alguns formadores e gestores nesse processo, além de materiais produzidos ao longo desse processo de ensino-aprendizagem. A Rede Anísio Teixeira assumiu o compromisso didático/pedagógico de fomentar processos descentralizados de produção de mídias e tecnologias educacionais livres, tendo como base a arte-educação e a Pedagogia dos Multiletramentos, além dos processos que envolvem as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação e, com isso, superar a lógica de se tornar um centro de referência em tecnologias educacionais livres no estado da Bahia. Desde 2011, a Rede Anísio Teixeira forma, produz e compartilha conhecimentos, por meio de processos formativos em mídias e tecnologias educacionais livres, para professores e estudantes da Rede Pública de Ensino da Bahia. A proposta e o principal objetivo dos processos de formação da Rede Anísio Teixeira são o estímulo a construções em que diferentes vozes narrativas sejam acolhidas e suas territorialidades e diversidades socioculturais. Considerando as dimensões geográficas do Estado, pretendia-se que essas diversidades fossem acolhidas, privilegiando cada grupo social e oportunizando o conhecimento da técnica e do *know how* desenvolvidos nesses processos formativos ofertados pela Rede Anísio Teixeira, para contar suas próprias narrativas, sua própria historiografia.

Pretto (2012) defende que todos os produtos científicos e culturais disponíveis na humanidade passam a ser didáticos no momento em que são utilizados em processos formativos qualificados. "Nesse contexto, os materiais produzidos historicamente passam a fazer parte de todo sistema educacional, em todos os níveis, e a rede se estabelece possibilitando novos aprendizados e novas produções." (p. 97). Segundo ele, a produção desses materiais, aliadas aos potenciais das TICS, pode representar um olhar profundo para as culturas locais, ao mesmo tempo, um olhar multifacetado e ampliado para as culturas globais. Para Pretto (2021), compreender o papel da cultura é fundamental, a riqueza das inter-relações entre cultura leva-nos ao estabelecimento de importantes diálogos, e trocas intelectuais. (WANDERLEY, 2017, p.33)

Uma das primeiras formações ofertadas pela Rede Anísio foi o curso para o "[Uso de Mídias e Tecnologias Educacionais Livres](#)", oferecido para professores e estudantes da Rede Pública. Essa formação foi realizada, a princípio, no município de Salvador e na Região Metropolitana. O processo se deu dialogicamente entre os

formadores e suas coordenações técnico/pedagógicas, tendo como referência o designer pedagógico (em anexo). Tal documento é o balizador de todos os processos da Rede Anísio Teixeira, seja o de produção, formação, catalogação e compartilhamento. O principal objetivo dessa formação é possibilitar e fomentar a formação continuada da nossa comunidade escolar, prioritariamente do Professores e Professoras da Rede Pública de Ensino da Bahia, articuladores dos projetos estruturantes, desenvolvidos pela Secretaria Estadual da Educação, com o objetivo de apropriar esses atores, em tecnologias educacionais digitais livres e seu uso nos processos de ensino-aprendizagem, tendo a Plataforma Anísio Teixeira (na época chamada de AEW - Ambiente Educacional Web), como repositório do resultado desse processo formativo, também como articulador metodológico na formação. Esse curso é ofertado até os dias atuais e sempre revisitado metodologicamente e epistemologicamente, adequando-se às novas discussões e à contemporaneidade educacional. Além de constituir multiplicadores desse conhecimento, construído dialogicamente e colaborativamente, em suas unidades escolares.

Figura 13 - [Formação em mídias e tecnologias educacionais livres](#)



Foto - Rede Anísio Teixeira

A partir de 2012, foram sendo constituídos novos processos formativos, ofertados pela Rede Anísio, fruto da maior qualificação dos educadores que fazem parte da equipe da Rede Anísio, de um ampla formação dos mesmos, em cursos e seminários e de planejamento e discussões, balizados em suas formações

acadêmicas ligadas às artes e a tecnologias educacionais. Como bem relata o Professor Sérgio (2021) em sua fala como formador da Rede Anísio.

Pra falar da minha trajetória na TV Anísio Teixeira, eu preciso voltar no tempo um pouquinho antes, no colégio, onde eu era Professor de Inglês. Nos anos 90, chegou um projeto que pretendia trabalhar vídeos na sala de aula, era o Projeto Vídeo Escola, um programa patrocinado pelo Banco do Brasil e pela Fundação Roberto Marinho. Tivemos muita dificuldade em executar esse programa na escola, porque não só eu, mais os meus colegas, olhávamos com desconfiança, por causa da assinatura da Fundação Roberto Marinho, mas, fazendo oficinas no IAT, tendo como Professor Nelson Preto, a Dra. Marília Franco lá da USP, o Dr. Moran da escola de cinema lá da USP, essas pessoas foram trazidas ao IAT, pra que nós pudéssemos ser alfabetizados nessa outra forma de dar aulas, fazendo uso de vídeos. De volta à escola, um dos vídeos que eu escolhi para trabalhar com os meus colegas foi justamente Ilha das Flores de Jorge Furtado. A Embrafilme tinha sido fechada pelo Presidente Collor, e Jorge Furtado foi parar na Rede Globo, e lá ele fez trabalhos fantásticos e Ilha das Flores, resume a competência desse profissional. [...] Quando a TV Anísio Teixeira e os outros projetos, a rádio, e o portal tudo isso se fundiu na Rede Anísio Teixeira, nós pensamos: assim não dá mais para ficarmos com esses conhecimentos somente para nós, precisamos botar o pé na estrada e transferir e compartilhar com os nossos pares lá na ponta, o que conseguimos aprender. E aí conseguimos propor formações para professores e estudantes também, nessa perspectiva da educação do olhar, da produção audiovisual como integração de saberes, porque quando você produz uma peça audiovisual, isso demanda pesquisa, isso demanda consulta às várias disciplinas. Se eu vou escrever uma peça sobre quem determina o sexo do bebê, se o homem ou a mulher, eu preciso da história, da biologia eu preciso das outras disciplinas da língua portuguesa, porque eu vou escrever esse roteiro, eu preciso colocar este roteiro na boca de um estudante, então eu preciso adaptar essa fala, ou seja, não se escreve simplesmente. Tem um preparo, tem o desenho pedagógico. E cada vez que a gente se debruçava, para antes construir o desenho pedagógico, e depois construir a peça, nós víamos os resultados nas telas. E o quanto isso foi benéfico para educação, tem sido benéfico para educação. Tem uma coisa que tem, qua a gente fica às vezes perguntando: nós trabalhamos tanto e construímos essas peças audiovisuais , e foi exibida na TVE uma, duas, três vezes e não mais? E depois não mais, mas, felizmente faz parte da Rede Anísio Teixeira um portal, que antes se chamava Ambiente Educacional Web e se transformou em Plataforma Anísio Teixeira. Assim, todas as produções da TV Anísio Teixeira, da Rádio Anísio Teixeira e do Blog da Rede, vão para essa Plataforma, e lá não tem somente arquivos de áudios, da TV, lá é um imenso portal de recursos digitais, porque para escrever roteiros a gente precisa pesquisar, e ao pesquisar nos deparamos com muitas preciosidades que precisavam ser catalogados nessa Plataforma, pra usufruto de todos os demais Professores da Rede pública de ensino. E um detalhe: a Rede trabalha na perspectiva do mundo livre, e pensamos se tudo é produzido com recursos públicos, tem que ser disponibilizado com uma licença que seja livre.

A segunda formação, ofertada pela Rede Anísio, foi a "[Formação para Produção de Conteúdos Audiovisuais nas Escolas](#)²⁵", que já teve uma abrangência territorial maior. Elas foram ofertadas em outros municípios do estado da Bahia, por

²⁵ Disponível em: <http://pat.educacao.ba.gov.br/tv-anisio-teixeira/listar>

meio de chamada pública (em anexo). Como objetivo principal, a formação propõe contribuir para a formação dos professores como realizadores, multiplicadores e produtores de conteúdos educacionais audiovisuais livres, em suas unidades escolares, e, como culminância, a sugestão de constituir núcleos autônomos de produção de Mídias e Tecnologias Educacionais Abertas e Livres, que envolvam colaborativamente Professores, Professoras e estudantes da unidade escolar que participou do processo de formação.

Figura 14 - [Formação em mídias e tecnologias educacionais livres](#)



Foto - Rede Anísio Teixeira

Inicialmente, essa formação contou com a parceria da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (FACOM), através do Programa de Extensão Arte, Cultura e Ciência, do Coletivo de Audiovisual e do Observatório das Culturas Populares. Hoje esta formação é ofertada internamente pelos técnicos/professores da Rede Anísio Teixeira. Para o professor/formador José (2021), as formações da Rede Anísio são dialógicas pedagogicamente com as unidades escolares.

[...] Na Rede Anísio eu e os demais colegas fazemos de tudo, claro que cada um tem suas expertises, segue aquela vertente com a qual se identifica mais. Eu mesmo possuo outra formação, para além da minha licenciatura em inglês e língua portuguesa. Possuo uma segunda graduação que é a de Produção Audiovisual, e que era pré-requisito presente no edital de seleção para entrarmos na Rede Anísio Teixeira. Além das minhas demandas

audiovisuais, também realizo outras ações, como por exemplo: a catalogação de uma curadoria de objetos educacionais livres. Nós fizemos toda uma análise conceitual, ética, contextualizada e educacional, desses conteúdos a serem catalogados para que possam integrar nossa Plataforma Anísio Teixeira. Além da escrita de textos para o Blog da Rede, considerando nossas áreas de atuação, além de uma escrita livre, ensaística, transversal. [...] A nossa atuação na Rede Anísio Teixeira, se dá de maneira interdisciplinar e transdisciplinar, mas, claro que existem grupos de trabalhos mais específicos. Todas as nossas produções desembocam na escola pública, em prol da melhoria da educação baiana, do desenvolvimento dos nossos estudantes, para que eles possam pensar por eles mesmos e para que eles possam produzir discursos próprios, porque a gente acredita que quando você lê - e eu falo de leitura de mundo - e você estimula a criticidade, você começa a pensar por você mesmo, isso é importante nos processos educacionais: ouvir expressões, opiniões, produções autorais próprias, e não a repetição de discursos alheios. A gente trabalha para que os nossos estudantes se emancipem, se reconheçam, valorizem o coletivo, percebam que é perfeitamente possível trabalhar acolhendo e respeitando a colaboração do outro. Isso faz com que esse trabalho fique mais consistente e o nosso trabalho segue essa lógica colaborativa. Uma das experiências que vivenciamos nas nossas formações é juntarmos professores e estudantes em uma mesma turma para que possam trabalhar em processos colaborativos. E os resultados são impressionantes, quando fazemos isso e realizamos a avaliação na culminância desse trabalho.

Um dos disparadores para a criação desta formação foi a observância de que a maioria Professores, Professoras, Coordenadoras e Coordenadores Pedagógicos, Gestores Escolares e, principalmente, os Estudantes da Rede Pública de Ensino da Bahia utilizam dispositivos móveis em seu cotidiano. Uso esse como elemento estético apenas, como elemento de comunicação não mediada e sem contextualização e ética digital. Mas observamos empiricamente que muitos estudantes utilizam esses dispositivos, como produtores de audiovisual (mesmo sem conceber e apropriar-se da linguagem audiovisual), objetivando atrair mais seguidores para suas redes sociais, o que os tornam mais vulneráveis aos processos de manipulação política, midiática e a disseminação das ideologias do sistema de capital. A proposta desta formação é debater estas questões, além de fomentar como premissa do curso uma discussão baseada na Semiótica, nos Multiletramentos e na criticidade do fazer audiovisual educacional, apropriando-se de sua linguagem e proporcionando um debate acerca do que é produzido fora da Escola. A proposta formativa em produção audiovisual tem dois formatos metodológicos, um curso de 40 horas e/ou uma oficina de 20 horas. Tal formação, que tem como inspiração a “Aprendizagem baseada em projetos” e a metodologia Design for Change, estimulam, através de desafios que possibilitem o sentir, o imaginar, o fazer de forma criativa, ética, crítica e colaborativa, processos de produção e compartilhamento das

produções audiovisuais educacionais. Na formação, além do desafio proposto, serão abordadas a construção do desenho pedagógico e, em uma perspectiva básica, as etapas de produção audiovisual (da ideia à edição). No processo formativo de realização audiovisual, será sugerido o uso de dispositivos móveis, *softwares* e licenças livres, devido à facilidade de acesso e disponibilidade dos recursos livres.

Com o objetivo de contribuir para a formação de estudantes e professores como realizadores, multiplicadores e apoiadores da produção audiovisual educacional nas escolas da Rede Pública Estadual de Ensino, a Rede Anísio Teixeira realiza desde 2013 a Formação em Interpretação e Produção Audiovisual. Eram formações intensivas, muitas delas ocorreram em cidades do interior, os educadores passaram duas semanas seguidas na cidade realizando a formação com estudantes, professores e, algumas vezes, também gestores, em uma escola escolhida. A cada formação, a turma experienciará um processo de produção de um vídeo ficcional, do início ao fim, da criação a edição. [...] Como defendido por Freire (1995) na sua Pedagogia da Autonomia, respeitar os saberes dos educandos e acreditar no seu potencial, ao mesmo tempo que justificou a ação, se apresentou como o fio condutor da formação em Interpretação e Produção Audiovisual, na qual os estudantes foram estimulados a vivenciar a experiência de uma produção audiovisual do começo ao fim. Os educadores relataram em suas experiências que, apesar de se tratar de uma formação em audiovisual, esse processo contribuiu para o desenvolvimento de uma série de outras habilidades e competências importantes para a vida dos estudantes. Ajudou para a melhoria das relações entre os estudantes, professores e gestores; trouxe maior foco e comprometimento no desenvolvimento de atividades; o estímulo à pesquisa e a escrita; o reconhecimento da importância de trabalhar em grupo e de ter uma visão crítica a respeito das mídias e das tecnologias. (WANDERLEY, 2017, p.114 e 118).

Desde 2013 até os dias desta escrita, essas formações, acima citadas, ainda estão sendo ofertadas pela Rede Anísio e outras foram sendo, ao longo do tempo e do surgimento de novas discussões metodológicas nas academias, e novas tecnologias digitais da informação e comunicação, foram constituídas e ofertadas novos processos formativos de educação continuada, sempre por intermédio de chamadas públicas, às escolas da Rede de Ensino da Bahia e sempre privando pelo processo progressista democrático, claro que na observância da infraestrutura da Rede Anísio, no que se referem ao quadro de formadores e instrumentos, necessária a suas realizações.

Outra grande formação ofertada pela Rede Anísio é a de "[A arte fotográfica como estratégia metodológica de ensino-aprendizagem, dialógica, crítica e contextualizada, possibilitando novas práticas pedagógicas](#)²⁶". Esse processo formativo é oferecido tanto para estudantes, Professoras, Professores,

²⁶ Disponível em: <http://pat.educacao.ba.gov.br/recursos-educacionais/conteudo/exibir/8059>

Coordenadores e Gestores escolares. E a proposta é atingirmos todos os 417 Municípios do Estado. Desde 2008 até os dias atuais, conseguimos, com muita luta e resistência, atingir essa meta. Desde 2011, já conseguimos chegar a 56 cidades baianas. A proposta deste módulo é fomentar uma discussão sobre introdução à fotografia básica digital, como estratégia metodológica nos processos de ensino-aprendizagens na Educação Básica, ampliando a sua noção de registro e ilustração, estimulando uma leitura crítica e autônoma do mundo, tendo a Semiótica como um dos norteadores de discussão.

Figura 15 - [Formação em Fotografia como metodologia pedagógica](#)



Foto - Rede Anísio Teixeira

Além de refletirmos sobre o desenvolvimento da fotografia e a sua expressão imagética na leitura de mundo e suas semioses, realizar pesquisas, relacionadas às possibilidades técnicas do fazer fotográficos e seus suportes, utilizando os dispositivos móveis como ferramentas de construção de um “novo” olhar crítico sobre as relações estabelecidas no espaço geográfico constituído e suas territorialidade, estabelecer relações entre documento, arte e educação, em diferentes períodos históricos, do desenvolvimento do fazer fotográfico além de entender a arte fotográfica, como estratégias metodológicas no ensino-aprendizagem, como

produção de narrativas visuais e comunicacionais próprias, crítica, contextualizadas e autônomas. Como argumenta o Professor Fábio (2021).

A minha participação nos processos formativos na Rede Anísio Teixeira, é potencializar a qualidade do ensino na Bahia. Esses processos devem ser analisados criticamente, eu me vejo como um formador que transita em via de mão dupla, ao mesmo tempo que eu contribuo naquilo que eu sei, eu também estou aberto a escuta e ao aprendizado. Meus pares na Rede Anísio, são fundamentais nestes processos e fazeres, pois a colaboração é efetiva e presente em todas as formações. Todo o meu trabalho na Rede, tem o peso do coletivo, mesmo que as divergências e a diversidade estejam presentes nas discussões e planejamentos de trabalho. Me vejo como um professor, que procura dentro dos seus processos, mediar conhecimentos, e ao mesmo tempo se abre para aprender.

Outra grande formação ofertada pela Rede Anísio é o Intensivo de [Interpretação e Produção Audiovisual de Vídeos Estudantis](#)²⁷. É uma formação que visa formar alunos na interpretação cênica e produção em vídeos estudantis educacionais. Diante da carência de formação específica em interpretação para televisão na Escola Pública, principalmente na Rede Escolar, este projeto é de suma importância para uma preparação adequada ao exercício da interpretação no audiovisual e ao mesmo tempo como mais um motivador para a aprendizagem em sala além da produção de vídeos para uso pedagógico.

Figura 16 - [Formação em interpretação na escola indígena Tupinambá de Olivença](#)

²⁷ Disponível em: <http://pat.educacao.ba.gov.br/tv-anisio-teixeira/listar?canal=1&categoria=63>



Foto - Rede Anísio Teixeira

O principal elemento neste projeto é o processo em que ele se dá, já que durante a formação, vários temas interdisciplinares são abordados nos exercícios dramáticos. Ele tem o objetivo de capacitar alunos para o teatro e produções em vídeo, além de garantir a presença dos mesmos no cenário do teatro e do audiovisual baianos e nas produções dessas linguagens nas Unidades Escolares, o aluno não é mais consumidor de conteúdos apenas, na contemporaneidade do ciberespaço, eles passam a ser co-produtores de conteúdos e precisam se ver na TV, com suas territorialidades, etnicidades, gêneros e falas. A formação tem como processo metodológico, aulas práticas são divididas em três momentos diários. No primeiro, haverá aulas teóricas sobre interpretação para TV e cinema, além da história dos dois. Depois, atividades de aquecimento. No segundo, serão trabalhados exercícios envolvendo a bioenergética e a sensibilização. No terceiro, haverá aulas de improvisação, onde será dada uma situação e o aluno deverá resolver aquele problema proposto através da sua percepção. E como questiona o Professor Fábio (2021), formador da Rede Anísio.

E como planejar uma aula utilizando os recursos que estão na Plataforma Anísio Teixeira, temos escutado dos nossos colegas Professores nos interiores do Estado da Bahia, onde vamos realizamos as formações, eles ficam se perguntando, onde é que isso tudo estava, e eu não conhecia? Porque eles atribuem às peças produzidas um valor, como dizem alguns imensurável, mas porque? Porque tem a cara da Bahia, tem o sotaque da Bahia, tem a representatividade da maioria dos territórios por onde passamos, e isso é o grande diferencial. Trabalhar com esse material produzido por Professores para Professores, eu diria melhor, produzido pela comunidade escolar para comunidade escolar faz toda a diferença. Narciso

sempre achará feio o que não é espelho. Quando você trabalha algo em que você se vê refletido naquilo, isso faz toda a diferença.

Outra formação ofertada pela Rede Anísio é a de [Apropriações Tecnológicas no Ensino e Aprendizagem](#)²⁸. A formação propõe, estudos de tópicos sobre Cibercultura e Educação, com foco nas Tecnologias Digitais Educacionais e Mídias Livres. Introdução aos processos de mediação, produção e compartilhamento de Recursos Educacionais Abertos em práticas pedagógicas. Tendo como objetivo geral compreender aspectos introdutórios relacionados à Cibercultura, ao ciberespaço, às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, à produção e ao compartilhamento de Recursos Educacionais Abertos (REA), potencializando práticas pedagógicas através da apropriação desses dispositivos e da usabilidade e navegabilidade da Plataforma Anísio Teixeira, como repositório pedagógico. As principais linhas metodológicas dessa formação seguem as seguintes diretrizes: Compreender conceitos básicos de Cibercultura, associando-os às práticas pedagógicas da cultura contemporânea e às novas formas de sociabilidade; Conhecer o conceito de Recursos Educacionais Abertos nos processos de mediação didático-pedagógica, perceber a relação entre educação e tecnologia na perspectiva contemporânea; Conhecer as implicações da produção e do compartilhamento de REA. O Professor José (2021) reitera o processo metodológico colaborativo nas formações.

E na Rede Anísio Teixeira, o nosso processo de ensino-aprendizagem sempre, sempre se apresenta em uma via de mão dupla, ou seja, não existe aquele professor que sabe tudo, que vai educar o outro que não sabe nada. A nossa proposta é ensinar e aprender colaborativamente com o outro que se coloca, para aprender algo conosco. Ele também diretamente se coloca na posição daquele que ensina algo pra gente. Nosso processo de ensino e aprendizagem é muito na base Freiriana: a gente aprende quando ensina. E é acreditando nisso que a gente sempre começa nossas formações, com rodas dialógicas da escuta, ouvindo as verdades do outro, compreendendo as realidades e, a partir daí, a gente organiza a nossa proposta educacional, formativa a ser trabalhada, durante o processo. Nele é permitido e é importante as interferências criativas, porque elas somam. Nós não temos um script, um roteiro definitivo, naqueles papéis amarelados pelo tempo, que você usa e faz trilhões processos formativos com os mesmos conceitos. Cada processo de formação é um processo distinto, com suas peculiaridades. Cada ser humano é diferente em suas territorialidades e eles estão ali para contribuir de alguma maneira, e então a gente procura agregar os objetivos, as energias e convergir tudo isso para um bem comum, para o desenvolvimento dos tão falados processos de ensino e aprendizagem.

²⁸ Disponível em: <http://pat.educacao.ba.gov.br/recursos-educacionais/conteudo/exibir/15278>

Esses são os pilares formativos ofertados pela Rede Anísio Teixeira. Mas, desde 2017, por meio de novas discussões acadêmicas e pedagógicas e por meio de participação de cursos e seminários formativos internos (corpo docente da Rede Anísio), estão sendo formatados, novos processos formativos.

Hoje a grade de cursos ofertados a Rede Pública Estadual de Ensino e já estendida em decorrência do seu *know how*, constituído ao longo desses anos, as seguintes formações: curso de ferramentas digitais e produção de aulas online, oficinas temática para o Programa Federal em Tecnologia Educacional Educação Conectada, formação digital educacional para o desenvolvimento territorial, curso de gamificação, curso de tecnologias digitais para educação básica, curso de metodologias ativas, curso de ferramentas digitais na educação para diretores dos núcleos territoriais de educação - NTEs, curso de uso pedagógico de plataformas digitais na educação, curso de design de aulas para o ensino remoto, curso soluções digitais para educação²⁹ (todos em decorrência da pandemia do SARs-COV 2 e para suprimos o ensino remoto). Como reflete o Professor José (2021), sobre a importância dessas formações, como proposta de Política Pública Educacional.

Pensando na Rede Anísio Teixeira e suas ações, na perspectiva pedagógica e de Política Pública, tudo o que fazemos inclusive enquanto professor, objetiva o bem comum do cidadão sobretudo do estudante e do professor. O Nosso tripé que se coloca na perspectiva da ética, da criticidade e da colaboração nos sustenta e nos potencializa, enquanto professores que fazem parte do grupo participativo da Rede Anísio Teixeira que produz conteúdos, sempre centrado neste tripé metodológico. Tudo que fazemos, seja um podcast, um vídeo, tecnologias educacionais ou textos, tem o objetivo de propor a emancipação, o desenvolvimento das pessoas, inclusive chamar essa pessoas, que tem acesso aos conteúdos para que possam refletir criticamente sobre os mesmos, e a partir daí produzirem conteúdos autorais, com esse intuito de ajudar outras pessoas, de potencializar a cidadania, de emancipar pessoas, de pensar criticamente tudo a que se proponham a fazer enquanto cidadão, enquanto estudantes, enquanto professores. O nosso trabalho, o meu caso especificamente que envolve o audiovisual, a escrita tem essa preocupação, de trazer algo honesto, algo que chama para o pensamento crítico e colaborativo, e que com certeza tenha o intuito de potencializar o desenvolvimento humano.

Desde 2019, a Rede Anísio Teixeira vem sofrendo diversas vulnerabilidades institucionais, administrativas e de infraestrutura. Éramos, no início do Programa Estruturante da Secretaria Estadual da Educação/ IAT, 20 Professores efetivos do quadro de magistério, selecionados por edital público interno. Hoje contamos apenas

²⁹ Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1pBPUhGaH4e2fw6ggttqA0goeh-Ugk3AXf/view?usp=sharing>

com 11 Educadores e alguns técnicos ligados à ciência da computação e ao audiovisual, o que está inviabilizando todos os nossos processos de produção, formação, catalogação, produção textual para multimeios e compartilhamento de mídias e tecnologias digitais livres. O que se faz urgente pensarmos em um projeto de lei ou política pública que garanta a continuidade do Programa, pois apesar de ser produzida com softwares e licenças livres, diminui consideravelmente os gastos público, daí seu caráter social, pois esses recursos podem ser alocados em outros programas de governo, ampliando o alcance social e a responsabilidade democrática do Estado.

As Políticas Públicas estão relacionadas com o poder social. Mas, enquanto a política é um conceito amplo, relacionado com o poder de modo geral, as políticas públicas correspondem a soluções específicas de como manejar os assuntos políticos. [...] Na língua portuguesa existe somente um termo para referir-se ao conjunto de todas essas atividades descritas pelos dois termos anglo-saxões, em função disso se adota a tradução do termo policy por "políticas públicas" para referir-se ao conjunto de atividades que dizem respeito à ação do governo. [...] As políticas públicas constituem um elemento comum da política e das decisões do governo e da oposição. Deste modo, a política pode ser analisada como a busca pelo estabelecimento de políticas públicas sobre determinados temas, ou influenciá-las. Por sua vez, parte fundamental das atividades do governo se refere ao projeto, gestão e avaliação das políticas públicas. [...] O Estado como instituição criada por um contrato social tem um fim, um objetivo, que não pode ser confundido com os objetivos daqueles que exercem o governo, que possuem interesses próprios que podem ou não coincidir com a função social do aparelho estatal. [...] Uma política pública, desse modo, pode ser considerada um programa de ação de um governo, que pode ser executada pelos próprios órgãos governamentais ou por organizações do terceiro setor (ONGs, OSCIPs, fundações etc.) investidas de poder público e legitimamente governamental pelo estabelecimento de parcerias com o Estado. (DIAS e MATOS, 2012, p.1, 2, 4, 8 e 14)

Daí a urgência de pensarmos o Programa Rede Anísio Teixeira, não apenas como um projeto de governo temporal, mas incluí-lo, definitivamente como uma Política Pública Educacional de Estado, haja vista seus números na formação continuada dos discentes, docentes e gestores, o que interfere diretamente no desenvolvimento de uma escolarização contemporânea, crítica, contextualizada, ética e colaborativa, corroborando com o desenvolvimento de uma escola livre e progressista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O governo moderno não é senão um comitê para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa (Karl Marx e Friedrich Engels, 1848). Essa grande fala de Marx e Engels, em seu Manifesto Comunista, sintetiza a luta da classe trabalhadora, em especial a classe dos educadores e educadoras do Brasil, que diariamente pesquisam, são inventivos, resilientes, resistentes, trabalham, por vezes sem nenhuma infraestrutura física, sequer com recursos que possibilitem o trabalho com tecnologias e mídias digitais educacionais livres, em decorrência de Políticas Públicas que, por vezes, não priorizam os interesses da ciência e do conhecimento e que individualizam seus processos políticos, baseados em seus interesses privados. A prova dessas Políticas é que estamos vivenciamos recentemente no país, primeiro um golpe institucional e político, engendrado por esta burguesia, quando pensávamos, utopicamente, estarmos caminhando para um país mais progressistas e democrático, onde a autonomia e a inventividade pedagógica poderiam ser um dos caminhos de equidade e bem estar social. Agora, no atual governo bolsonarista, o que estamos vivenciando é um total conservadorismo tradicionalista e não aceitação da ciência como caminho para o desenvolvimento do conhecimento. As Políticas Públicas para educação retrocedem ao autoritarismo e à Idade Média, com sucateamento das Universidades, da Educação Básica e do comando/controle das individualidades autônomas dos educadores e educadoras, nos seu processo de produção pedagógica, na desvalorização do servidor público como agente de transformação, em especial os Professores e Professoras, com a finalidade de descredibilização do trabalho e da manutenção de um país mais desenvolvido, mais democrático e menos desigual para toda a sociedade.

Essa pesquisa propõe uma alternativa dialógica, por meio do Programa Rede Anísio Teixeira e seus processos formativos, como um caminho de resistência, frente a essas políticas que visam o extremo conservadorismo autoritarismo, por ser um programa de governo progressista, democrático, ético, colaborativo e resiliente, pois conta com o comprometimento de Professoras, Professores, Técnicos da Educação, não com alianças partidárias, mas com o pleno desenvolvimento da Educação Pública da Bahia. Como podemos observar, neste estudo de caso, todo o processo de construção do Programa de Mídias e Tecnologias Digitais Livres Rede Anísio

Teixeira/Instituto Anísio Teixeira, programa da Secretaria estadual da Educação, desde 2008 até a data desta dissertação, foram calcadas em princípios democráticos e de liberdade. Desde o seu processo seletivo que se deu de maneira transparente e democrática, por meio de uma chamada pública, até a sua estrutura tecnológica computacional, quando foi elaborada a Plataforma Anísio Teixeira, utilizando um software livre (*zend framework*), desde sua pesquisa, produção, escrita e formação, que são licenciados livremente, utilizando as licenças *Creative Commons*, apresentando uma alternativa de valorização, inventividade, pesquisa e produções pedagógicas mais colaborativas, o que amplia consideravelmente as relações dialógicas, nos processo do pensar uma educação mais inclusiva e progressista. A educação não pode ser uma mercadoria do sistema de capital. O que observamos por vezes é a intencionalidade do sucateamento das Universidades Públicas e da Educação Básica Pública, com o objetivo de abrir as comportas e as suas eclusas, para plataformas digitais educacionais de capital privado, descontextualizadas, desterritorializadas e com interesses capitalistas baseados na manutenção do comando/controle da burguesia, mas, não para formar eticamente pensadores e intelectuais, e sim para formar usuários (lembrando que apenas o narcotráfico e a rede mundial de computadores, nos intitula de "usuários") de seus objetos educacionais prontos.

Essa pesquisa propõe um olhar mais crítico sobre essas relações e novos caminhos, advindos das resistentes academias e seus interlocutores, tendo a Rede Anísio Teixeira e seus objetos educacionais, como elemento de pesquisa e estudo de caso, para pensarmos em Políticas Públicas, que visem o bem estar social. Para isso, metodologicamente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica específica que corrobora com a linha de estudo, foram realizadas entrevistas com formadores e coordenadores do programa Rede Anísio, apresentados dados quantitativos desses processos e debatidos caminhos para uma educação que tenha responsabilidade econômica e política com o erário público, tornando-o mais eficiente e democrático. A pesquisa apresentou, por meio da [Plataforma Anísio Teixeira](#)³⁰, que é possível construirmos uma Plataforma Educacional Digital, que apresente essas afirmativas, utilizando, para tanto, o seu próprio corpo docente, qualificando-os com formações continuadas, que

³⁰ Disponível em: <http://pat.educacao.ba.gov.br/>

debatem a educação e novas metodologias de ensino-aprendizagens digitais e de pesquisa, para pensarmos em possibilidades livres da necessidade e das pressões, para a "contratação" das grandes corporações e conglomerados transnacionais, as quais exploram os bens de produção, em especial as redes públicas de ensino. Na Pandemia do SARs-COV - 2, essas metodologias baseadas em Recursos Educacionais Abertos - REA foram necessárias, a Plataforma Digital Educacional Anísio Teixeira apresenta-se como alternativa eficiente e eficaz, para o novo ensino remoto no Brasil, mesmo enfrentando os desafios da falta de estrutura de informática e de tecnologias digitais educacionais nas unidades escolares, mas com a possibilidade de grande parte dos estudantes possuírem smartphones, mesmo com sérias dificuldades de conexão 3g e 4g. Assim, como a Plataforma também pode ser utilizada de maneira analógica (baixando os objetos catalogados, pois são licenciados livremente), seria possível sua utilização. Ou seja, já estávamos preparados para a Educação a Distância na Bahia, sem depender de licitações e compras de plataformas educacionais privadas, voltadas para essa ação pedagógica. Isso sem falar no poder de contextualização e colaboração ativa da Plataforma Anísio Teixeira, filosofia educacional da Rede Anísio Teixeira. Esta pesquisa apresentou, ainda, três grandes estruturas metodológicas que podem contribuir com esse caminho, que são: A arte-educação, a educomunicação, a Pedagogia dos Multiletramentos. Não podemos perder de vista que estamos vivendo a era das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação e da geração Alpha³¹.

Desde de 2018 até o momento dessa escrita, o Programa Rede Anísio Teixeira, vem sofrendo sérias vulnerabilidades administrativas, institucionais e de pesquisa, que vêm atingindo diretamente o [Programa de Difusão de Mídias e Tecnologias Educacionais da rede pública estadual de ensino da Bahia](#)³² - [Rede Anísio Teixeira](#)³³. Essas instabilidades, pode levar a descontinuidade do Programa, nos próximos anos. Essas vulnerabilidades podem desconstruir, todo o *know how*

³¹ Geração Alfa é o grupo demográfico após a Geração Z. Os pesquisadores e a mídia usam o começo da década de 2010 (ou início de 2011) como o início e o meio de 2025 como o fim. Batizada com o nome da primeira letra do alfabeto grego, a Geração Alfa é a primeira a ter nascido totalmente no século XXI. A maioria dos membros da Geração Alfa são filhos da Geração Y. Teoria de Mark McCrindle

³² Disponível em: <http://educadores.educacao.ba.gov.br/rede-anisio-teixeira>

³³ Disponível em: <http://pat.educacao.ba.gov.br/>

pedagógico, constituído em 13 anos de diálogo colaborativo e de pesquisa realizada por educadores, técnicos e colaboradores de toda a Rede Anísio Teixeira, que antes contavam com 20 Professores, e chegamos a sermos 28 educadores, professores e professoras esses, licenciados em diversas áreas do conhecimento e com outras formações acadêmicas, relacionadas a comunicação, a arte e a tecnologia, contando ainda com a participação direta, nos processo formativos e em seus processo avaliativos, dos discentes e docentes, mas, que atualmente conta apenas com 11 Educadores e com 2 técnicos um deles formado nas linguagens computacionais e, e o outro com formação em audiovisual, sem falar que toda a estrutura técnica e de recursos, já estão bastante obsoletas e seriamente comprometidas para a execução dos processos de produção.

O Programa de Difusão de Mídias e Tecnologias Educacionais da rede pública estadual de ensino da Bahia, se destaca por ser inovador e educacionalmente autônomo e por não utilizarmos plataformas educacionais proprietárias de bases capitalistas, nem estruturas do poder de capital e de interesses individuais, haja vista, que a construção da Plataforma Anísio Teixeira, foi toda desenhada no software livre API rest feita em Laravel framework 8, e que se comunica com o cliente por meio do Vue.js para criação do layout com Quasar framework e todos os objetos educacionais que estão catalogados no repositório da PAT, são licenciados com licenças Creative Commons, o que não impacta diretamente no em grandes vultos ao erário público. Essas vulnerabilidades e pressões externas a partir das gestões de 2018 até essa escrita, colocam em xeque os princípios constituídos ao longo desses 13 anos pela equipe da Rede Anísio Teixeira, que são: a ética, a contextualização, as territorialidades da Bahia, as ideologias de softwares e licenças livres e principalmente pela metodologia da colaboração na constituição dos saberes e de seus multiletramentos.

A pesquisa apresentou resultados consistentes em sua produção e nos processos formativos, como a diversidade dos objetos digitais educacionais catalogados no repositório, Plataforma Anísio Teixeira, como: apresentações, livros, sites, sequências didáticas, softwares educacionais, vídeos, podcasts, planilhas, animações, produtos audiovisuais, teses, dissertações, produções acadêmicas baianas. Além de apresentar por meio de depoimentos dos formadores e coordenadores da Rede Anísio Teixeira, os processos metodológicos, baseados epistemologicamente na arte-educação e na

pedagogia dos multiletramentos. Além de quantitativamente apresentar números de formados e acessos a PAT, onde foram observados e computados de julho de 2019 a julho de 2020, 2.316.228 de acessos à Plataforma. Sendo 10.082,00 professoras, professores, coordenadores pedagógicos, gestores e estudantes da rede pública de ensino, formados pelos processos formativos da Rede Anísio Teixeira. Os resultados apresentaram ainda a eficiência do trabalho colaborativo dos educadores da Rede Anísio, onde hoje temos mais de 14.607 objetos digitais educacionais livres catalogados. Foi observado empiricamente por meio de depoimentos, com os cursistas que passaram, pelas formações da Rede Anísio Teixeira, um maior comprometimento, no que se refere a apropriação tecnológica, no que se refere aos recursos educacionais digitais, além de observarmos que os docentes incorporaram a metodologia dos processos formativos ofertados pela Rede Anísio Teixeira, em suas práticas pedagógicas, inclusive implantando em suas unidades escolares, núcleos de produção de mídias e tecnologias educacionais (por meio de aplicativos), constituindo-se uma autonomia tecnosocial, pedagógica e comunicacional.

Por este motivo, esta pesquisa tem como objetivo principal, constituir um diálogo mais amplo com instituições progressistas e democráticas, em fóruns, seminários e nos poderes legislativos e executivos que o Programa de Difusão de Mídias e Tecnologias Educacionais da rede pública estadual de ensino da Bahia - Rede Anísio Teixeira, que tem como princípios a utilização do uso de *softwares* e licenças livres em sua produção, formação e difusão de Mídias e Tecnologias Digitais Educacionais Livres. Essas que devem ser produzidas, mediadas, pesquisadas e realizadas por servidores efetivos e pesquisadores acadêmicos do Estado da Bahia, conferindo seus processos de territorialidades, se transforme efetivamente em um projeto de lei e de Políticas Públicas, para assim garantir a autonomia, a ética, a colaboração, uma educação autônoma e livre, progressista, colaborativa, democrática, de qualidade e equidade e que não fique a mercê das vulnerabilidades partidárias eleitoreiras e de seus interesses individuais, para que possamos construir uma sociedade mais justa e mesmo desigual.

REFERÊNCIAS

Abreu LCA et al. **A epistemologia genética de Piaget e o construtivismo**. Rev. Brasil. Cresc. e Desenv. Hum. 2010; 20(2): 361-366.

ANACLETO, Úrsula Cunha, OLIVEIRA, Maiele dos Santos, FERRAZ, Débora Araújo da Silva, NETTO, João Francisco da Silva. **Tecnologias Digitais e (Multi)Letramentos: Inflexões Teórico-metodológicas para a formação do professor**. Organização. Mondrongo.Bahia, 2020.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia - Geral e Brasil**. São Paulo. Ed. Moderna. 2012.

AZEVEDO, Fernando et al. **Mais uma vez convocados (Manifesto ao povo e ao Governo)**. Revista brasileira de estudos pedagógicos, Rio de Janeiro, v. 34, n. 74. 1960

BAHIA. Secretaria da Educação e Cultura. **Relatório de Atividades Instituto Anísio Teixeira**. 1984.

_____. Secretaria da Educação e Cultura. **Relatório de Atividades Instituto Anísio Teixeira**. 1985.

_____. Secretaria da Educação e Cultura. **Relatório de Atividades Instituto Anísio Teixeira**. 1986.

_____. Decreto nº 9.064, de 07 de abril de 2004. **Aprova a organização estrutural e funcional do Instituto Anísio Teixeira – IAT**. Diário Oficial do Estado da Bahia, Bahia.

_____. **Portaria nº 9.004** da Secretaria da Educação do Estado da Bahia, de 20 de agosto de 2008. Sem título. Diário Oficial do Estado da Bahia, Bahia.

_____. SEC. Instituto Anísio Teixeira. **TV Anísio Teixeira - Projeto Estético-Pedagógico**. Apostila, 2008.

_____. Decreto n. 9.064/2004, de 07 de abril de 2004. Aprova a **Organização Estrutural e Funcional do Instituto Anísio Teixeira - IAT**. Disponível em: <https://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/77104/decreto-9064-04>. Acesso em: 15 jul. 2021.

_____. **Portaria n. 9.004/2008**. Disponível em: <http://www.educacao.ba.gov.br/midias/documentos/portaria-n%C2%BA-900408>. Acesso em: 15 jul. 2021.

_____. **Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil**. Diário Oficial do Estado: Salvador, 07 de Março, Bahia, 2008, fl 15 e 16.

BARBOSA, Ana. Mae. **Arte-educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil Realidade hoje e expectativas futuras*** Tradução: Sofia Fan. Estudos Avançados. São Paulo. 1986.

BEIGUELMAN, Giselle. **Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem**. Universidade de São Paulo - USP. Editora Boitempo. São Paulo, 2018.

BITTAR, Marisa, BITTAR, Mariluce. **História da Educação no Brasil: a escola pública no processo de democratização da sociedade. Acta Scientiarum**. Departamento de Educação, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. Maringá. 2012

BRASIL, Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 dez. 1996.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ciências Naturais**, v. 4. Brasília: MEC, 1997.

CASTELLS, M. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**. Vol. 01, A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **A sociedade em rede**. v. 1 São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAVALCANTE, Ana Cláudia Silva. **Diálogo e produção de sentido na televisão educativa - educacional pedagógica ou universitária – a partir de uma análise da série de teleteatro “Em Cena Ação” da TV Anísio Teixeira**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Bahia - UFBA, Bahia-BA. 2014.

COMPROVA. Disponível em: <https://projeto comprova.com.br/>. Acesso em: 24 de out. 2020

COPE, B. KALANTZIS, M. **Multiliteracies: New Literacies, New Learning**. In: **Framing Languages and Literacies: Socially Situated Views and Perspectives**. Edited by M. R. Hawkins. New York: Routledge, 2013, p. 105-135.

_____. **Tópicos Utópicos. Arte e educação**. Belo Horizonte. 1998. 200p.

COSTA, M. C. C ; ROMANINI, A. V. **A educomunicação na batalha contra as fake news**. Revista Comunicação & Educação. Ano XXIV, N.2. Jul/dez. 2019

CURY, L., & Consani, M. (2019). **A educação de hoje rumo à educação planetária de amanhã**. **Comunicação & Educação**, 24(2), 78-87. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v24i2p78-87>. Acesso em 29 de Set. de 2020

DEWEY, John. **Democracia e Educação**. Tradução Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

_____. **My Pedagogic creed**, 1987. In: SOUTHERN ILLINOIS UNIVERSITY. **Early works of John Dewey**, v 5. carbondale: Southern Illinois University press, 1972. (collected works of John Dewey). p. 84-95.

_____. **The need for a laboratory school.** 1896. In: SOUTHERN ILLINOIS UNIVERSITY. works of John Dewey, v 5. carbondale: Southern Illinois University press, 1972. (collected works of John Dewey). p. 433-435

DIAS, Reinaldo; MATOS, Fernanda. **Políticas públicas: princípios, propósitos e processos.** São Paulo: Atlas, 2012

Escola sem Partido. Disponível em :
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola sem Partido](https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_sem_Partido). Acesso em: 3 de Mar. 2021

EUROPEIA, Comissão. **Comunicação da comissão ao Parlamento Europeu, ao conselho, ao comité económico e social Europeu e ao comité das regiões - Combater a desinformação em linha: uma estratégia europeia.** Bruxelas, 2018

FERNANDES, Florestan. **Educação e sociedade no Brasil.** São Paulo: Dominus, 1966.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade – volume 1: A Vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 17^a. Ed. Rio de Janeiro, Brasil: Paz e Terra, 1987

GONZAGA, Teixeira, Luiz, **O discurso que faz o elogio da pedagogia.** São Roque-SP, Mimeo, 2000.

HARVEY, David. **A justiça social e a cidade.** São Paulo: Hucitec, 1980.

IBGE EDUCA. **Uso da internet , televisão e celular no Brasil.** Disponível em:
<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acesso em 30 de Jul. 2021.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço.** (Tradução não publicada). Belo Horizonte: UFMG, 2006 [1974].

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 1999.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LOPES, Ivone Goulart Lopes. **História da educação no Brasil** : desafios e perspectivas / , (organizadora). – Curitiba, PR : Atena Editora, 2016. 138 p.

LUPA, AGÊNCIA. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/>. Acesso em: 24 de out. 2020

MACHADO, I., & Ramos, D. (2019). **Alfabetização semiótica com os códigos informático-digitais da internet. Comunicação & Educação**, 24(2), 38-53. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v24i2p38-53>. Acesso em 12 de Ago de 2020.

MELO, Desirée Paschoal de; MELO, Venise Paschoal de. **Uma Introdução à Semiótica Peirceana**. Paraná: Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO. 2015. p.58

MIRANDA, Jean Carlos, SOUZA, Fabiano dos Santos. **Aspectos históricos da educação e do ensino de Ciências no Brasil: do século XVI ao século XX**. Universidade Federal Fluminense - UFF. Rio de Janeiro. 2018

MORAES, Joalva Menezes de. **Tecnologias Educacionais na Aplicação da Lei 10.639/2003 em Salvador - Uma análise do Programa Almanaque Viramundo da TV Anísio Teixeira** - Secretaria da Educação/ Joalva Menezes de Moraes. – Dissertação de Mestrado, Universidade Católica do Salvador, Salvador - BA, 2014. 92 f.

MORAN, J. M. **A educação superior a distância no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2002.

MARX, Karl MARX. ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. Expressão Popular. São Paulo - SP. ED. 2008. 67 p. Disponível em: <https://www.expressaopopular.com.br/loja/wp-content/uploads/2020/02/manifesto-comunista-EP.pdf>. Acesso em 02 de Out de 2021.

NAZARENO, Claudio. **A Implantação da TV Pública no Brasil. Biblioteca digital da câmara dos deputados.** Brasília - DF, 2007. Disponível em: <https://bd.camara.leg.br/bd/>. Acesso em 23 de Jul. 2021.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira.** – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

ORLOWSKI, Jeff. **DILEMMA. The Social.** Produção: Netflix. Estados Unidos da América - USA. 2019. NETFLIX.

PARISER, Eli. **The filter bubble: what the internet is hiding from you.** New York: The Penguin Press, 2011.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica.** São Paulo: Perspectiva, 2005.

PIAGET, Jean. **O Direito à Educação no Mundo Atual.** In: _____. *Para Onde Vai a Educação?* Trad. Ivette Braga. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974. p. 31-90.

_____. **A Epistemologia Genética e a Pesquisa Psicológica.** Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

_____. **Aprendizagem e Conhecimento.** Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1979.

PRETTO, Nelson. **Professores-autores em rede.** Recursos educacionais abertos: práticas colaborativas políticas públicas / Bianca Santana; Carolina Rossini; Nelson De Luca Preto(organizadores).Salvador: Edufba; São Paulo: Casa da cultura Digital. 2012.

RAMOSE, Mogobe B. **A ética do ubuntu.** Tradução para uso didático: RAMOSE, Mogobe B. The ethics of ubuntu. In: COETZEE, Peter H. ROUX, Abraham P.J. (eds). *The African Philosophy Reader.* New York: Routledge, 2002, p. 324-330, por Éder Carvalho Wen.

ROJO, Roxane Helena R. MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola.** Ed. Parábola. São Paulo. 2012.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Cultura das Mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.

_____. **Matrizes da linguagem e pensamento**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

_____. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Por uma geografia das redes**. IN: A natureza do espaço. São Paulo: Hucitec, 1997.

SOUZA, Bruna de, KRATZ, Karina. **Geração Alpha e sua influência no consumo de seus pais: um estudo de como as propagandas interferem nesta relação**. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico, Curso de Administração. 2018. p.39

TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Século XXI**. -- São Paulo : Fundação Telefônica, 2013.

_____. **Educação não é privilégio**. 7 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007

_____. **Educação é um direito**. 2a ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. 221p.

_____. **Educação e o mundo moderno**. São Paulo: Nacional, UFRJ. 1977.

_____. **Educação no Brasil**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1969. 385p.

_____. **Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola**. 5a ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1968. 150p.

_____. **Educação não é privilégio**. 4 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.1956

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 6ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem** – São Paulo – Ícone – Ed. Universidade de São Paulo – 1998.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ZUBOFF, Shoshana, **The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power**. Profile Books), ix. London 2019

_____. **Surveillance Capitalism and the Prospects of an Information Civilization** . Journal of Information Technology (2015) 30, 75–89. Disponível em SSRN: <https://ssrn.com/abstract=2594754>. Acesso em 01 de Out de 2020.

WANDERLEY, Yuri Bastos. **Apropriações tecnológicas no ensino e aprendizagem : as experiências dos educadores da Rede Anísio Teixeira / Yuri Bastos Wanderley**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Bahia - UFBA, Bahia-BA 2017. 145 f. : il

_____. **Mídias e Tecnologias Educacionais Livres da Rede Pública Estadual de Ensino da Bahia: Rede Anísio Teixeira**. Anais [do] IIIº Colóquio Internacional de Educação, currículo e processos tecnológicos. Salvador : UNEB ; 2014.

_____. **Um outro olhar sobre a inclusão Digital: estudo das apropriações da internet pelos jovens das classes populares de Salvador**. 2008. Monografia de conclusão de curso de graduação apresentada e aprovada pelo departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Salvador. 98p. 2008.

WORD of the year 2016. **OXFORD Language**, Oxford. 8 nov.2016. Disponível em:
<https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/> .Acesso em: 24 out. 2020

ANEXOS

Anexo 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais

Pesquisador: Peterson Azevedo Amorim

Orientadora: Rosemary Segurado

Dados Pessoais

Nome:

Tempo de Formação na Rede Pública:

Disciplina de atuação:

Período como formador no Programa Rede Anísio Teixeira:

Formação e trajetória na Rede Anísio Teixeira

Qual a sua participação na implantação da Rede Anísio Teixeira?

Qual a sua experiência pedagógica e de Política pública na implantação do Programa Rede Anísio Teixeira, como metodologia nos processos de ensino-aprendizagem?

Qual a sua experiência nas Formações ofertadas pelo Programa Anísio Teixeira para melhoria da Educação básica do Estado da Bahia?

Conte de forma breve a sua formação continuada na Rede Pública de Ensino e como foi o processo de planejamento metodológico nas escolhas formativas da Rede Anísio Teixeira?

Como atua nas Formações da Rede Anísio Teixeira?

Quais foram as motivações para ser formador nos processos formativos da Rede Anísio Teixeira?

Qual a importância de se constituir uma Plataforma Educacional de Código Aberto e de licenças livres para as Políticas Públicas de Estado?

Como você vê sua participação nas formações da Rede Anísio Teixeira e como você avalia esse processo, ele é realmente eficiente, ele pode melhorar a qualidade do ensino público do Estado da Bahia?

Anexo 2 - MODELO DO DESENHO PEDAGÓGICO (DP) DA REDE ANÍSIO TEIXEIRA - PARA AS FORMAÇÕES EM PRODUÇÃO DE MÍDIAS NA EDUCAÇÃO.

Formadores: Gabriel Luhan, Josymar Alves, Marcus Leone, Peterson Azevedo, Rodrigo Maciel, Geraldo Seara, Carlos Barros, Raulino Júnior, Geize Gonçalves, Samuel de Jesus, André Soledade, Luciano Albuquerque, Harrison Araújo, Joalva Menezes.

O quê?

Processo educacional que objetiva capacitar estudantes e professores da rede pública de ensino como produtores e gestores multimídia mediante apropriação tecnológica, reflexões e ações colaborativas e críticas acerca do uso das TICs na Educação e no cotidiano por parte dos sujeitos. Nesse sentido, objetiva-se também estimular a migração para o uso de softwares e licenças livres entre esses atores da comunidade escolar. A formação, em uma perspectiva teórico-prática, se desenvolve mediante processos dialógicos, colaborativos e críticos no que tange às etapas de apropriação e formação tecnológica para uso das TICs, criação, produção e difusão de conteúdos multimídia por partes dos cursistas que, ao término da formação, também poderão atuar como multiplicadores desses saberes em sua unidade escolar e/ou comunidade.

Para quem?

Estudantes e professores da rede pública de ensino do Estado da Bahia residentes em Salvador e Região Metropolitana.

Por quê?

Na contemporaneidade, observa-se uma necessidade imediata na ampliação do que se refere às leituras de mundo. As novas tecnologias já consolidadas exigem, por parte dos sujeitos, apropriação, a capacidade de interpretar e usar as mídias digitais com mais autonomia, profundidade, ética, colaboração e criticidade. Com isso, o curso em questão propõe uma reflexão maior no que se refere ao entendimento e uso das mídias livres como instrumento na construção e compartilhamento de saberes, sobretudo através de discursos autorais. Tudo isso se segue numa perspectiva

dialógica, objetivando o desenvolvimento de competências cognitivas e afetivas, assim como o protagonismo entre os participantes do processo.

Para quê?

A capacitação tem como objetivo democratizar o conhecimento acerca do uso das TICs, gestão de mídias e uso de softwares livres entre professores e estudantes da rede pública de ensino. Nesse sentido, visa-se também estimular a apropriação, uso e disseminação das mídias digitais numa perspectiva crítica, regional e contextualizada, além de fomentar o desenvolvimento de trabalhos voltados à comunicação jornalística e artística colaborativamente nas escolas.

Quais conhecimentos, habilidades e competências serão trabalhados?

Conhecimentos

- a) Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC);
- b) Softwares e licenças livres;
- c) Produção textual para multimeios;
- d) Pauta jornalística, Roteiro, Linguagem e produção audiovisual;
- e) Noções básicas de fotografia;
- f) Gestão de mídias digitais livres;
- g) Mídias e tecnologias educacionais livres da Rede Anísio Teixeira;
- h) Estruturação e dinâmica de um programa de TV.

Habilidades

- a) Usar as tecnologias da informação e da comunicação de forma ética e com criticidade;
- b) Mapear e incentivar o uso e difusão de softwares e licenças livres;
- c) Ler, interpretar, relacionar e produzir “textos” informativos, ficcionais e opinativos, considerando aspectos críticos, regionais e contextualizados;
- d) Produzir, com autonomia, matérias jornalísticas, discursos e narrativas audiovisuais;
- e) Ampliar o uso da fotografia como instrumento crítico de memória e documentação;

- f) Fomentar o uso e gestão de mídias digitais livres;
- g) Planejar, desenvolver e avaliar softwares e mídias educacionais livres da Rede Anísio Teixeira;
- h) Produzir e gerir um programa de TV considerando suas peculiaridades.

Competências

Planejar, produzir e compartilhar mídias e conteúdos digitais livres de maneira crítica, contextualizada, colaborativa e regionalizada.

Como os conhecimentos, habilidades e competências serão trabalhados?

Durante o curso Produção de Mídias Estudantis, os participantes passarão por módulos em caráter de oficina que abordarão os seguintes conteúdos: Uso de softwares e licenças livres, produção textual para multimeios, fotografia, pauta jornalística, roteiro para ficção, documentário, para construção de um programa da TV, produção audiovisual para a WEB. Em cada módulo haverá compartilhamento de conhecimentos teóricos e práticos dos conteúdos propostos. Vale ressaltar que todo conteúdo previsto para o curso não será estanque. Isso significa dizer que os módulos dialogam entre si. Na parte prática, os participantes vão, de fato, passar por uma experiência de implementação de tudo que foi proposto e mediado durante o processo. Em seguida, estudantes e professores avaliarão as produções feitas pela turma e, numa perspectiva dialógica, vão cooperar de forma crítica para o aprimoramento de cada trabalho apresentado.

Como a ação/produção/formação será desenvolvida?

O curso propõe, em 2016, formar 6 turmas. Cada turma terá 20 participantes totalizando 120 cursistas entre estudantes e professores da rede pública de ensino. Cada turma terá uma carga horária de 56h, sendo 40h de aulas teórico-práticas, 12h de produção e compartilhamento de mídias e conteúdos livres num evento específico e 4 horas para avaliação do processo.

Durante a capacitação os participantes serão estimulados a implantar núcleos de produção, gestão e compartilhamento de mídias em suas unidades escolares.

Também, em tal processo, haverá estímulo para os participantes, sobretudo nas escolas, usarem dispositivos digitais móveis de fácil acesso (celulares e câmeras fotográficas) nas produções audiovisuais.

Obs.: Objetiva-se que cada turma seja formada por grupos com a participação de estudantes e professores interagindo colaborativamente. Com isso possibilitamos, com mais facilidade, a implantação de um núcleo de produção e gestão de mídias em cada escola atendida.

Formação teoria e prática:

- Acolhimento e proposta do curso/ software e licença. livre/ desenho pedagógico /produção textual para multimeios;
- Produção textual para multimeios e publicação no blog PW/PO (teoria)/fotografia (captação e edição - teoria);
- Fotografia (captação e edição - prática);
- Produção de pautas jornalísticas (texto e foto/audiovisual) - atividades teóricas/e planejamento das pautas no IAT (prática)/ roteiro para programa de TV;
- Realização de uma pauta jornalística (texto e foto) - atividade prática/ publicação no blog PW e PO;
- Etapas de produção e composição de um set de filmagem/linguagem para o audiovisual/técnicas de captação de imagem e som;
- Realização audiovisual no IAT - jornalismo (prática de entrevista rápida, bancada e cobertura);
- Edição de vídeo (teoria e prática);
- Edição e finalização de vídeo (teoria e prática);
- O som no audiovisual/ edição e finalização de áudio/apresentação das produções (exercícios);
- Realização de um programa de TV/Avaliação do processo.

Como a ação/produção/formação será avaliada?

Durante o processo formativo, ao final de cada aula, os formadores conversaram sobre o desempenho dos cursistas. Isso balizar a continuidade da formação nos dias seguintes. Também, ao final do processo, a equipe responsável pela promoção do curso de produção de mídias estudantis e os participantes vão se reunir a fim de discutir quais foram os aspectos positivos e negativos de cada ação. A avaliação não terá caráter regulatório, será um espaço para a troca de experiências e de conhecimentos a fim de reconhecer aquilo que precisa ser melhorado e o que deve ser mantido. Além disso, será proposto para cada turma a criação de núcleos estudantis de produção multimídia nas unidades escolares representadas pelos cursistas.

Como a ação/produção/formação será compartilhada?

Algumas ações do processo serão registradas de forma multimídia e compartilhadas no Ambiente Educacional Web e nas mídias sociais dos cursistas. Será sugerido também que as produções do processo formativo e o que for feito posterior a este sejam compartilhadas em ambientes virtuais dos participantes.

Os módulos produzidos pelos formadores e usados na capacitação também serão disponibilizados no AEW, especificamente no Blog do Professor WEB e da Professora Online.

Para que toda a ação ocorra de forma satisfatória, a equipe responsável vai precisar dos seguintes recursos materiais:

Canetas, lápis e blocos de papel;
Computador;
Projetor multimídia;
Equipamento fotográfico e de filmagem;
Gravadores digitais;
Microfones;
Tripés;
Refletores;

Mesa de som;
Caixa de som;
Sala específica para a formação;
Internet;
Lanche para os participantes.

Quais são os dispositivos de referência?

Mídias da Rede Anísio Teixeira;
Referências bibliográficas e digitais citadas abaixo pelos formadores;
Cartilha de Mídias e Tecnologias Educacionais Livres:
<http://ambiente.educacao.ba.gov.br/conteudos-digitais/conteudo/exibir/id/3980>

Anexo 3 - DOCUMENTOS QUE CONFEREM LEGITIMIDADE AO PROGRAMA DE DIFUSÃO DE MÍDIAS E TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO DA BAHIA - REDE ANÍSIO TEIXEIRA/SEC

anapaularvsl4@gmail.com
apsantos.nat@sec.ba.gov.br

3116-9019
Ana Paula

Projeto TV Anísio Teixeira
Resultado da Etapa Final (FORMAÇÃO) do processo de seleção dos professores da Rede Estadual da Educação

Licenciatura plena em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

- 11.349.917-0 Cláudia Cely Pessoa de Souza Acunã
- 11.304.632-5 Cristiane Oliveira Brito
- 11.248.081-9 Joalva de Moraes Paixão
- 11.341.880-7 Marcus Leone Oliveira Coelho
- 11.395.595-6 Geize Gonçalves de Oliveira

Licenciatura plena em Arte

- 11.348.680-0 Armando Alexandre Costa de Castro
- 11.383.590-2 Márcia Cristina Silva Barros
- 11.385.094-4 Nildson José B. Albergaria Veloso do Sacramento
- 11.385.797-0 Viviane Paraguaçu Nunes

Licenciatura plena em Inglês

- 11.249.127-6 Geraldo Antônio Nascimento Seara

Licenciatura plena em Biologia

- 11.351.183-3 Márcia Pereira de Almeida

Licenciatura plena em História

- 11.371.914-8 Carlos Antônio Barros de Oliveira

Licenciatura plena em Geografia

- 11.410.301-5 Peterson Azevedo Amorim

Licenciatura plena em Filosofia

- 11.414.873-0 Maria de Fátima Barbosa Coelho

Licenciatura plena em Educação Física

- 11.361.268-9 Maria Auxiliadora Carvalho Almeida

Licenciatura plena em Sociologia

- 11.274.877-0 Maria da Conceição Simões Miranda

Psicopedagogia

- 11.274.976-8 Elzeni Bahia Gois de Souza
- 11.230.908-8 Lillian Campos Carvalho Rezende

Coordenador Pedagógico

- 11.230.657-8 Lúcia Marsal Guimarães Silva
- 11.247.937-1 Maria da Conceição Carvalho Dantas

PORTARIA Nº 9.004/08
Publicada no D O E 20/08/2008

O SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA, no uso de suas atribuições, RESOLVE:

Art. 1º - Fica instituído o Programa de Difusão de Linguagens e Tecnologias da Comunicação Rede Anísio Teixeira, tendo como objetivo integrar os projetos da TV Anísio Teixeira, rádio web, Portal da Educação e "Informes IAT"; e o desenvolvimento de cursos e atividades formadoras para professores da Rede Estadual da Educação centradas nas diversas linguagens da comunicação.

Art. 2º - O programa, subordinado à Diretoria Geral do IAT, atenderá às demandas do Instituto Anísio Teixeira IAT, voltadas para pesquisa, formação e experimentações estético-pedagógicas em produções comunicacionais, e deverá atender as necessidades das diretorias que compõem o Instituto, em prol do desenvolvimento e ampliação da experimentação e uso das Tecnologias da Informação e Comunicação nos processos de ensino e aprendizagem.

Art. 3º - O programa de Difusão de Linguagens e Tecnologias da Comunicação Rede Anísio Teixeira terá como finalidades:

I. Produzir e desenvolver projetos pedagógicos que utilizem as diversas linguagens e suportes midiáticos; II. Veicular para as Escolas da Rede Estadual da Educação programas de televisão que auxiliem o conteúdo curricular; III. Elaborar projetos experimentais no formato audiovisual, integrando diversas linguagens comunicacionais e suportes; IV. Construir peças jornalísticas especializadas em Educação, Cultura e Ciência, utilizando a linguagem do webjornalismo, da fotografia, do audiovisual e dos meios impressos; V. Difundir na Rede Estadual peças comunicacionais produzidas por instituições parceiras, organizações do terceiro setor, comunicadores e artistas que tragam do ponto de vista ético, estético e conceitual perspectivas e conteúdos de interesse da comunidade escolar; VI. Estabelecer pontes entre o ensino superior e a educação básica, por meio da divulgação de pesquisas acadêmicas, experiências educacionais inovadoras e avanços científicos; VII. Atuar em prol da defesa dos direitos humanos e auxiliar na erradicação do analfabetismo, por meio de veiculação e fomento de criação de campanhas publicitárias, de caráter educacional; VIII. Inter-relacionar formas de conhecimento e conteúdos de diferentes disciplinas, por meio de produtos comunicacionais; IX. Auxiliar na divulgação de valores artístico-culturais e de espaços turísticos da Bahia na rede pública de ensino; X. Promover o encontro entre áreas do conhecimento relacionados com os projetos: ARTE, EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO e TECNOLOGIA e deixar registros impressos, imagéticos e audiovisuais dos processos de produção e pesquisas que fundamentam os projetos mencionados; XI. Oferecer cursos e atividades de formação, centrados nas diversas linguagens da comunicação, para professores da Rede Estadual da Educação.

Art. 4º - O Programa deve dialogar com as ações de experimentação, implementadas pelo IAT, com Núcleos de Tecnologia Educacional, dar suporte à perspectiva educacional que fundamenta o Plano de Valorização e Formação dos Profissionais da Educação, bem como atuar em prol do desenvolvimento organizacional.

Art. 5º - A composição das equipes que atuarão no Programa de Difusão de Linguagens e Tecnologias da Comunicação Rede Anísio Teixeira para desenvolver os projetos relacionados a este deverá ser integrada por: I. Coordenadores Técnicos, com formação relacionada às áreas do conhecimento de Arte, Educação, Comunicação e Tecnologia; II. Professores selecionados e recrutados da Rede Estadual da Educação; III. Coordenadores II e III, com perfil e qualificação requerida; IV. Profissionais da área de tecnologia e informação; V. Designers e Webdesigners; VI. Comunicadores das diversas habilitações (jornalistas, publicitários, produtores culturais, locutores, ilustradores etc.); VII. Artistas (diretor de TV, cineasta, diretor de elenco, ator etc.); VIII. Técnicos em Audiovisual; IX. Arquivistas; X. Técnicos Administrativos; XI. Pesquisadores, com perfil e qualificação requerida. Parágrafo Único: o número de pessoas que compõem a equipe do programa será definido ao longo do processo de acordo com as necessidades de desenvolvimento do programa.

Art. 6º - Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação. * Republicada por haver saído com incorreção.

Salvador, 15 de agosto de 2008.

Adeum Hilário Sauer

3924/2015	7889/2013	27/11/2013	115378079	TANIA SILVA NASCIMENTO	Desistência
-----------	-----------	------------	-----------	------------------------	-------------

RETIFICAR - SUBSTITUIÇÃO

Ato retificador	Ato retificado	Tipo ato	DOE	Cadastro	Nome
4154/2015	3719/2015	PO	29/05/2015	112033777	ANA GRACIA DE OLIVEIRA TEIXEIRA

Onde se lê: Função: -; Início: 28/05/2014; Uee: Sudepe/Dipes - Salvador -
Leia-se: Função: DIRETOR DAS-2C; Início: 28/05/2015; Uee: Sudepe/Dipes - Salvador - 26

PORTARIA Nº 4139/2015. O SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA, no uso de suas atribuições e nos termos do quanto disposto no artigo 235, da Lei Estadual nº 6.677/94, RESOLVE: Determinar o arquivamento do processo sob nº 0043638-6/2013 de acordo com Parecer às fls. 331/333. Salvador, 16 de junho de 2015. Osvaldo Barreto Filho, Secretário da Educação.

PORTARIA Nº 4141/2015. O SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA, no uso de suas atribuições e com base no art. 216 da Lei nº 6.677/94, RESOLVE, Prorrogar por mais 60 (sessenta) dias, o prazo para a conclusão dos trabalhos da Comissão de Processo Administrativo Disciplinar, constituída pela Portaria n.º 2768/2015, publicada no Diário Oficial de 28 de abril de 2015, modificada pela portaria de nº 2995/2015, publicada no Diário Oficial de 08 de maio de 2015, referente ao Processo n.º 0003212-8/2012; pertencente à NRE 26 – Salvador, Bahia, Salvador, 16 de junho de 2015. Osvaldo Barreto Filho, Secretário da Educação.

PORTARIA Nº 4142/2015. O SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA, no uso de suas atribuições e com base no art. 216 da Lei nº 6.677/94, RESOLVE, Prorrogar por mais 60 (sessenta) dias, o prazo para a conclusão dos trabalhos da Comissão de Processo Administrativo Disciplinar, constituída pela Portaria n.º 2769/2015, publicada no Diário Oficial de 28 de abril de 2015, modificada pela portaria de nº 2994/2015, publicada no Diário Oficial de 08 de maio de 2015, referente ao Processo n.º 0026117-8/2012; pertencente à NRE 26 – Salvador, Bahia, Salvador, 16 de junho de 2015. Osvaldo Barreto Filho, Secretário da Educação.

PORTARIA Nº 4143/2015. O SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA, no uso de suas atribuições e com base no art. 216 da Lei nº 6.677/94, RESOLVE, Prorrogar por mais 60 (sessenta) dias, o prazo para a conclusão dos trabalhos da Comissão de Processo Administrativo Disciplinar, constituída pela Portaria n.º 2775/2015, publicada no Diário Oficial de 29 de abril de 2015, modificada pela portaria de nº 2993/2015, publicada no Diário Oficial de 08 de maio de 2015, referente ao Processo n.º 0033384-3/2012; pertencente à NRE 26 – Salvador, Bahia, Salvador, 16 de junho de 2015. Osvaldo Barreto Filho, Secretário da Educação.

PORTARIA Nº 4144/2015. O SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA, no uso de suas atribuições e com base no art. 216 da Lei nº 6.677/94, RESOLVE, Prorrogar por mais 60 (sessenta) dias, o prazo para a conclusão dos trabalhos da Comissão de Processo Administrativo

PORTARIA Nº 4092/2015. O SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA, no uso de suas atribuições, RESOLVE: reconhecer a relevância para o desenvolvimento da atividade Educação e autorizar a implementação na rede pública estadual de Ensino Fundamental e Médio, dos programas e projetos a seguir identificados:

PROGRAMA / PROJETO	UNIDADE DE VINCULAÇÃO	OBJETIVO
PACTO PELO FORTALECIMENTO DO ENSINO MÉDIO	SUPED	Formação continuada de professores e Coordenadores Pedagógicos do Ensino Médio para aprofundamento e atualização de conceitos e práticas.
PACTO PELA EDUCAÇÃO	SUPED	Cooperação com os sistemas municipais para garantir o direito à alfabetização e melhoria dos indicadores educacionais do Estado.
PROJETOS ARTÍSTICOS (AVE, FACE, TAL, JERP, PROVE, DANCE, EPA, ENCANTE)	SUPED	Desenvolvimento de linguagens artísticas e esportivas (música, artes visuais, literatura, patrimônio, cinema, canto e coral e jogos) nos contextos escolares, como parte da formação do educando.
REDE ANÍSIO TEIXEIRA	IAT	Difusão de mídias e tecnologias educacionais, tendo como público alvo: estudantes e professores da rede pública estadual de ensino.
CIÊNCIA NA ESCOLA (PCE)	IAT	Promoção da Educação Científica dos professores e estudantes da rede estadual, incluindo alfabetização científica e tecnológica.
GESTÃO DE APRENDIZAGEM ESCOLAR (GESTAR)	IAT	Promoção da melhoria do ensino e da aprendizagem de língua portuguesa e matemática nas séries finais do Ensino Fundamental.
MONITORAMENTO, ACOMPANHAMENTO, AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA (PAIP)	SGINF	Promover a melhoria dos índices educacionais através do acompanhamento, monitoramento, avaliação e intervenção pedagógica da rede pública estadual de ensino.

Salvador, 15 de junho de 2015. Osvaldo Barreto Filho - Secretário da Educação

PORTARIA Nº 4186/2015. O SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA, no uso de suas atribuições, em obediência ao Art. 51, § 4 da Lei Federal 8.666/93 e Art.72,§2º da Lei Estadual 9.433/2005, Lei Federal 11.947/09, Resolução 038/09-FINDE, RESOLVE: Art. 1º- Ficam designados os servidores MARAÍSA SANTANA DOS SANTOS cadastro nº 11.529.356-2; ANA SUELI SANTOS SILVA cadastro nº 11.254.679 -6; ÂNGELA MARIA TRINDADE SOUZA cadastro nº 11.258.675-4 para sob a presidência da primeira ou, em eventuais impedimentos desta, sob a presidência da segunda, comporem a Comissão Permanente de Licitação, no âmbito do COLÉGIO ESTADUAL GOÊS CALMON, jurisdicionado ao NRE 26-Salvador, tendo por suplente IVAN MÁRCIO BRAGA MUCCINI cadastro nº 11.342.126-6. Art. 2º - A Comissão designada terá atuação limitada à modalidade Carta Convite. Art. 3º Revoguem-se as disposições em contrário. Salvador, 16 de junho de 2015. OSVALDO BARRETO FILHO – Secretário.

Anexo 4 - Registros fotográficos das Atividades Formativas da Rede Anísio Teixeira.

Reunião de pauta

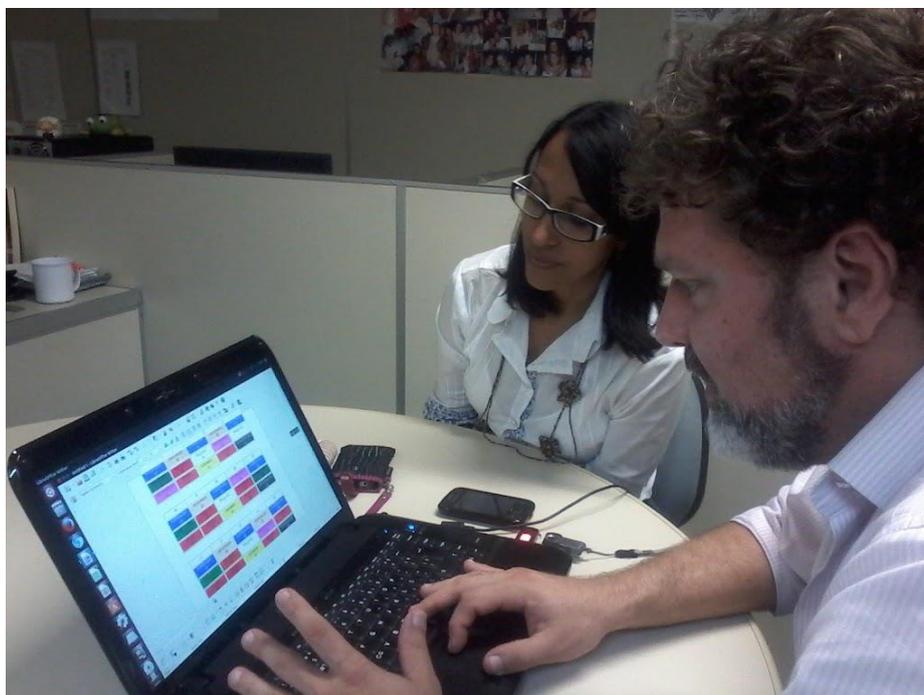


Foto - Rede Anísio Teixeira

Curso de Interpretação para teatro



Foto - Rede Anísio Teixeira

Encontro Estudantil na Arena Fonte Nova (2017)



Foto - Peterson Azevedo

Encontro Estudantil na Arena Fonte Nova (2017)



Foto - Peterson Azevedo

Encontro Estudantil na Arena Fonte Nova, mesa de debates sobre arte-educação (2017)



Foto - Peterson Azevedo

Palestra do Professor doutor Nelson Preto sobre Comunicação e Educação (2017)



Foto - Peterson Azevedo

Formação na Escola indígena Tupinambá de Olivença (2014)



Foto - Peterson Azevedo

Formação na Escola indígena Tupinambá de Olivença (2014)



Foto - Peterson Azevedo

Formação em fotografia na Escola em Porto Seguro - BA (2015)



Foto - Peterson Azevedo

Formação na Escola indígena Tupinambá de Olivença (2014)



Foto - Peterson Azevedo